



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DOUTORADO

DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM O AUTISMO:
Um estudo linguístico saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na
linguagem

Isabela Barbosa do Rêgo Barros

João Pessoa, 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DOUTORADO

DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM O AUTISMO:
Um estudo linguístico saussureano e benvenistianiano sobre a posição do autista na
linguagem

Tese de Doutorado, sob orientação da Prof^a.
Dr^a. Mônica Nóbrega, apresentada à banca
examinadora do Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal da Paraíba
(Campus I) como requisito para obtenção do
título de Doutor em Letras.

João Pessoa, 2011

B277d Barros, Isabela B. do Rêgo.

*Da linguagem e sua relação com o autismo:
um estudo linguístico saussureano e benvenistiano
sobre a posição do autista na linguagem / Isabela
B. do Rêgo Barros.- João
Pessoa, 2011.*

135f. : il.

Orientadora: Mônica Nóbrega

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA

*1. Linguagem – Autismo. 2. Fonoaudiologia e
Linguística. 3. Compreensão da linguagem. 4.
Comunicação no autismo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** pela paciência e pelo conforto nos momentos de ansiedade, pela certeza nas horas de dúvida, pela inspiração quando ficamos cegos e não encontramos as respostas e por ser o norte quando parecemos à deriva.

Agradeço ao respeito, à segurança, à confiança e ao amor desmedido dos meus pais, **Ronaldo** e **Zenilda**, que sempre me deixaram seguir e me ensinaram que os sonhos existem para serem vividos e os desafios existem para serem ultrapassados com respeito, dedicação e coragem.

Quero agradecer ao carinho, à compreensão, à concessão e à união dos meus irmãos, **Patrícia** e **Romildo José**, que souberam escutar e entender o inexplicável.

Agradeço à preocupação de **vovó Anésia** e das tias **Auri** e **Néo** que ansiavam pelas minhas conquistas e tiveram ciúme das horas dedicadas à pesquisa.

Agradeço aos empréstimos e à solicitude das primas **Bárbara**, **Marília** e **Thaís** que nunca impuseram limites ou se negaram em ajudar-me.

Agradeço à amizade, à solidariedade, à alegria, ao companheirismo, ao afeto e aos ideais dos amigos **Natan**, **Téo**, **Ina**, **Denise**, **Edilma**, **Raquel**, **Dani**, **Vagner**, **Cleide** e **Cassandra**, pessoas tão antagônicas e especialmente únicas, que, sem explicação, foram colocadas em minha vida e souberam ensinar-me, cuidadosamente, o que eu precisava aprender para crescer em humanidade.

Quero agradecer ao bom senso, ao cuidado, à seriedade, ao carinho, à amizade, à sabedoria e à competência de **Mônica Nóbrega** e de **Valdir Flores** que sempre provocaram as desestruturas necessárias ao meu amadurecimento científico.

Agradeço à **Capex** pelo incentivo à pesquisa no Brasil através do apoio financeiro concedido aos novos pesquisadores.

Agradeço à confiança e à compreensão dos **meus pacientes** e de **suas famílias** que permitem meu exercício diário e que eu participe de momentos especiais em suas vidas.

Por fim, agradeço ao **acaso**, um dos nomes para os desígnios de **Deus**, que me permitiu conhecer, viver e compartilhar sentimentos com tão nobres pessoas.

RESUMO

A linguagem é tema central nos estudos sobre o autismo por implicar em um dos pilares para o diagnóstico clínico desse transtorno do comportamento. Entretanto, antes de ser apenas um instrumento diagnóstico, é reduto de constituição e meio de enunciação do sujeito autista. Entender a relação entre este e a linguagem, a partir do reconhecimento do lugar que ocupa perante a língua, a fala e a linguagem, configurou o objetivo desta tese, construída no campo da teoria linguística baseada em concepções de Ferdinand de Saussure e nas concepções enunciativas de Émile Benveniste. A grande incidência de discussões teóricas sobre a linguagem em fonoaudiologia, marcada, sobretudo, pela caracterização ou pela observância de sua existência ou inexistência no autismo, além da escassez de diferentes estudos voltados para a percepção do autismo sob o ponto de vista da linguística, motivaram a construção desta tese. Esta se caracteriza como um estudo teórico no qual lançamos um olhar estruturalista sobre a linguagem, em que são apresentados trechos da linguagem de duas crianças autistas a título de ilustração em meio às discussões, evidenciando uma maneira peculiar ao autista se relacionar com a linguagem, com a língua e com a fala permeada pela segurança entre a linguagem e o sujeito. Concluímos que o sujeito autista está plenamente inserido no sistema linguístico saussureano de uma maneira peculiar, estabelecendo uma relação mais intensa com a fala em decorrência da objetividade das relações sintagmáticas em comparação às relações associativas que exigem a exposição do sujeito. Desta forma, estabelece uma relação desigual na língua marcada pela conquista de posições extremas: preso ao eixo sintagmático por meio de uma fala ecológica ou solto no eixo associativo por meio de neologismos. Quando nos apoiamos nas concepções de Benveniste, concluímos que há dois tipos de relacionamento do sujeito autista com a fala: uma relação do tipo sujeito–objeto marcada pela auto-estimulação e pela segurança no objeto e outra relação do tipo sujeito-linguagem caracterizada por ser a fala meio de enunciação do sujeito. Essas constatações permitiram-nos considerar que na linguagem há uma posição singular de sujeito da enunciação, onde as inadequações no uso dos pronomes comum à linguagem do autista, com a indiferenciação do “eu” e do “tu”, promove o surgimento da posição “ele”, alguém de quem se fala, como o lugar de enunciação do sujeito autista. Esse conhecimento possibilita ao fonoaudiólogo entender a linguagem como algo além da comunicação e compreender que a sintomatologia do autismo é, na verdade, a única possibilidade encontrada do sujeito se enunciar, sendo, portanto, uma característica da linguagem.

Palavras-chave: linguagem; autismo; fonoaudiologia; linguística.

ABSTRACT

The language is a central theme in studies of autism because it implies one of the pillars for the clinical diagnosis of conduct disorder. However, rather than just a diagnostic tool, is the home of the constitution and means of enunciation of the autistic subject. Understanding the relationship between this language and, from the recognition of the place it occupies in the face of language, speech and language, set the goal of this thesis, within the field of linguistic theory based on ideas of Ferdinand de Saussure and the ideas enunciative of Émile Benveniste. The high incidence of theoretical discussions of language in Speech Therapy, marked mainly by the characterization or the observance of its existence or nonexistence in autism, and the scarcity of studies on the different perceptions of autism from the point of view of linguistics, motivated the construction of this thesis. This is characterized as a theoretical study in which cast a look on the structuralist language, they are presented excerpts of two autistic children language by way of illustration in the midst of discussions, showing a peculiar way for the person to relate to language, with language and speech permeated with security between language and subject. We conclude that the autistic subject is fully inserted into the linguistic system of Ferdinand Saussure in a peculiar manner, establishing a more intense relationship with speech due to the objectivity of syntagmatic relations compared to the associative relationships that require exposure of the subject. Thus, establishes an unequal relationship in the language marked by the achievement of extreme positions, attached to the shaft by means of a syntagmatic speech echolalia or loose on the shaft by means of associative neologisms. When we rely on conceptions of Benveniste, we conclude that there are two types of relationship between the individual with autism with speech: a relation of subject-object marked by self-stimulation and security on the object and a relation of subject-language is characterized by through the speech utterance of the subject. These findings led us to consider that there is language in a unique position as a subject of enunciation, where inadequacies in the use of pronouns to the common language of autistic, with the differentiation of "I" and "you", promotes the emergence of the position "him", someone who speaks as the place of enunciation of the autistic subject. This knowledge allows the audiologist to understand the language as something beyond communication and understand the symptoms of autism is, in fact, the only possibility to state the subject is found, therefore, a language feature.

Keywords: language; autism; Speech Therapy; linguistic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	19
 Capítulo 1: Fonoaudiologia e Linguística: a influência dos estruturalismos na compreensão da linguagem.....	 21
1.1 Estruturalismo linguístico francês: o começo de tudo.....	24
1.2 Estruturalismo linguístico americano: o lugar da comunicação nos estudos linguísticos.....	28
3.1 Fonoaudiologia e Linguística: a questão da comunicação no autismo.....	31
Capítulo 2: Linguagem, língua e fala: reflexões à luz da linguística.....	44
2.1 A união de três instâncias: linguagem, língua e fala.....	47
2.2 Língua: o domínio de Ferdinand de Saussure.....	60
2.3 Fala: uma instância “secundária”?.....	67
2.4 A linguagem no escopo de Émile Benveniste.....	72
Capítulo 3: O lugar do autista na fala, na língua e na linguagem.....	81
3.1 O intenso relacionamento entre o autista e sua fala.....	83
3.2 A relação autista e linguagem na instância da língua.....	92
3.3 Linguagem e autismo: uma relação peculiar.....	106
 REFLEXÕES FINAIS.....	 126
REFERÊNCIAS.....	132

INTRODUÇÃO

(...) Alguém pronuncia a palavra *nu*: **um observador** superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão duma ideia, como correspondente ao latim *nūdum* etc. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que **é o ponto de vista que cria o objeto**. (SAUSSURE, [1916] 2006, p.15) [grifos nossos]

Iniciamos nossos estudos citando Ferdinand de Saussure, não apenas pela sua condição de marco da linguística moderna, devido a sua contribuição para uma formalização rigorosa das pesquisas em linguística, instituindo seu lugar fora do eixo das ciências exatas. Nem por ser Saussure um dos pilares de nossas investigações a respeito da linguagem. Elegemos iniciar por Saussure pelos valores metodológicos que transcendem seu campo de conhecimento e que definem o espírito científico na perspectiva de que **é o ponto de vista que cria o objeto**.

Em seus estudos, as atenções de Saussure estavam voltadas unicamente para definir um objeto ao mesmo tempo integral e concreto para a linguística, distinguindo-a das demais ciências. No dizer do autor:

(...) Se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – **Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. -, que separamos claramente da Linguística**, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. (SAUSSURE [1916] (2006), p.16) [grifo nosso]

Em qualquer campo do saber, é fundamental a existência dos diferentes olhares sobre um mesmo objeto que autorize, alimente, renove e crie as bases das pesquisas científicas. Sendo assim, o olhar de **um observador** (sujeito) voltado para um objeto, ganha a força e o status científico, passando do lugar comum ao lugar de objeto de conhecimento.

Entretanto, definir-se por um objeto de estudo requer dos especialistas um posicionamento teórico que assegure e defenda sua prática, excluindo, por conseguinte, conceitos divergentes.

Agrupada no item diagnóstico, desvios na comunicação que incluem mutismo, neologismo, ecolalia¹ imediata e tardia, inversão pronominal (substituição da primeira pessoa do singular pela terceira pessoa) ou dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal, **a linguagem**, objeto desta tese, representa uma unanimidade entre os pesquisadores do autismo no destaque dado a sua caracterização, por considerá-la fundamental para compor o diagnóstico clínico, juntamente com as alterações no comportamento social e no uso da imaginação.

Dessa maneira, as teorizações sobre a linguagem no autismo quase sempre recaem sobre seus aspectos formais e funcionais, detendo-se nas características da língua e da fala ou na dificuldade de comunicação. Assim, há uma vasta gama de textos que destacam o mutismo, o neologismo, o aspecto atemporal rígido, descontextualizado, perseverante e repetitivo da linguagem do autista, evitando tecer considerações sobre a relação autista e linguagem. (FERNANDES, 1995, 1996, 2003; PERISSINOTO, 2003; FERRARI, 2007)

A carência de respostas em torno dessa relação despertou meu interesse em investigá-la a partir da inscrição do autista na linguagem, na língua e na fala baseadas nas reflexões que desenvolvo na clínica de saúde mental, originadas nos meus questionamentos sobre o entendimento que a fonoaudiologia possui da linguagem e, de modo particular, da linguagem no autismo, uma vez que há uma relação direta entre o conceito que se tem de linguagem e a abordagem clínica adotada no tratamento do autista.

¹ Repetição de trechos ou da totalidade do discurso de outro indivíduo efetuada pelo autista, sem um aparente contexto.

Faço aqui dois adendos. O primeiro, para mencionar que em minha dissertação de mestrado (RÊGO BARROS, 2006), destaco que efeitos de linguagem já são percebidos no autismo quando constatamos mudanças na relação do autista com sua linguagem a partir da intervenção clínica fonoaudiológica, que oscilam entre a total colagem ao discurso do outro e as variações no padrão ecológico; e destaco ainda minha discordância aos posicionamentos que enfatizam unicamente os déficits e as impossibilidades da linguagem.

O segundo adendo é um esclarecimento: não pretendemos nesta tese fazer considerações sobre o ambiente ou a atuação clínica, no entanto, é inevitável não mencionar a clínica, meu lugar original e onde o que se desvia na linguagem se concentra. Afinal, é na atuação clínica que percebemos diferentes entendimentos ou modos de compreender o objeto linguagem que orientam e respaldam as intervenções fonoaudiológicas.

Tradicionalmente, segundo Palladino (2004), há três modos de compreender a linguagem em fonoaudiologia. O primeiro, denominado empirista, é o mais antigo e difundido entre os fonoaudiólogos. Está marcado pelas concepções da corrente psicológica do behaviorismo. Nele a linguagem é percebida como fruto de um processo de aprendizagem, com destaque para os aspectos funcionais de representar e comunicar um conhecimento.

O segundo modo, denominado racionalista, percebe a linguagem como uma faculdade mental específica, uma parte biológica da espécie, e recebe influência da concepção gerativista chomskiana e do connexionismo². Neste, há a crença de que a linguagem é uma faculdade mental relacionada à gramática da língua.

A diferença entre as duas escolas racionalistas mencionadas está em considerar

² Escola linguística surgida a partir da década de 1980 auxiliada pelos avanços da neurociência e da computação. (FINGER, 2008)

o que é inato. Para o connexionismo, não há um conhecimento inato da linguagem que seja de domínio específico, mas há processadores inatos, localizados e de domínio não específicos de informações sobre a linguagem. Estes, segundo os connexionistas, resultam do mesmo mecanismo responsável por todos os processos cognitivos humanos, não havendo uma região cerebral particular para o conhecimento linguístico. Os connexionistas justificam essa posição afirmando que é difícil explicar o que é inato sem se ter conhecimento sobre o que de fato é adquirido na língua. (FINGER, 2008)

A terceira concepção, a dialética, recebeu influência da psicanálise lacaniana ao considerar a importância do sujeito e a sua relação com a linguagem. As discussões geradas pela interlocução psicanálise e fonoaudiologia despertaram interesse entre os fonoaudiólogos pelo significado do sintoma, do *setting* terapêutico e da dinâmica familiar, que provocaram mudanças no olhar do profissional, voltando-o para o sujeito, para a clínica e para os desvios de linguagem, antes baseado no processo saúde/doença.

Há um destaque para o papel constitutivo da linguagem, em contrapartida ao seu caráter representativo e de sua função comunicativa. A linguagem é a manifestação máxima da subjetividade, essência constitutiva da posição de sujeito. (PALLADINO, 2004). Torna-se importante para a fonoaudiologia ver o que a linguagem pode “dizer” sobre o sujeito, que sentido encontrar em uma fala marcada por desvios.

É no aspecto de uma linguagem que revela algo do sujeito, o seu modo de estar na linguagem e não apenas um sinal de algo desorganizado, que percebo a linguagem no autismo e defendo uma maneira particular de relação do autista com a linguagem. Indo mais além: ao confirmar que o autista tem e está na linguagem, afirmo que há uma possibilidade de enunciação no autismo. Defendo uma compreensão e uma relação entre sujeito e linguagem pautadas na teoria da enunciação de Émile Benveniste.

No sentido de uma possibilidade de linguagem que inclua o que se desvia, meu trabalho compartilha dos pontos de vista de Flores (2008), ao demonstrar interesse em “apresentar algumas considerações acerca de uma linguística que tome a linguagem pelo que ela tem de singular – no caso, a patologia -; que fundamente um ponto de vista geral sobre a linguagem e, enfim, que se instaure a partir da suposição de um falante-ouvinte ‘não ideal’.” (idem, p.63) Compartilha ainda do interesse de Surreaux (2008) por uma clínica que aborde o sintoma de linguagem seguindo “uma concepção de linguagem que comporta o funcionamento do que é irregular e de uma noção de sintoma que considera a manifestação languageira como algo próprio do sujeito”. (idem, p.32)

Haja vista meu interesse em abordar a linguagem como uma manifestação singular do sujeito falante, o leitor não encontrará nesta tese a terminologia linguagem patológica em referência ao nosso objeto de estudo. Explicando minha opção por desvincular a linguagem da imagem do modelo científico médico positivista, calcado em uma concepção de saúde/doença, julgo que, ao definir a linguagem como patológica, esta é colocada como um corpo doente a ser convescido em busca do seu retorno ao padrão de normalidade, onde o certo e o errado têm espaço.

Isto posto, esclareço que utilizarei o termo linguagem sintomática como algo que é peculiar ao sujeito falante. Nesse ambiente o que se desvia na linguagem é percebido como um sintoma que caracteriza o sujeito que fala, aceitando a linguagem como única em cada sujeito.

De uma maneira geral, os estudos científicos sobre o autismo seguiram a mesma tradição encontrada na fonoaudiologia e são marcados por conceber a linguagem como um comportamento aprendido, como um instrumento de comunicação ou como forma de ação ou interação. Isso justifica a posição assumida por grande parte das ciências em colocar a pessoa autista ausente da possibilidade de linguagem, uma vez que duas das

principais características sintomatológicas presentes no autismo - a dificuldade na comunicação e na interação - são requisitos para a definição de linguagem.

Discordamos da ausência de linguagem no autismo e acreditamos que aceitar e comungar dessa ideia implica em afirmar que o autista não é humano e, se não é humano, seria comparável a um animal. Discurso esse confirmado por Cavalcanti e Rocha (2001) na síntese do pensamento de alguns pesquisadores, a seguir:

Uma rápida incursão na lista dos traços tomados como sintomas indicadores do Autismo no campo da psiquiatria infantil nos levaria a concluir que essas crianças não são gente, pois não têm linguagem, não falam e quando falam são papagaios: suas falas são repetitivas e não têm sentido. (idem, p.55).

De acordo com Elia (2007), os sentidos na linguagem são produzidos na ordem simbólica, seja ela falada ou não, incluindo nessa categoria os gestos, os desenhos, a dança, as expressões faciais e as narrativas orais. Essas manifestações simbólicas são “regidas pelo significante, e assim, ditas verbais, por estarem na dependência do verbo significante, e não por serem expressas via oral.” (idem, p.21) Assim, não existe o não-verbal ou o pré-verbal, pois toda produção é da ordem do simbólico, seja ela falada ou não.

Diante disso e com intuito de colaborar com os avanços das pesquisas sobre a linguagem no autismo, partimos da hipótese de que a concepção de linguagem vinculada à comunicação fruto da linguística estruturalista americana, impede a percepção das marcas de inscrição do autista na linguagem no instante em que, a priori, estabelece a inexistência de linguagem no autismo quando afirma que: se não há comunicação, não há linguagem.

Nesse aspecto, encontrar um entendimento sobre a linguagem e sua diferenciação de língua e fala é de suma importância para a fonoaudiologia, tendo em vista a dificuldade dos pesquisadores em defini-las e a posição instituída na literatura especializada que caracteriza o autista como **despojado de linguagem**.

Tal afirmação invadiu as ciências psicologia, fonoaudiologia e medicina, permitindo a propagação de discursos baseados na ausência: “**fora**” da linguagem, “**não tem**” linguagem, “**não**” fala, que, a priori, nos levam a supor um mundo inabitável, inanimado, árido e estático onde a impossibilidade de existência se faz presente e destitui o autista de um lugar.

Se conceituarmos a linguagem como um comportamento no autismo, teríamos a existência da linguagem, mas na forma de um comportamento desviante (ecolalia, mutismo, neologismo). A linguagem no autismo se encontraria, assim, como um comportamento estereotipado ao lado dos movimentos repetitivos e rotatórios, balanceios de mão e de corpo.

Conceber uma não linguagem quando a entendemos como índice de constituição do sujeito, é conceber a existência de um **não sujeito**, nunca falado por outro, nunca imaginado, nunca projetado, nunca posto na linguagem, é identificar algo da ordem do impossível.

Como ser de linguagem, o sujeito humano se constitui no domínio do verbal. Trata-se de um domínio no sentido de um *campo*, um território, um universo, que contém e subsume o sujeito, mais do que o domínio de uma *função*, isto é, de algo que o sujeito pode dominar ou não. Assim, mesmo que alguém não faça uso da *função da fala* – como os autistas ou alguns psicóticos esquizofrênicos em condições subjetivas cuja gravidade faça com que sua relação com a linguagem se caracterize pela mais completa fragmentação e desconcatenação de sua fala – ainda assim estará no *campo da linguagem*, na medida em que é ser falante, que se constituiu em um mundo de linguagem, o humano. (ELIA, 2007, p. 21)

Diante de uma pessoa com diagnóstico de autismo, é natural o senso comum não esperar evolução no quadro clínico, apenas a confirmação dos aspectos apresentados na tríade diagnóstica: presença de estereotipias motoras e de linguagem, dificuldade na socialização e no uso da imaginação.

Esse posicionamento impossibilita perceber as produções linguísticas como indicativas de um relacionamento singular com a linguagem. Fundir-se no discurso da

não linguagem é cegar para a possibilidade das expressões verbais e não-verbais do autista carregarem um sentido, mantendo a sua permanência no lugar da ausência.

Assim, acreditamos que a não aceitação de um lugar na linguagem para o autismo traz pelo menos duas consequências: 1) a afirmação de que o autista não é humano; 2) a dificuldade do fonoaudiólogo em se colocar como interlocutor e compreender o modo de o autista estar ou se relacionar com a linguagem. Relação essa que ambicionamos compreender e discutir nesta tese.

Lançamos, então, um olhar teórico sobre a linguagem no autismo partindo da fonoaudiologia, mais objetivamente, da “clínica da subjetividade”³, lugar original de minhas inquietações, para dialogar com a linguística, por dois motivos: julgo que a carência de discussões nascidas da interlocução fonoaudiologia e linguística permitiu a disseminação irrefletida e superficial de posições teóricas, instituindo um lugar, às vezes, marginal para a linguagem do autista na literatura especializada; e identifico na linguística modelos explicativos que permitem ao fonoaudiólogo compreender a estrutura e o funcionamento da linguagem e sua relação com um sujeito autista.

De minha parte, encontro essas explicações no campo da teoria estruturalista baseada em concepções de Ferdinand de Saussure e nas concepções enunciativas de Émile Benveniste.

Destaco o estruturalismo entre as demais teorias linguísticas por uma questão histórica e outra metodológica. A histórica diz respeito ao cenário alicerçado no estruturalismo linguístico em que a fonoaudiologia brasileira se firmou em meados da década de 1960 no estado de São Paulo (BERBERIAN, 2000) e em que o autismo surgiu no âmbito científico nos Estados Unidos. A questão metodológica diz respeito a Saussure, que por meio da publicação póstuma de seu Curso de Linguística Geral

³ Termo utilizado por Terçariol (2008) em referência ao modelo clínico derivado da interlocução da fonoaudiologia com teorias e disciplinas distantes do modelo positivista. A autora cita como exemplos a psicanálise, a análise do discurso de linha francesa e o interacionismo brasileiro.

(CLG), apresentou ao mundo o sistema linguístico, estabelecendo uma análise da língua, diferenciando-a logo de início da fala e da linguagem. Conceitos esses fundamentais em fonoaudiologia, mas que em decorrência de diferentes leituras e compreensões da obra saussureana, colocaram o autista ora no lugar daquele que não possui linguagem ora no lugar daquele que a possui.

O que parece ser, a princípio, antagônico, em virtude das escolhas teóricas distintas, e, mais ainda, por ser, segundo Dosse (1994), a linguística da enunciação uma das responsáveis pela crise no estruturalismo no final da década de 1960, torna-se justificável quando colocamos em evidência o sujeito, elemento fundamental para a cena fonoaudiológica.

O estruturalismo linguístico originário de Saussure não evidenciou o sujeito. Isso indicou para muitos estudiosos pós-saussureanos uma negação do pesquisador à existência do sujeito e de seu papel fundamental para os aspectos da língua. Porém, compartilho da posição de Nóbrega (2008) ao sair em defesa de Saussure, afirmando não se tratar de uma exclusão do sujeito, mas uma decisão do autor em não partir do sujeito, não deter-se nele, não falar dele, mas permitir que o sujeito esteja presente nos movimentos do sistema linguísticos para ser pensado de outro modo diferente daquele do senhor absoluto da língua.

Então, por colocar em evidência a relação entre sujeito e linguagem, fazemos alusão a Benveniste, que também comungou dos fundamentos estruturalistas e, juntamente com o antropólogo Claude Lévi-Strauss, um obstinado divulgador do estruturalismo, dirigiu a revista *L'Homme* em 1960. Além do que ajudou a linguística estrutural a penetrar na cúpula da legitimação científica. Suas teses, todavia, originadas em um momento em que se pensava a linguagem descolada do sujeito, foram confinadas ao isolamento devido ao seu temperamento tímido e à posição marginal ao

movimento estruturalista ocupada pelo Collège de France, no qual fora professor. (DOSSE, 1994)

O leitor deverá encontrar nesta tese o sujeito autista como ser de linguagem. Não um sujeito meramente falante, mas que pode ser encontrado no entremeio de língua (social) e fala (individual); aquele que está mergulhado na linguagem. E, por ser o autista um ser de linguagem, a concepção de sujeito que norteia essa tese será aquela oriunda dos estudos de Émile Benveniste e presente no texto “Da subjetividade na linguagem”, de 1958, que afirma: é o eu que se constitui na linguagem e pela linguagem; não é, simplesmente, o homem, nem o locutor.

(...) ele [Benveniste] encontrava, necessariamente, o sujeito que fala e dá (ou pensa dar) sentido. Como lhe dar lugar com todo rigor? Em 1969⁴, uma solução: ele o elimina completamente do semiótico (sistema de sinais fechado, na tradição saussureana), para introduzi-lo no semântico, porque sem sujeito não há função prediativa, não há frase. (NORMAND, 1996, p.145) [acréscimo nosso]

Normand (idem) atribui a Benveniste a passagem da noção não questionada na linguística do sujeito falante (o homem) à noção explicitamente problemática de sujeito da enunciação ou de enunciação, termo, no entanto, ignorado por Benveniste, e que terá lugar nesta tese composta por três capítulos.

No primeiro capítulo, apresento a teoria linguística estruturalista e a relação de influência estabelecida com o conceito de linguagem dominante em fonoaudiologia e com o momento histórico-científico no qual o autismo surgiu. Neste, pretendo situar o leitor no cenário teórico e destacar a importância da teoria linguística estruturalista americana como determinante para tecer as considerações iniciais sobre a linguagem no autismo, justificando a hipótese de que a concepção de linguagem adotada determina a inexistência de uma relação entre o autista e a linguagem.

⁴ Normand se refere ao ano de publicação do texto “Semiologia da língua”, encontrado na obra de Benveniste Problemas de Linguística Geral II.

No segundo capítulo, procuro iniciar as discussões a respeito da relação autismo e linguagem pautada na apresentação dos termos língua, linguagem e fala por representarem conceitos essenciais que permitirão ao fonoaudiólogo entender melhor a peculiaridade da linguagem no autismo. Inicialmente, abordo a língua, a linguagem e a fala como elementos unidos pertencentes à linguagem. Em seguida, procuro comentar cada categoria separadamente, porque acreditamos que, em fonoaudiologia, ter clareza de que a língua e a fala compõem a unidade da linguagem, mas que, ainda assim, cada categoria representa elementos distintos, é fundamental para compreender qual delas encontra-se alterada nos desvios de linguagem. Procuro ainda identificar o lugar ocupado pelo autista.

No terceiro capítulo pretendo discutir a relação autismo e linguagem a partir da posição de inscrição do autista na língua e na fala e, em seguida, abordar a linguagem nos termos da enunciação, identificando a maneira do autista em se relacionar com os aspectos da linguagem. Em meio às discussões teóricas, comento a título de ilustração a linguagem de duas crianças autistas assistidas por mim em atendimento fonoaudiológico.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta tese fundamentada nas concepções de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste tem como proposta defender a relação singular existente entre linguagem e autismo.

Seu *locus* norteador foi a crença de que a redução da definição teórica de linguagem vinculada apenas à comunicação dificulta, na ciência fonoaudiológica, a percepção das marcas de inscrição do autista na linguagem.

Dessa maneira, traçamos como caminhos metodológicos a serem percorridos:

- 1) A apresentação das teorias estruturalistas europeia e americana e seu grau de influência na fonoaudiologia e na caracterização do autismo;
- 2) A definição das categorias linguagem, língua e fala como elementos essenciais para que o fonoaudiólogo tenha clara a relação autista e linguagem;
- 3) A confirmação da maneira peculiar do autista se apresentar ou se relacionar com a linguagem.

Apesar de esta tese constituir-se em um estudo teórico, na construção desse percurso escolhemos apresentar, a título de ilustração em meio às discussões, recortes da linguagem de duas crianças autistas assistidas por mim na clínica fonoaudiológica, entre os anos de 2004 e 2010. É importante destacar que as crianças e os membros de suas famílias tiveram seus nomes alterados para salvaguardar suas identidades.

A seleção dos trechos transcritos da linguagem que ilustraram esta tese obedeceu ao critério de terem sido emitidos por crianças que estavam em atendimento clínico fonoaudiológico a mais de um ano e foram diagnosticadas autistas de acordo com os

critérios diagnósticos da Classificação Internacional das Doenças (CID -10). Era necessário que na linguagem das crianças estivessem presentes gestos corporais, faciais ou movimentos estereotipados, silêncios, ecolalia, neologismos, balbucios e sons aleatórios.

Todavia, Surreaux em sua tese de doutorado (2006a) e durante explanação no Congresso Internacional Linguagem e Interação II, ocorrido no ano de 2010, na cidade de São Leopoldo (Rio Grande do Sul, Brasil), alerta para a ilusão da transcrição em fonoaudiologia, pois, segundo ela algo sempre se perde. Não há uma técnica meramente mecânica a ser seguida na ação de transcrever um discurso, ela estará de acordo com a posição de escuta que o fonoaudiólogo se coloca, por isso mais importante que ver a transcrição é escutar aquilo que se ouve. A autora segue afirmando que uma transcrição de linguagem depende da teoria adotada, do corpus e daquele que transcreve. Supor um efeito de transcrição nos distúrbios de linguagem é supor ali um sujeito.

Adoto como forma de registro linguístico as seguintes notações:

- a) (incompreensível): para as dúvidas sobre o que fora escutado;
- b) LETRAS MAIÚSCULAS: para os gritos ou emissões em voz alta;
- c) - - - -: para silabação;
- d) (tempo cronometrado): para intervalo de tempo entre uma fala e outra igual ou superior a 2 segundos;
- e) Grafemas duplicados: para os prolongamentos na fala.

Para facilitar o entendimento do leitor, os fragmentos são reunidos em quadros em que são expostas as alternâncias dos discursos entre a fonoaudióloga e as crianças, além da descrição da cena.

CAPÍTULO 1

FONOAUDIOLOGIA E LINGÜÍSTICA: A INFLUÊNCIA DOS ESTRUTURALISMOS NA CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

Mencionar teorias quando o pesquisador tem seu lugar original vinculado à outra ciência é, de certo, um atrevimento. Quando as teorias a serem discutidas vêm acompanhadas de polêmicas entre os catedráticos da área, o atrevimento ganha contornos de uma grande ousadia. Porém, a necessidade de buscar esclarecimentos sobre as suas próprias origens científicas fez com que uma fonoaudióloga/pesquisadora migrasse para linguística e ousasse, em nome da pesquisa, entender as relações existentes entre fonoaudiologia, linguística e autismo.

O objetivo desse capítulo é apresentar os fundamentos teóricos do estruturalismo europeu e americano, justificando a importância de ambos para os estudos em fonoaudiologia.

Em oposição ao culto do homem e da razão, dando primazia aos sistemas, o estruturalismo europeu firmou-se no século XX pelas mãos do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Porém, suas ideias se disseminam no seio das ciências humanas pela ponta da linguística em 1916 com a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), um compêndio das conferências proferidas por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911.

O conceito de estruturalismo resulta do termo estrutura que nos séculos XVII e XVIII assume o sentido “da descrição da maneira como as partes integrantes de um ser concreto organizam-se numa totalidade.” (DOSSE, 1993, p.15) Assim, por estruturalismo, “entende-se uma interpretação dos fenômenos como peças de uma estrutura, na qual todo fenômeno tem seu lugar e obtém sua verdadeira significação através de sua relação a outros fenômenos, com outras peças fixas da mesma estrutura.” (CAMARA JR, 1986, p.110)

Como um método de análise estrutural, o estruturalismo permitiu obter resultados teóricos que determinaram a construção de uma doutrina científica e

filosófica, que o concebeu como a teoria sistemática do homem e do mundo. (CORVEZ, 1969)

Segundo Dosse (2007), o estruturalismo foi muito mais amplo que um simples e específico método de um campo de pesquisa. Foi um movimento de pensamento que “privilegia o signo à custa do sentido, o espaço à do tempo, o objeto à do sujeito, a relação à do conteúdo, a cultura à custa da natureza”. (idem, p.12)

Assim, o autor refere-se a **estruturalismos** no plural porque o movimento estruturalista abrangeu pesquisadores de renome em diferentes áreas de conhecimento: Ferdinand de Saussure (Linguística), Jacques Lacan (Psicanálise), Claude Lévi-Strauss (Sociologia e Antropologia), Michel Foucault (História e Filosofia), Louis Althusser (Marxismo e Filosofia), Roland Barthes (crítica literária), Georges Dumezil (história das religiões).

Inspirados no mesmo método e na mesma doutrina, seguindo as orientações oferecidas por Saussure, todos os movimentos estruturalistas privilegiaram a abordagem descritiva dos fenômenos, a prevalência do sistema e a preocupação em aludir até as unidades elementares com base em procedimentos construídos e explícitos.

Em nossa tese permanecemos unicamente no campo da linguística, porém ainda assim, mencionamos estruturalismo no plural pela existência de dois movimentos estruturalistas na linguística com objetivos antagônicos: um na Europa e outro nos Estados Unidos da América.

Enquanto na Europa os teóricos discutiam o sistema linguístico, nos Estados Unidos a preocupação era descrever a maior quantidade de línguas encontradas entre as nações indígenas americanas.

Apesar das diferenças, o movimento estruturalista americano alcançou muitos adeptos, influenciando, inclusive, a fonoaudiologia enquanto ciência e prática clínica.

Dessa maneira, dividimos esse capítulo da tese em três partes. Na primeira,

abordamos os fundamentos do estruturalismo francês, célula de todo o projeto estruturalista europeu. Na segunda parte, apresentamos o estruturalismo americano e suas semelhanças e diferenças em comparação a sua versão européia. Na terceira parte, por fim, fez-se a relação entre a fonoaudiologia e a linguística estrutural. Nesta, foram discutidas as bases teóricas do estruturalismo que influenciaram as concepções de linguagem em fonoaudiologia e suas consequências para o entendimento da linguagem no autismo.

1.1 Estruturalismo linguístico francês: o começo de tudo

O triunfo do estruturalismo na França entre 1950 e 1960 foi espetacular na história intelectual do país, na medida em que os intelectuais franceses de diferentes áreas de conhecimento se identificavam com o movimento. Entretanto, seu âmago encontra-se na década de 1910, no modelo da linguística moderna e na figura do seu inspirador: Ferdinand de Saussure. (DOSSE, 1993)

As concepções de Ferdinand de Saussure sobre as dicotomias linguísticas (língua/fala, sintagma/paradigma, sincronia/diacronia, significante/significado) colocando-as no plano de um sistema, atravessaram a linguística e deram-lhe o papel de espelho para o movimento estruturalista.

Não era intenção de Saussure iniciar qualquer movimento em torno das ciências humanas. O autor lançou apenas a ideia de uma ciência única que ainda estaria por vir, da qual todas as ciências humanas fariam parte, inclusive a linguística, a saber: a Semiologia, que se encarregaria do estudo dos signos em sua vida social.

Os trabalhos saussureanos se concentraram em discutir a língua, enquanto objeto da linguística e ponto inicial ou parâmetro para os estudos das diversas manifestações

de linguagem. Ao afirmar que a língua é homogênea e se difere da fala, Saussure [1916] (2006) a destaca por natureza como esse objeto científico da linguística, e separa o que é social do que é individual, o essencial do acessório.

Porém as explicações saussureanas em torno da língua guiaram o movimento estruturalista não pela escolha do objeto língua em si, mas porque despertou a ideia de que os elementos constituintes de um corpo teórico estabelecem um sistema de relações.

Na linguística, Saussure fez menção à estrutura interna da língua fundamentada em um sistema de seleção e combinação involuntária dos signos linguístico observada durante o fenômeno da fala.

De acordo com o pesquisador, a língua obedece a uma combinatória entre o que ele denominou ser relação sintagmática e relação paradigmática (ou associativa), que traz como resultado a possibilidade de compreensão das línguas pelos sujeitos.

As relações sintagmáticas referem-se à posição linear e sucessiva que ocupam os termos na fala, enquanto as relações paradigmáticas ocorrem no cérebro, e se estabelecem a partir das impressões psíquicas que os sujeitos trazem na memória. Essas relações que iremos esmiuçar nesta tese quando abordarmos o capítulo sobre a língua, já fazem parte da noção de sistema que o legado de Saussure deixou ao estruturalismo, posto que trazem a concepção de elementos que funcionam entre si de forma coordenada como estrutura organizada.

O fundamental no estruturalismo linguístico francês é mostrar que a língua é um sistema de valores constituído por diferenças. Ou seja, os signos linguísticos estabelecem relações de valor entre si.

Apoiado nas leituras que Claudine Normand fez da obra de Saussure, Dosse (1993) afirma que essa vinculação do signo ao princípio semiológico, isto é, à teoria do valor, foi a contribuição essencial de Saussure ao movimento estruturalista.

O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces indissociáveis: o conceito (significado) e a imagem acústica (significante).

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, [1916], 2006, p. 80)

Para os linguistas, o valor de um signo somente resulta da presença simultânea dos outros. “Todos os signos são solidários, não isoláveis uns dos outros, nem do conjunto do sistema.”⁵ (CORVEZ, 1969, p.18) As unidades da língua, definidas por relações de oposição e diferenças, se articulam em condições variáveis, de acordo com certos princípios que formam a estrutura do sistema.

As categorias saussurianas vão, portanto, servir de instrumento epistêmico ao estruturalismo generalizado, mesmo que os diversos trabalhos tomem certas liberdades com a letra saussuriana a fim de adaptá-lo à especificidade de seus respectivos campos. A principal inflexão será a preponderância atribuída à sincronia. (DOSSE, 1993, p.69)

Para Saussure [1916] (2006) a linguística sincrônica se encarrega de estabelecer os fatores constitutivos do estado de língua, ou seja, refere-se à língua em si mesma ocupando-se das relações e valores coexistentes entre os termos. Opõe-se à linguística diacrônica que estuda as relações entre os termos sucessivos que se substituem uns aos outros ao longo do tempo, procurando reconhecer a passagem de um estado linguístico para outro. A evolução de uma língua é entendida quando há alteração de uma sincronia para outra sincronia.

Em seus estudos, Saussure enfatizou as explicações sincrônicas das línguas diferindo-as das diacrônicas, pois demonstra como as formas e sentidos estão interrelacionados dentro de um sistema linguístico em determinado ponto no tempo,

⁵ Tradução da autora da tese, segundo o texto original: tous ces signes sont solidaires, non isolables les uns des autres, ni de l'ensemble du système.

contrariando a postura investigativa sobre o desenvolvimento histórico das formas e sentidos. Porém, o modo sincrônico e o modo diacrônico de explicação da língua são complementares, sendo a diacronia dependente da sincronia dentro do ponto de vista lógico. (LYONS, 1982)

Em resumo, destacamos algumas das ideias centrais da obra saussureana que nortearam o projeto estruturalista (CAMARA JR, 1986; DOSSE, 2007):

1ª) Um signo tem sua significação a partir da relação de oposição e diferença que estabelece com outros signos, e não de sua relação com o objeto que representa.

2ª) A língua é um sistema social que existe independente da vontade dos sujeitos que dela faz uso, através da fala.

3ª) A sincronia se encarrega do estudo das relações de valor estabelecidas entre os signos linguísticos, se diferenciando e se destacando da diacronia que se ocupa de identificar a sucessão dos signos ao longo do tempo, aproximando-se de uma linguística histórica, mas distinguindo-se dela: há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica.

4ª) É no sonho da construção da Semiologia, uma ciência geral que agrupasse todas as ciências humanas que se ocupassem do estudo dos signos em seus diferentes âmbitos sociais, que se alicerça o movimento estruturalista.

Para Camara Jr (1986) as ideias saussureanas fizeram surgir dois grupos distintos de discípulos: os que tentaram discutir e esclarecer as ideias essenciais da doutrina de Saussure (Albert Sechehaye, Alan Gardier e Joseph Vendryes) e os que partiram dessa doutrina para investigar áreas da linguística que Saussure não abordara (Antoine Meillet e Charles Bally).

1.2 Estruturalismo linguístico americano: o lugar da comunicação nos estudos linguísticos

Na década de 1940, os conceitos estruturalistas dominavam os estudos sobre a linguagem. Entretanto, diferentemente do movimento estruturalista europeu, cujos fundamentos circularam entre os intelectuais das ciências sociais, da psicanálise e da linguística, desenvolvendo um estudo sobre o funcionamento das estruturas das diferentes ciências, o movimento estruturalista americano esteve atrelado à necessidade de um método que permitisse a análise descritiva das inúmeras línguas encontradas entre os povos ameríndios. Partiam do princípio de que a língua é estudada fora do contexto de uso e está ausente do sujeito que a introjeta através do processo de estímulo-resposta.

A noção de estrutura para os americanos dava-se no entendimento de que era necessário compreender as relações estabelecidas no sistema linguístico para que fosse possível registrar as centenas de línguas indígenas americanas ou “exóticas” antes de sua extinção. “Os linguistas do período estruturalista se sentiam obrigados a estudar tão somente o comportamento linguístico dos outros e jamais seu próprio comportamento linguístico enquanto falantes da sua língua materna.” (KANAVILLIL, 1997, p.75)

Sob a tutela da metodologia comparativa, “os linguistas americanos foram capazes de desenvolver um estudo histórico das línguas indígenas e, conseqüentemente, de qualquer grupo primitivo moderno de línguas”. (CAMARA JR, 1986, p.174)

Os pontos básicos para isso foram uma aplicação exaustiva das leis fonéticas e o que se chamou “comparação interna”, isto é, uma comparação das variações dialetais dentro de uma língua; supõe-se que estas variações representam estágios cronológicos diferentes e, desse modo, é possível estabelecer cadeias de desenvolvimento de formas linguísticas a fim de se chegar a uma forma teoricamente reconstruída da protolíngua. (idem, p.174)

Dessa maneira, através da diacronia, vista como uma mudança de um estado

sincrônico para outro, o investigador tentava obter com maior exatidão um sistema de fonemas e formas opositivas que funcionaram no passado, considerando a solidariedade entre os dados linguísticos reconstruídos.

Esses estudos colocaram a linguística em um lugar de grande prestígio em relação às demais ciências humanas recebendo vultosas verbas do governo federal americano como incentivo à pesquisa, de acordo com Kanavillil (1997), porque atenderam aos interesses políticos de dominação. Assim, teve-se acesso às línguas indígenas para fins de evangelização, traduziu-se a Bíblia Sagrada para as novas línguas que nem sequer possuíam sistemas de escrita e o Pentágono entendeu que o conhecimento das línguas distantes seria importante como estratégia americana para firmar-se como potência mundial após a Segunda Grande Guerra e o declínio do Império Britânico.

Leonard Bloomfield, maior representante do estruturalismo americano, conhecia e sabia da importância dos estudos de Saussure. Esse fato é curioso porque indica que a versão americana do estruturalismo, apesar de ser marcada pela diferença, indiretamente recebe influência dos estudos saussureanos no entendimento sobre a metodologia a ser utilizada.

A publicação, em 1933, do livro *Language* de Bloomfield, foi o marco fundamental do período estruturalista nos Estados Unidos e dominou os estudos da área pelos trinta anos seguintes. Segundo Weedwood (2002), em nome da objetividade científica no estudo da linguagem, nesse livro Bloomfield elimina as referências às categorias mentais ou conceituais dos estudos da língua, apenas eram dignos de consideração os dados gravados, lidos ou ouvidos que poderiam ser organizados materialmente.

O movimento estruturalista, sobretudo em sua variante norte-americana, sob a liderança de nomes importantes como Leonard

Bloomfield, Rulon Wells, Morris Swadesh e outros, havia se posicionado contra qualquer apelo à mente humana como parte da explicação dos fenômenos linguísticos. Tratava-se, na verdade, da derradeira influência do “behaviorismo” que praticamente ditava todas as regras de jogo no cenário acadêmico da época. (KANAVILLIL, 1997, p.74)

O behaviorismo aceitava como único método científico o estudo do comportamento observável, e em uma explícita influência dessa escola psicológica no estudo da língua, Bloomfield acaba por afirmar que “o significado é simplesmente a relação entre um estímulo e uma reação verbal”. (WEEDWOOD, 2002, p. 131)

Por considerar a linguagem como um comportamento de comunicação, sem fazer alusão ao sujeito que fala, e aceitar a língua como um instrumento adquirido com a experiência pelo circuito imitação, reforço e formação de hábitos, o encontro com o behaviorismo dá ao estruturalismo linguístico americano uma característica mecanicista e empirista da estrutura.

Bloomfield buscou colocar a linguagem em um nível de observação puramente objetivo das formas linguísticas, da mesma forma que os behavioristas tinham tentado fazer com as ações humanas. Era a abordagem “mecanicista” à linguagem, que se tornou um princípio básico entre os discípulos de Bloomfield. (CAMARA JR, 1986)

De acordo com Kanavillil (1997), muitos dos estruturalistas também foram intensamente influenciados pelo Positivismo Lógico, segundo o qual os únicos enunciados dignos de serem estudados pela ciência seriam os suscetíveis de comprovação, a exemplo dos trabalhos de Bloomfield publicados na revista *The International Encyclopedia of Unified Science*, fundada pelos integrantes do movimento positivista austríaco que se refugiaram na América do Norte fugindo do nazismo.

Essa tendência analítica dos estudos linguísticos seguida por Bloomfield, era defendida pelo Círculo de Viena, fundado em 1929, cujo princípio básico fora a filosofia empirista e positivista. Para seus representantes o conhecimento era apenas possível se fosse obtido a partir de uma experiência com o dado imediato, é a aplicação do método indutivo: parte-se dos dados para alcançar as idéias; conhecer é

experimental.

Essa aproximação do estruturalismo com o behaviorismo e com o Positivismo Lógico diferencia sua versão americana do movimento que ocorria na Europa. Porém isso não diminui em nada a força do movimento como um todo.

1.3. Fonoaudiologia e Linguística: a questão da comunicação no autismo

Apresento três motivos imbricados para que seja inevitável à fonoaudiologia incluir a linguística dentro de suas reflexões teóricas sobre a linguagem. O primeiro motivo justifica-se por ser indiscutível o lugar de referência ocupado pela linguística como a ciência da linguagem, em virtude da sua gama de respostas às questões sobre a linguagem humana.

Isso implica em dizer que a linguística representa o norte para as demais ciências que se ocupam dos estudos da linguagem. Eis o segundo motivo: é no terreno da linguística que a fonoaudiologia encontra um de seus alicerces, seus fundamentos.

O terceiro motivo está incluído nos demais: a linguagem é objeto científico comum às duas ciências. No entanto, Arantes (1994) já alertava para a fonoaudiologia assumir a responsabilidade de ter como objeto próprio a linguagem em sua dimensão patológica.

O fonoaudiólogo, em seu exercício clínico, se defronta, como já disse, exatamente com a face da linguagem que escapa à regra, com o que não é previsível, com o que é residual. Na clínica, o fenômeno linguístico revela sua face mais inapreensível e heterogênea. A linguagem em sua dimensão patológica é a expressão mais clara e maior do singular, do individual. É a revelação de uma singularidade inscrita na linguagem. (idem, p.27)

Apoiando-nos nas considerações de Surreaux (2008), fazemos, apenas, uma observação no dizer de Arantes em relação ao uso do termo linguagem patológica. Mencionar ser esse o objeto da fonoaudiologia é insuficiente para a dimensão da

linguagem como é vista na clínica. A conotação patológica coloca a linguagem no plano médico e a opõe a um padrão de normalidade, em que diagnosticar os “erros” torna-se mais importante que perceber o percurso do sujeito na linguagem.

Então, preferimos acompanhar Surreaux (2008) ao afirmar que a noção de patologia remete ao que é visível ou audível na fala do paciente, porém jamais indicará a forma singular de cada sujeito estar na linguagem; por isso, achamos mais adequado a utilização do termo **linguagem sintomática** como aquela de responsabilidade da fonoaudiologia, pois apresenta a linguagem em seu aspecto mais heterogêneo e a coloca no plano particular de cada sujeito.

Destacamos aqui que essas considerações não se opõem a Jakobson (1995) que apresenta como campo da linguística a linguagem em todas as suas dimensões: a linguagem em ato, a linguagem em evolução, a linguagem em estado nascente e a linguagem em dissolução. Isso porque ao contrário da tradição em linguística que procura entender a linguagem em si mesma e tende a excluir aquilo que não está de acordo com o sistema, o objeto linguagem é visto na fonoaudiologia a partir do que se desvia dentro da perspectiva clínica. Nas palavras de Surreaux (2006a), “colocadas em relação, *clínica de linguagem* e linguística implicam-se mutuamente, uma produzindo interrogantes para a outra”. (idem, p.16)

Concordamos com Surreaux (ibidem) que nomeia clínica de linguagem a intervenção clínica no campo do sintoma de linguagem, possível à fonoaudiologia, por tratar-se do trabalho com sujeitos que trazem um sofrimento no âmbito da linguagem.

A clínica assegura para a fonoaudiologia um olhar diferenciado sobre a linguagem. Apresenta-se como um terreno no qual o fenômeno linguístico pode ser percebido como atividade languageira singular do sujeito. É na fonoaudiologia que encontramos possíveis respostas para o sentido da linguagem.

Apesar de não nos interessar discutir a clínica fonoaudiológica, foi imprescindível mencioná-la aqui, pois através da atividade clínica a fonoaudiologia introduziu a linguística em seus estudos como “linguística das formas⁶”: privilegiou-se a língua como objeto formal e homogêneo desconsiderando-se a linguagem em atividade. (ARANTES, 1994)

Nesse sentido, destacam-se a fonética e a fonologia como modelo teórico-explicativo acerca da linguagem.

Flores (2008) menciona que, atualmente no Brasil, já encontramos aspectos da pragmática, textuais, interacionais e discursivos, só para citar alguns, permeando os estudos em fonoaudiologia. Porém, de um modo geral, a fonética e a fonologia ainda são as áreas da linguística de maior interesse entre os fonoaudiólogos.

(...) Tomando como exemplo o caso específico da fonoaudiologia – clínica de especial interesse para o que estou chamando de *clínica da fala desviante* -, não deixa de causar espécie a existência de uma “voz” geral que coloca a fonética e a fonologia como as áreas da linguística de maior interesse para o trabalho com a linguagem no campo do patológico. Parece haver um acordo tácito de que a linguística deve comparecer no campo do patológico com um saber já constituído. (idem, p.69)

O autor ainda destaca que a maneira como a linguística dialoga com a fonoaudiologia não inclui questionamentos sobre os fundamentos epistemológicos da linguística. “Os dados marcadamente sintomáticos são investigados numa atitude científica que planifica diferenças de sentido.” (FLORES, 2008, p.70)

Entretanto, essa atitude não nos parece ser exclusiva à linguística. De um modo geral, a fonoaudiologia também não se reporta às suas bases científicas quando interrelaciona as discussões com a linguística.

Fundamentada no que a linguística indica como modelo para a linguagem, a fonoaudiologia faz um movimento inicial de inspeção na linguagem procurando detectar

⁶ Termo utilizado por Arantes (1994).

a origem ou o padrão dos desvios, comparando o padrão regular da língua e da linguagem com o que se desvia, a fim de planejar as intervenções clínicas. Nesse movimento desconsidera, muitas vezes, se há algum sentido naquilo que se desvia ou como o sujeito se relaciona com sua linguagem.

Ao aproximar-se da Linguística, a Fonoaudiologia desencadeou um processo *dedutivo* de produção de conhecimento, isto é, passou a tirar consequências práticas das teorias linguísticas: passou a testar teorias. Nada contra esse procedimento por hora, se considerarmos que, via dedução, é possível até construir-se um campo teórico imprevisto (a matemática é um exemplo). Entretanto, a dedução pressupõe consistência teórica, jamais redução. (CUNHA, p.20, 1997)

Em nada adianta uma ciência pautada em teorias alheias cabendo-lhe, apenas, a execução teórica prática, sem um entendimento sobre seu objeto. Arantes (1994; 2006) critica a postura do fonoaudiólogo em deixar o pensar sobre a linguagem para a linguística e tomar para si o aplicar. Para ela, faz-se necessário a reflexão teórica e suas consequências.

Essa observação justifica nossa decisão em discutir aqui o olhar próprio da fonoaudiologia sobre a linguagem a partir de uma concepção teórica específica: o estruturalismo linguístico, e as consequências desse estreitamento teórico para o entendimento do objeto dentro do quadro clínico de autismo.

De acordo com Cunha (1997), a relação entre linguística e fonoaudiologia teve início com a introdução das teorias de Saussure e Chomsky na clínica.

Porém, as interpretações dos estudos sobre a língua em Saussure que se seguiram em fonoaudiologia reduziram a linguagem ao código. Buscava-se na fala individual os desvios em relação às regularidades do sistema da língua. (idem)

Alterou-se a própria definição de língua estabelecida por Saussure: um sistema articulado. Afirmar que a língua é um sistema, de acordo com Normand (2009), não equivale à definição banal de que a língua é “um instrumento (meio, utilitário) de

comunicação”. (NORMAND, 2009, p.51) A língua é um sistema porque seus elementos estabelecem uma relação de valor entre si.

O modo de pensar sobre a linguagem em fonoaudiologia atrelada a busca de resultados clínicos marcados pela “correção” fez a maioria dos fonoaudiólogos conceber a linguagem como um código, uma produção fonético-fonológica e sintático-semântica, fruto dos achados de uma **linguística descritiva ou estrutural** (HAGE, 2001). Ou melhor, fruto das várias leituras do movimento estruturalista.

O ideal de língua, que também é marca do estruturalismo linguístico americano, é nesta perspectiva uma referência para conceituar a linguagem, a partir da compreensão de que a língua é adquirida pelo circuito imitação, reforço e formação de hábitos e deve ser controlada nos níveis de emissão e recepção, como garantia da eficiência na comunicação.

Na perspectiva de “como uma ação” ou comunicação (SOUZA, 2004; SYDER, 1997), é que um forte grupo dentro da fonoaudiologia atrelado ao que Terçariol (2008) denominou clínica da objetividade⁷ destaca a linguagem.

O conceito de linguagem reflete um sentido mais amplo que o conceito de língua. **Linguagem é um sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou não-humano.** Assim podemos nos referir a (...) todos os meios de comunicação, sejam cognitivos (internos), sócio-culturais (relativos ao meio) ou da natureza. Língua é um sistema abstrato de regras gramaticais. (FERNANDES, 1998, p.01) [grifo nosso]

A linguagem é percebida como veículo de comunicação e descrita a partir de duas categorias: compreensão e expressão. Dessa maneira, ela é quantificada, mensurada e classificada aproximando-a das leis universais e invariáveis do método positivista. (TERÇARIOL, 2008) Método esse pautado na concepção de que a manutenção da ordem é a melhor forma de garantir a evolução adequada dos fenômenos (CUNHA, 1997), que, como vimos, é característico do estruturalismo americano.

⁷ Clínica baseada no método positivista.

Essa aproximação com a comunicação permite encontrar afirmações que indicam que “a tradição em fonoaudiologia é a ‘comunicação’ ser tomada como objeto” (PALLADINO, 2002, p.47) ou “(...) a Fonoaudiologia está procurando conhecer o homem enquanto sujeito comunicante. Sujeito que fala, ouve e escreve para se comunicar”. (SEVERINO, 2002, p.28)

As sementes que originaram esse “inconsciente coletivo” na fonoaudiologia que reconhece a linguagem quase como um sinônimo para comunicação sem alusão aos aspectos subjetivos, parecem ter encontrado terreno ideal no Brasil antes mesmo da institucionalização da fonoaudiologia nas universidades na década de 1960.

A partir da década de 1920, em nome da nacionalização instaurou-se uma política de controle da linguagem voltada para a normatização e padronização da língua, que incluiu medidas voltadas para o tratamento de pessoas com desvios na linguagem, justificando a origem da fonoaudiologia. (BERBERIAN, 2000)

O discurso de homogeneização da linguagem dirigia-se, principalmente, aos indivíduos que apresentavam *diferenças de linguagem* em função das variações dialetais que caracterizavam, de forma significativa, a língua falada no país e que vinham *contaminando* a língua oficial do Brasil. Estas diferenças foram identificadas desde o final do século XIX, com a vinda das grandes levas de imigrantes nacionais e estrangeiros para as regiões de maior potencial e desenvolvimento industrial do país. (idem, p.12)

Fundamentada no enfoque mecanicista, a linguagem se distanciou de sua singularidade e do sujeito, “tornou-se *um sistema fechado, estável e imutável.*” (ibidem,p.113)

A solidificação da fonoaudiologia nas universidades com a elaboração de um currículo específico para a formação dos cursos acadêmicos, em meados da década de 1960 (ibidem), coincide com a instauração do modelo europeu do estruturalismo linguístico no Brasil, pelas mãos de Mattoso Camara Jr.

A versão européia do estruturalismo que se instaura na década de 1960 trazendo

para a fonoaudiologia a noção de língua e de fala, encontra o cenário brasileiro amalgamado no controle como meio necessário de mudança do comportamento distoante. Acreditamos que o cenário nacional possibilitou brevidades na leitura dos pressupostos saussureanos, pois havia um maior interesse no entendimento sobre a produção fonética da língua e não nas explicações sobre o sistema linguístico.

Paralelamente aos distúrbios de linguagem apontados como um dos *delicados problemas na cultura nacional*, assim classificados em função das variações dialetais, um discurso pretensamente científico pôde ser apreendido, em torno dos **mecanismos envolvidos na produção/recepção da fala e dos seus desvios**, associando-os a um problema de ordem individual e orgânica.

(...)

A fragmentação do **sujeito enquanto emissor/receptor de um sistema** previamente estabelecido esteve fundamentada em uma **visão funcionalista da linguagem**. A utilização deste modelo, em que “o ser falante” e o “ser ouvinte” são tomados como partes distintas e independentes do sujeito na realização de uma **língua dividida em forma e conteúdo**, era compatível com os princípios de racionalidade e produtividade, onde a técnica e a neutralidade eram apontadas como garantia de eficiência e modernidade. (BERBERIAN, 2000, p. 102) [grifos nosso]

Ainda de acordo com Berberian (idem), dificilmente o uso da língua podia ser considerado como ativo e constitutivo. A linguagem foi reduzida a um comportamento, o sujeito identificado como instrumento de comunicação e a fala e a língua passaram a ser analisadas enquanto objetos.

Duas décadas antes, porém, por volta de 1940, nos Estados Unidos, havia um domínio da teoria linguística estruturalista americana influenciada pela psicologia behaviorista. Foi nesse cenário, precisamente no ano de 1943, que o autismo surgiu no meio científico por meio da publicação do artigo “*Autistic Disturbance of Affective Contact*” – Distúrbio Autístico do Contato Afetivo⁸ do pesquisador Leo Kanner, com a denominação inicial de Síndrome de Kanner.

Kanner foi um psiquiatra austríaco que, após servir o exército de seu país

⁸ Kanner identificou um grupo de onze crianças que formaram as bases de seus estudos sobre o autismo no Jonh Hopkins Hospital, em Baltimore, EUA. O primeiro caso foi identificado em 1935.

durante a Primeira Grande Guerra, aceita o convite de um médico norte-americano e muda-se para os Estados Unidos em 1924, onde se especializa em psiquiatria infantil.

No contexto científico, no qual imperavam os estudos objetivos, baseados em um comportamento observável, onde a linguagem aparece como uma reação a um estímulo, Leo Kanner traça suas observações a respeito das características do autismo.

Possivelmente, essa atmosfera científica fez o autor, diante da ecolalia, afirmar em seu artigo inaugural:

Porém, a linguagem que adquirem não serve, em princípio, como meio de comunicação. Os nomes não oferecem dificuldades (...). No que se refere à linguagem como meio de comunicação, não há nenhuma diferença entre as crianças que falam e as mudas. E às vezes os mudos surpreendem os observadores pronunciando palavras soltas. (KANNER, 1966, p.721)⁹

Analisando o trecho “a linguagem que adquirem não serve, em princípio, como meio de comunicação”, no discurso acima de Kanner, encontramos em meio às preocupações sobre as características sintomatológicas, a comprovação de que o conceito de linguagem utilizado é o de linguagem enquanto comunicação.

Esse conceito de linguagem utilizado por Leo Kanner, marca da presença behaviorista no estruturalismo americano, expõe uma contradição em seu discurso. Ao mencionar logo no início que os autistas adquirem linguagem, Kanner admite que haja uma linguagem, entretanto por essa estar atrelada ao conceito de comunicação, o autor, logo em seguida, considera que como não há diferença entre a linguagem apresentada e uma criança muda, pois em ambas as situações não há comunicação, os autistas não têm linguagem.

Nessa perspectiva, a dificuldade do autista em reagir a uma ação discursiva ou do meio determina que a linguagem que os autistas apresentam “não serve para

⁹ Tradução de responsabilidade da autora do texto, do original: Pero el lenguaje que adquieren no les sirve al principio como medio de comunicación. Los nombres no ofrecen dificultades (...) Por lo que atañe al lenguaje como medio de comunicación, no hay ninguna diferencia entre los niños que hablan y los mudos. Y a veces los mudos sorprenden a los observadores pronunciando palabras sueltas.

comunicar”. Logo, os autistas não teriam linguagem, porque não há uma resposta convencional e, nem, às vezes, observável a um estímulo.

Essa mesma posição de Kanner permanece em outro artigo “*Problems in child psychiatry*”, datado de 1953 e publicado no *Pediatrics*, jornal oficial da academia americana de pediatria, no qual o pesquisador afirma:

(...) Conforme o tempo passa, a mãe está perturbada porque a criança não responde ao discurso verbal. A primeira suspeita é de uma surdez. Em seguida, a dotação intelectual é questionada. (...) Alguns dos pacientes permanecem tão reservados que nunca desenvolvem a comunicação verbal em tudo. (KANNER, McKAY JR, MOODY, 1953, p.403) ¹⁰

Fernandes (1995) cita Quirós (1975), Chapman e Silva (1979) e Rutter e Schopler (1981) como autores que acompanham esse raciocínio e não consideram as verbalizações do autista como intenção comunicativa.

As primeiras intervenções clínicas fonoaudiológicas voltadas para o atendimento do autista, em meados do século XX, destacavam a mudança de comportamento e a instalação de um padrão de comunicação satisfatório. Os métodos de trabalho envolviam o treino da fala, o aprimoramento dos padrões articulatórios e o controle dos hábitos inadequados, como por exemplo, a sialorréia, o brinquismo e o bruxismo.

Enquanto as teorias de desenvolvimento de linguagem baseavam-se em hipóteses que privilegiavam o treino como forma de aquisição e utilizavam parâmetros de avaliação que consideravam o número de vocábulos emitidos, a extensão das estruturas sintáticas em que eram organizados e o número de categorias gramaticais envolvidas, o fonoaudiólogo que trabalhasse com linguagem deveria treinar o paciente para que ele aprendesse a falar e ensinar-lhe estruturais frasais complexas e um grande número de categorias gramaticais. (FERNANDES, 1996, p. 13)

Os aspectos formais da linguagem do autista ainda foram bastante valorizados, segundo Fernandes (2003), até o final da década de 1970, quando as perspectivas psicolinguísticas sugeridas pela teoria pragmática, preocupada com o modo como a

¹⁰ Tradução de responsabilidade da autora: “(...) As time goes on, the parent is disturbed because the child does not respond to verbal address. The first suspicion is one of deafness. Then the intellectual endowment is questioned.”

língua é usada nas interações, passaram a influenciar as pesquisas em fonoaudiologia.

A teoria pragmática propõe incluir os elementos contextuais, linguísticos e não-linguísticos, no estudo da linguagem. Ou seja, é considerado linguagem qualquer som ou gesto que possa ser interpretável dentro de um contexto, de forma consistente e regular, de acordo com a função de linguagem reconhecida na linguagem do adulto. Dessa maneira, qualquer movimento, expressão ou som vindo do outro constitui linguagem (FERNANDES, 1996), posto que ao ser interpretado é passível de comunicação.

Os estudos sobre o autismo são marcados por uma mudança: continua-se a análise dos atos comunicativos por meio dos **aspectos formais da linguagem**, mas há um destaque para os **aspectos funcionais**¹¹.

O uso funcional da linguagem como forma de comunicação interpessoal torna-se o foco central da atuação do fonoaudiólogo, especialmente em saúde mental. (...) Dessa forma, o fonoaudiólogo pode passar a abordar de forma sistemática e fundamentada a questão do uso funcional do código linguístico. Essa perspectiva exige também a consideração da inter-relação entre os elementos sociais e cognitivos no desenvolvimento da linguagem. (FERNANDES, 2003, p.71)

Essa foi uma importante mudança nos estudos sobre o autismo porque as categorias antes excluídas (silêncios, gestos, balbucios e ecolalia) passam a fazer parte do conceito de linguagem desde que sejam reconhecidas por alguém. Porém ainda considera-se a linguagem como comunicação ao serem consideradas de acordo com a teoria pragmática “as situações em que uma determinada emissão corresponde à realização de uma ação, ou os atos de fala¹²” (FERNANDES, 1996, p.45)

A redução teórica que vincula a definição da linguagem à comunicação, também encontrada no estruturalismo americano, afasta a fonoaudiologia de uma posição de

¹¹ Função emotiva ou expressiva, função apelativa ou imperativa, função metalinguística, função informativa ou referencial, função fática e função poética.

¹² Unidade mínima da comunicação dentro de um contexto, correspondendo a uma frase ou grupo de frases.

destaque nos estudos sobre o autismo, tendo em vista que a indiscutível dificuldade comunicativa do autista é indício da inexistência do objeto de pesquisa próprio à fonoaudiologia: a linguagem.

Assim, permitiu-se que muitas das explicações sobre a relação autismo e linguagem fossem encontradas na psicologia, na psicanálise e na medicina, ficando as pesquisas em fonoaudiologia responsáveis em grande parte pela quantificação, mensuração, caracterização da língua e da linguagem e comprovação dos desvios ou com a função prática de adequar as teorias já existentes em outras ciências para as necessidades clínicas fonoaudiológicas.

O diálogo da fonoaudiologia com o interacionismo brasileiro, a análise do discurso de linha francesa e a psicanálise, que se distanciam do modelo positivista, permitiu ver a linguagem como funcionamento simbólico, diferente de um instrumento de representação de conteúdos cognitivos, psíquicos e biológicos. (TERÇARIOL, 2008)

Esse afastamento do positivismo tornou possível nesta tese refletirmos sobre o autismo de uma posição que destaque o modo de funcionamento e os aspectos subjetivos envolvidos na linguagem.

Julgamos como certo que a concepção de linguagem vai além da comunicação, ferramenta de interação ou ação sobre o meio. A linguagem marca a existência do sujeito.

(...) a linguagem é também uma atividade que só surge na intersubjetividade, e nesse processo um e outro dos parceiros implicados se confundem, se põem um no lugar do outro, se transitivam, se reúnem e se separam. (QUEIROZ, 2005, p. 150)

Aceitamos que as manifestações desviantes encontradas na linguagem do autista trazem consigo sentidos baseados na relação de valor que os elementos linguísticos estabelecem entre si em cada situação particular.

Reduzir o entendimento e a definição de linguagem aos aspectos da

comunicação, em uma relação originalmente marcada pela dificuldade em comunicar-se, é manter-se na superficialidade do que é a linguagem no ser humano. É desconsiderar a posição da linguagem como constitutiva do sujeito e desconhecer categorias linguísticas a exemplo da língua e da fala, que podem comportar posições únicas ao autista, e explicar a maneira diferenciada como o autista lida com a linguagem.

Língua, fala e linguagem são instâncias discutidas por Ferdinand de Saussure separadamente por uma questão didática, porém pertencentes ao mesmo universo: o da linguagem. Breves leituras da obra saussureana efetuadas em fonoaudiologia simplificaram a língua definindo-a como um código de regras gramaticais, a exemplo da afirmação “língua é um sistema abstrato de regras gramaticais” (FERNANDES, 1998, p.01) e reduziram a fala à execução da língua tratando-a como elemento a ser treinado: “(...) o fonoaudiólogo que trabalhasse com linguagem deveria treinar o paciente para que ele aprendesse a falar e ensinar-lhe estruturais frasais complexas e um grande número de categorias gramaticais.” (FERNANDES, 1996, p. 13)

Então, compreender a língua e a fala em si mesma, de acordo com os pressupostos de Ferdinand de Saussure, torna-se crucial para o entendimento da organização e lógica da linguagem do autista, afinal, apenas podemos identificar ou caracterizar os lugares ocupados pelos objetos quando temos conhecimento profundo do terreno em que se encontram. De outro modo, somente podemos discorrer sobre a relação autismo e linguagem conhecendo também a língua e a fala, elementos que compõem o terreno da linguagem.

Sendo assim, é sob a tutela de uma relação peculiar entre o autista e sua linguagem, que passaremos ao segundo capítulo desta tese, no qual procuraremos explanar sobre as categorias língua, fala e linguagem como forma de compreender os

conceitos para, em seguida, nos voltarmos para o resgate do lugar do autista na linguagem.

CAPÍTULO 2

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA: REFLEXÕES À LUZ DA LINGUÍSTICA

Em fonoaudiologia as leituras distorcidas, porém bem intencionadas dos pressupostos saussureanos que, como vimos, resultaram na interpretação de língua como código e de linguagem como comunicação, também levaram a um cuidado e a uma indefinição quando se faz uso dos termos língua, fala e linguagem. Isso porque não se tem claro o que seria do domínio da língua e o que seria do domínio da linguagem, verificando-se, muitas vezes, língua e linguagem sendo usadas como sinônimos.

Na linguística, as tentativas para esclarecer e diferenciar tais objetos se confundem com o encontro de um objeto próprio àquela ciência e são iniciadas, no princípio do século XX, por Ferdinand de Saussure [1916] (2006) que destaca a língua como parâmetro para as outras manifestações da linguagem. Ou seja, uma representa o particular – a língua - e a outra o geral – a linguagem, mas não significam a mesma coisa.

De acordo com Normand (2009), sem que haja uma preocupação inicial em Saussure para tecer justificativas, a razão pela qual o autor define a língua como padrão para as outras manifestações de linguagem é a necessidade da linguística sair de um discurso generalista que o termo linguagem envolve, remetendo sempre a uma noção de dualidade (pensamento/som, social/individual) e ao campo de estudo de outras ciências, por exemplo, psicologia e antropologia.

O termo língua designa, pois, um conjunto de elementos que só pode ser estudado em sincronia; suas condições de existência são sociais, mas é seu modo de funcionamento que interessa ao linguista-gramático e só pode ser apreendido por uma atitude de abstração: diante das produções concretas dos locutores, deve-se criar a hipótese de um sistema unitário de referência que permite produzir esses enunciados. Para compreender que há fala, deve-se colocar a existência abstrata da língua, “sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro”. (NORMAND, 2009, p.57)

Saussure [1916] (2006) afirma que língua e fala são indissociáveis, porque a realidade de uma só existe em função da realidade da outra. Não se conhece a língua senão por meio de uma fala. A distinção realizada por Saussure em alguns trechos do

CLG, como no capítulo intitulado “linguística da língua e linguística da fala”, é puramente metodológica.

É necessário esclarecer que as discussões em torno da linguagem, da língua e da fala que faremos nesta parte da tese não têm como objetivo polemizar em torno da obra saussureana e da obra benvenistiana. Pretendemos continuar nosso diálogo entre fonoaudiologia, linguística e autismo a luz desses dois teóricos, procurando o lugar do autista nos fatos da linguagem.

Incidiremos sobre os temas linguagem, língua e fala a partir de um duplo olhar: o primeiro que os une e os percebe como elementos conjugados e o segundo que tenta provocar o divórcio, e destaca os elementos de maneira isolada. Escolhemos fazer dessa maneira, porque acreditamos que essas diferentes perspectivas em torno dos objetos implicam no modo como os fonoaudiólogos alçam suas respostas sobre seu próprio objeto científico: a linguagem sintomática.

Aproximo minhas leituras aos trabalhos de Surreaux (2006a, 2006b, 2008) e confirmo a necessidade na fonoaudiologia de uma concepção de linguagem que inclua o irregular e a noção de sintoma como manifestação languageira de algo que é próprio do sujeito. Todavia, é preciso partir do que é regular para alcançar o que se desvia na linguagem.

A partir das explicações de Ferdinand de Saussure em torno do sistema da língua e das argumentações de Émile Benveniste sobre a posição subjetiva da linguagem, levantamos questionamentos e propomos encontrar respostas que possam assegurar nossa disposição em atestar a existência no autismo de uma relação ímpar com o objeto linguagem. Esse fato possibilitaria diminuir o vácuo existente entre o que seria ou não linguagem no autismo, trazendo consequências, inclusive, para a percepção social desse transtorno do comportamento, que passaria do lugar de impossibilidades para o lugar de

possibilidades de estabelecimento de algum tipo de interação.

Desta feita, neste capítulo da tese abordaremos em sua primeira parte o caráter indissociável entre linguagem, língua e fala e encontraremos o lugar de semelhança entre essas instâncias. Após esse primeiro contato, passaremos nas partes seguintes a apresentar os temas em separado. Pela ordem: língua, fala e linguagem. Escolhemos como interlocutor no tema língua Ferdinand de Saussure, entre outras coisas, pela maneira como o estreou, tornando-se referência para os estudos linguísticos. O item sobre a fala é discutido sob o olhar de Saussure e Benveniste, enquanto o tema seguinte, linguagem, é deixado aos cuidados exclusivos de Émile Benveniste, porque o autor a considera como espaço de constituição do sujeito, destacando-a na linguística.

Julgamos procedente abordar os temas da maneira como se apresentam em Saussure, junto e em separado, porque acreditamos que nas leituras póstumas realizadas da obra do autor essas perspectivas surgiram quase imperceptíveis, o que pode ter favorecido a distorção dos conceitos, pois os leitores desconheciam ou desconsideravam de que ponto de vista partira as observações de Saussure em cada instante de sua obra.

2.1 A união de três instâncias: linguagem, língua e fala

Temos como proposta neste item da tese, deter-nos apenas nas discussões em torno da possibilidade do olhar sobre a linguagem, língua e fala como elementos conjugados de maneira indissociável, que podem resultar em definições teóricas confusas sobre cada uma dessas instâncias e a consequente dificuldade em situar a relação do autista com a linguagem, em virtude da incerteza sobre o que faria parte da língua, da fala e da linguagem.

Por esse motivo, sugerimos ao leitor que não espere encontrar nesse item um

esclarecimento didático sobre cada uma daquelas instâncias. Deixemos essa responsabilidade para os itens posteriores desse capítulo.

Procure neste instante juntar-se a um dos olhares saussureanos e perceber as implicações de breves leituras de alguns trechos da obra de Ferdinand de Saussure para os estudos sobre a linguagem.

Saussure [1916] (2006) foi sucinto em suas declarações ao afirmar que o estudo da linguagem como fato humano está inteiramente ou quase inteiramente contido dentro do estudo das línguas. Os fenômenos da linguagem mais elementares nunca serão percebidos e compreendidos sem que se recorra na instância inicial e final ao estudo das línguas, posto que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (idem, p.16) Incluem-se em entre essas manifestações os gestos, o silêncio, os desenhos, os sinais de trânsito, os olhares, dança, bem como outras formas de linguagem.

Ainda no dizer de Saussure “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. (ibidem, p.16).

Esse olhar para linguagem como um objeto unido à língua (lado social) e à fala (lado individual) é perpetuado em diferentes leituras da obra de Saussure, assim como a separação que o autor faz entre língua e fala. Porém, a maneira como as obras são lidas, sempre traz consigo as interpretações que serão lançadas como verdades, até que outra verdade ocupe seu lugar.

Aliás, Saussure não deixou de fazer uma consideração sobre o lugar de onde se partem as observações sobre os fenômenos. Não esqueçamos o seu alerta sobre o ponto de vista ser o responsável pela criação dos objetos ou, filosoficamente falando, o ponto de vista deter as verdades relativas sobre os objetos.

A existência de dois olhares em Saussure, um voltado para o todo e outro que se

detém nas partes, não ganha posição de destaque em algumas releituras. Esse quase insignificante gesto, entre tão importantes discussões teóricas contidas na obra saussuriana, pode justificar a propagação de conceitos distorcidos ou vagos sobre o que o autor genebrino considerou como linguagem, língua e fala.

Antes que o leitor imagine que alimentaremos novas discussões sobre uma possível relação de hierarquia entre os fenômenos, porque levantaremos perspectivas sobre a linguagem em que se destacarão partes constituintes de um fenômeno, esclarecemos que defendemos o mesmo ponto de vista exposto por Surreaux (2006a) em seu doutoramento: o de considerar a dicotomia língua e fala como distinção em função da qual Saussure circunscreve seu objeto de estudo.

Isso significa que aceitamos que as diferenças entre os elementos apresentadas por Saussure não objetivem tecer graus de importância, porém, conduzam ao entendimento das partes, no instante em que delimitam seus campos com o intuito de destacar o que não é da competência da língua, objeto de estudo saussureano.

Nossa preocupação está com a definição teórica, que traz consigo um aparato de verdades, porque, como menciona Surreaux (idem), quem aceita ter como campo de trabalho a linguagem, como o faz o fonoaudiólogo, se arrisca em querer tomar uma parte (língua) pelo todo (linguagem).

Porém acreditamos que essa preocupante “tendência” em perceber as partes como o todo não representa uma ação repentina, decorrente de pressuposições exteriores às ciências. Resulta das possibilidades de leitura encontradas na obra saussureana, a partir dos olhares de Saussure voltados para as instâncias linguagem, língua e fala, identificadas por Lopes (1997) e aceitas por nós.

Esse autor percebe nos trabalhos semióticos de Ferdinand de Saussure a presença de duas perspectivas voltadas para a análise dos fenômenos da linguagem: a

perspectiva sintética e a perspectiva analítica. Percepções desenvolvidas por um Saussure, pesquisador, em seu papel de sujeito do conhecimento (observador) voltado para um objeto do conhecimento (operador), que passa quase que despercebidas nas diversas leituras do CLG, mas que é fundamental para orientar a posição dos pesquisadores diante da obra saussureana.

Em seu registro apoiado nos estudos que fez a respeito dos ensinamentos de Saussure, Lopes (1997) admite que o autor genebrino possuía uma percepção sintética dos fenômenos linguísticos, ao referir-se à linguagem como uma totalidade constituída a partir da junção de partes que lhe conferem uma identidade. O que pode ser confirmado na passagem a seguir retirada do CLG.

Evitando estéreis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do **fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala**. A língua é para nós a linguagem menos a *fala*. (SAUSSURE [1916], 2006, p.92) [grifo nosso]

A essa visão do todo constituído por partes é que restringiremos nossas análises neste item da tese, deixando à perspectiva analítica que destaca as diferenças dos elementos língua, fala e linguagem para as discussões nos itens posteriores.

Fazemos um alerta de que, apesar de tratarmos nesta tese as instâncias língua, linguagem e fala sob o julgo das perspectivas sintética e analítica separadamente, Saussure não as isola. No dizer do autor: “o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades [perspectiva sintética] e diferenças [perspectiva analítica], não sendo estas mais que a contraparte daquelas.” (idem, p.126) [acréscimo nosso]

Em seu esquema, Lopes (1997) designa a totalidade linguagem por S, fruto da dicotomia saussureana, língua e fala identificadas por s^1 e s^2 , respectivamente, partes específicas que compõem a linguagem enquanto unidade.

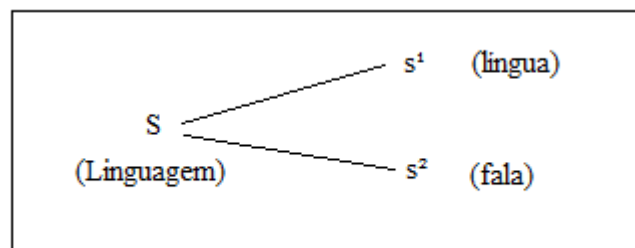


Figura 1: Adaptação do esquema apresentado por Lopes (1997, p.148)

Metodologicamente, portanto, afirmamos que a língua e a fala pertencem e formam a linguagem, que só existe e subsiste porque há língua e fala que a torna presente. “Não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem.” (SAUSSURE, [1916] 2006, p.18)

Esclarecemos que fazer parte ou constituir uma identidade não significa **ser** o todo, mas **ter** um percentual de contribuição na formação ou no entendimento de uma esfera mais complexa, a exemplo do leite, do trigo, do fermento, do açúcar, da manteiga e dos ovos que não são o bolo, mas contribuem para sua identidade.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, [1916] 2006, p.17) [grifo nosso]

Ao definir a linguagem como multifacetada e que se desvia dos princípios da analogia gramatical, com dimensões física, fisiológica e psíquica, que a faz pertencer ao domínio individual (*fala/parole*) e ao domínio social (*língua/langue*), Saussure (idem) expõe, embora de maneira indireta, a dificuldade em reconhecer na linguagem um objeto que possa ser estudado ou analisado de acordo com os princípios positivistas que permeavam as ciências.

Esse fato pode justificar a facilidade com que encontramos em alguns estudos sobre o tema linguagem os termos saussureanos língua e linguagem, principalmente, sendo utilizados quase como sinônimos, uma vez que, se a linguagem envolve a língua e

a fala, esses termos são julgados como elementos idênticos por possuírem as mesmas propriedades.

Pode-se imaginar um credo linguístico dos anos 80: **a linguagem é um sistema de sinais**. O sinal linguístico é uma entidade de duas faces, o significado e o significante, que remetem ao referente, ou objeto designado. O desenvolvimento da palavra se inscreve no tempo, sucessivamente, as unidades se sucedendo em uma ordem contraída, seguindo a linearidade da corrente da fala. O discurso pode ser recortado em unidades cada vez menores até o fonema. **As unidades da linguagem**, qualquer que seja sua dimensão, entram em relação segundo dois eixos de associação. (...)

Não se pode falar de linguagem sem ter recorrido aos conceitos e ao vocabulário introduzido por Ferdinand de Saussure. (AIMARD, 1986, p.15) [grifos nosso]

Afirmações como essas apresentadas anteriormente, que exigiriam uma leitura mais detalhada da obra saussureana, embora tenham influenciado e ainda circunscrevem o universo da fonoaudiologia, foram, décadas mais tarde, criticadas por outros estudiosos que destacaram a importância da linguagem não ser reduzida à língua, mas ser entendida como uma entidade complexa.

A partir do momento que **a linguagem passa a ser vista não só como um código ou conjunto de signos e regras fono-morfo-sintáticas**, mas também como atividade comunicativa e cognitiva (como via de estruturação do próprio conhecimento), também de gramática, ela é passível de ser investigada em crianças com menos de três anos de idade e em crianças com limitação ou ausência de linguagem verbal numa idade cronológica posterior ao esperado. Esse tipo de concepção de linguagem amplia o universo empírico de investigação, na medida em que inclui os comportamentos comunicativos não-verbais na esfera do fenômeno linguagem. (HAGE, 2001, p.14) [grifos nosso]

Ainda que não mencione a importância da linguagem no universo do sujeito, a reflexão acima de Hage traz consigo os fundamentos de outra observação de Saussure sobre o fenômeno linguagem: a possibilidade de ela ser vista e revista por diferentes ciências sem que se feche em um campo ou se esgotem as discussões em seu entorno. Perspectiva essa que nos induz a pensar que o fato da linguagem poder ser discutida em diferentes campos do saber também seja resultado das diferentes compreensões a

respeito dos seus constituintes internos, uma vez que língua e fala são objetos de discussão na linguística, na fonoaudiologia, na pedagogia e na comunicação social, apenas para citar algumas ciências.

Esse fato permite que nas diversas ciências possam ser realizadas leituras que excluam ou reduzam as considerações saussureanas, pois estarão de acordo com os interesses de quem e para quem realiza a leitura, trazendo como uma possível consequência a inabilidade em discernir o que seria do domínio da língua, da fala e da linguagem.

Saussure, no capítulo do CLG intitulado “Linguística da língua e linguística da fala”, nos revela que há uma necessidade mútua entre língua e fala no sentido de suas existências.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. (...) **Existe, pois, interdependência da língua e da fala;** aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE [1916] 2006, p. 27) [grifo nosso]

A interdependência entre língua e fala, necessária para a identidade do objeto linguagem, é por nós identificada como local de semelhança entre elas, por haver algo da fala contido na língua e algo de língua contido na fala.

O acréscimo que fazemos às considerações de Saussure é que esse lugar comum encontra-se no campo do **sujeito da linguagem**. Esse que é o fiel depositário do conhecimento sobre a língua e veículo de expressão da fala.

Vale salientar que Saussure [1916] (2006), no capítulo do CLG intitulado “Objeto da linguística” faz referência enquanto indivíduo ao dizer, claramente, que a

língua é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos, ou melhor, na massa falante; e a fala é um ato individual de realização da língua.

Essa observação do encontro com um ser falante nos estudos saussureanos não é nova. Nóbrega (2008) destacou uma nota de Tullio de Mauro sobre os manuscritos de Saussure em que esse autor afirma que a linguagem é distinta da língua, mas não pode ser exercida sem ela, e que a fala é a realização da linguagem por ação do indivíduo através da língua, uma convenção social.

A diferença de nossa afirmação está em dizer que a língua depende da fala e vice e versa porque ambas também necessitam de um sujeito para ratificar suas existências e não apenas de um ser falante, de um indivíduo. Sendo assim, há um sujeito que fala e ele fala uma língua.

Nesse momento de nossa tese, em que mencionamos um encontro com o sujeito, deixaremos Saussure e recorreremos à Émile Benveniste, e seu texto “Da subjetividade na linguagem”, datado de 1958, para tecer nossas considerações a respeito do sujeito, tendo em vista que, em nossa perspectiva, esse autor é quem melhor discorre sobre a relação sujeito e linguagem na linguística.

O **sujeito da linguagem** que mencionamos não é o senhor. É aquele que pensa ser o dono de, e, no entanto, encontra-se subjugado ao objeto. Usamos a expressão sujeito da linguagem no sentido de pertencer aos domínios da linguagem, porque é no lugar da linguagem que o sujeito se origina, se faz efeito. Fora da linguagem o sujeito se faz ausente, não é pensado, não é falado, tem comprometida a sua própria existência.

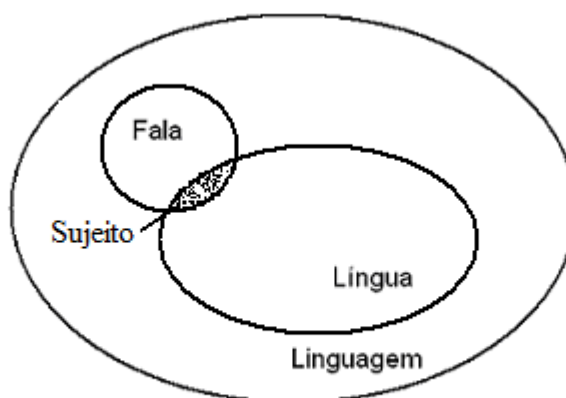


Figura 2: Sujeito da linguagem: lugar de entremeio entre língua, fala e linguagem.

Mencionamos o sujeito que está contido na linguagem e que não tem controle sobre ela, ao mesmo tempo em que é aquele que contém uma língua e uma fala que lhes são próprias.

A partir de suas leituras sobre as conferências de Saussure, Benveniste procura trabalhar com o sujeito na estrutura linguística, propondo uma teoria subjetivista da linguagem, na qual há um sujeito que faz uso da língua e a atualiza.

A subjetividade referida por Benveniste [1958] (2005) é “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’. (...) É ‘ego’ que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo *status* linguístico da ‘pessoa’.” (idem, p.286) O que antes está na língua caracterizado como o homem, o ser falante, passa a ser percebido na linguagem como o sujeito.

É o deslocamento do objeto linguístico que em Saussure centrava-se na língua para um destaque dado à linguagem dentro da linguística, que possibilita os estudos sobre o sujeito na linguística. Esse que é elemento essencial para nossa tese, uma vez que pretendemos discutir a relação entre um sujeito, que é autista, e a linguagem.

De uma maneira geral, ao colocar o sujeito (no sentido filosófico do termo) no centro das grandes categorias da linguagem, ao mostrar, a propósito de factos muito diversos, que esse sujeito nunca se pode distinguir de uma “instância do discurso”, diferente da instância da realidade, Benveniste funda linguisticamente, quer dizer,

cientificamente, a identidade do sujeito e da linguagem. (BARTHES, 1984)

A expressão **sujeito na linguagem, sujeito pela linguagem** utilizada por Benveniste no texto de 1958 “Da subjetividade na linguagem”¹³, referindo-se a constituição do sujeito, fulgura muitas obras. No sentido referido por Benveniste, o sujeito se torna presente na linguagem e por suas mãos, porque só esta fundamenta o conceito de ego. Em outras palavras, esse é habitado e habita na linguagem, por estar imerso na língua e fazer uso da fala para emergir.

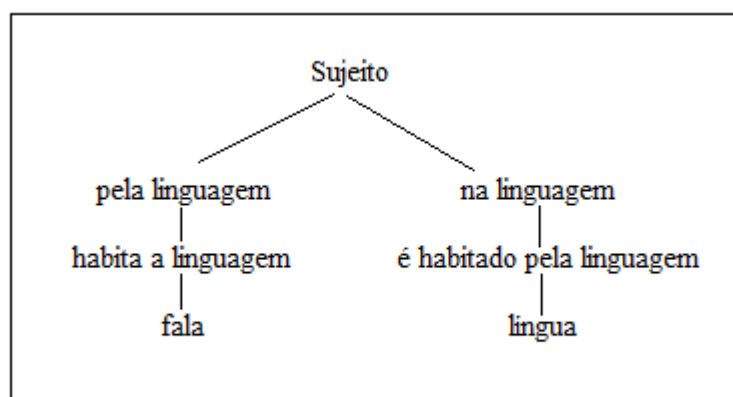


Figura 3: Lugar ocupado pelo sujeito

Posto dessa forma, a condição de sujeito se constitui de maneira simultânea no terreno da linguagem, como a ilustração acima tenta expor. Ao mesmo tempo em que é **na linguagem**, por meio de sua parte social, **a língua**, que o verbo faz o homem, uma vez que, antes mesmo do seu nascimento físico o sujeito já é falado por outros homens, **é habitado** por significantes exteriores. O sujeito se constitui **pela linguagem**, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio **da fala** ou ao fazer uso de outros sinais (gestos, expressões corporais, figuras...) e firma sua presença, **habita** a linguagem, tornando-se efeito dela.

Tratamos do sujeito que movimenta e é movimentado pela linguagem em sua constituição. É dependente, mas se percebe como o senhor da linguagem uma vez que,

¹³ Cf. em Benveniste (2005), pág. 286.

por estar mergulhado no universo linguístico, surge como um mediador capaz de por ordem entre as instâncias língua e fala.

Acreditamos que a língua teria sua vida comprometida se não houvesse esse sujeito que organizasse seu caos (sua “desordem” natural) no terreno da fala. Explicamos esse fato a partir da apresentação que Saussure nos faz da língua: uma estrutura ordenada, em que cada elemento tem sua existência decorrente das relações que estabelece com os outros dentro de um sistema.

A língua, não menos que a fala, **é um objeto de natureza concreta**, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, **não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo** e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que **têm sua sede no cérebro**. (SAUSSURE [1916], 2006, p.23) [grifos nosso]

Entretanto, acreditamos que, na hipótese surreal da existência da língua em um vácuo, sem um sujeito que a tornasse concreta, prevaleceria na língua seu potencial natural de assumir diversos arranjos em sua estrutura infinitamente e aleatoriamente, que iriam, por fim, determinar a criação de tantas línguas quanto fosse possível aos signos linguísticos combinarem entre si.

Na verdade, poderia não existir isso que atestamos como famílias linguísticas (a exemplo da indo-europeia, do tupi-guarani, da afro-asiática, da austro-asiática), mas massas ou arranjos sonoros abstratos, sem um sentido para os sujeitos.

É o sujeito quem estabelece um basta ao caos, esse que seria os incessantes e desconhecidos arranjos na linguagem, e reconhece a língua em si mesma, possibilitando que algo sempre se perca no discurso ao mesmo tempo em que algo se firma. De outro modo, é o sujeito quem, ao deixar, inconscientemente, surgir em sua fala alguns signos linguísticos e não outros, organiza as infinitas possibilidades de combinações linguísticas que poderiam torná-la individual demais e impossibilitar o reconhecimento da língua entre os sujeitos.

Isso implica em dizer que o não-todo da linguagem, aquilo que está no caos como possibilidades na linguagem que ainda permanecem desconhecidas, não pode ser contido. Ou seja, não se pode prever ou determinar as diferentes manifestações da linguagem, nas quais o sujeito também está apesar de não tê-las apresentado.

[A linguagem] é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem. Falamos realmente da linguagem e não apenas de línguas particulares. (BENVENISTE [1958], 2005, p.287) [acréscimo nosso]

Ao se constituir na e pela linguagem, o sujeito, inconscientemente, entra em seus domínios, se torna sujeito da linguagem, põe em exercício a língua e determina uma ordem própria para esse elemento ao promover arranjos cada vez mais particulares.

São esses arranjos próprios, possíveis de se efetivar pelo sujeito da linguagem, que caracterizam como particular à linguagem do autista: ecolalia (repetição de expressões, palavras ou frases ouvidas anteriormente), inversão pronominal (uso da terceira pessoa do singular em substituição a primeira), rigidez de significados (dificuldade em associar significados diferentes a um único significante, a exemplo do verbo contar em referência a uma narrativa ou a ação numérica e do substantivo rosa em referência a cor, a flor ou a pessoa).

Porém, ainda que a língua e a fala apresentadas escapem do que é regular no autismo, não podemos dizer que o irregular, não organize o que denominamos como caos da língua.

Ao permitir a emergência em sua fala de alguns signos em detrimento de outros, o sujeito se firma enquanto tal e marca sua existência no discurso, afastando a língua do caráter meramente combinatório de signos. Fala e língua, assim, tornam-se veículo para a enunciação de um sujeito que apresenta ou não um sintoma na linguagem.

“É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É, portanto, verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade

está no exercício da língua.” (BENVENISTE [1958], 2005, p.288)

Nóbrega (2008) destaca essa relação do sujeito com a língua e a fala nos trabalhos de Saussure afirmando que ao mesmo tempo em que parece haver uma imposição da língua sobre o sujeito, constituindo-o, fazendo parte dele como uma herança, o sujeito escolhe, limita e, por isso, fala.

O sujeito é o limite epistemológico de toda a linguística. Isso acontece porque a linguística, como ciência, não necessita de uma teoria do sujeito. Saussure sabia disso e não tentou incluir uma teoria do sujeito nas suas considerações sobre a língua. (NÓBREGA, 2008, p.10)

Entretanto, o sujeito existe e exerce sua força sobre a língua e a fala. Está nos domínios da linguagem. É ele quem representa o lugar de encontro entre língua, linguagem e fala por depender da linguagem para sua própria existência e essa, ter suas partes constituintes língua e fala, dependentes de um sujeito que as organize, as demarque e as exerça.

Acreditamos que a percepção da língua, da fala e da linguagem como instâncias encadeadas em torno do sujeito também provocou uma dificuldade em perceber a relação desse sujeito com cada uma em separado, porque simplificou e generalizou as estruturas linguísticas ao se definir uma pela outra. Ter conhecimento que a língua, a linguagem e a fala podem ser percebidas unidas talvez justifique o emprego incorreto dos termos e a generalização em mencionar que o autista não tem linguagem ou que ele não exerce nenhum tipo de relação com ela.

Por isso, há a necessidade da separação para a compreensão dos objetos, observada e tratada por Saussure:

A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico. Não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados. (SAUSSURE [1916], 2006, p.22)

A essa separação característica do olhar de Saussure, que Lopes (1997) nomeou

como perspectiva analítica, responsável por esmiuçar cada parte constituinte na formação de um todo, é que submeteremos a língua, a linguagem e a fala nos itens seguintes desta tese, com o objetivo de compreender o que cada uma representa em particular. Pois, ao entender a estrutura, é possível refletir sobre a ocorrência dos desvios de linguagem e destacar a relação do sujeito autista e seu modo de inscrição em cada uma das instâncias. No instante em que os desvios de linguagem existem, dizer que sua ocorrência está na fala, não impede que a estrutura da língua esteja em ordem ou que a linguagem não esteja sendo exercida.

2.2 Língua: o domínio de Ferdinand de Saussure

A língua é um objeto de natureza concreta e homogênea, sendo parâmetro para as outras manifestações de linguagem (SAUSSURE [1916], 2006). Mas, afinal, o que é a língua?

Essa é a grande questão a ser respondida nos três Cursos de Linguística Geral, ministrados por Saussure, na Suíça, entre os anos de 1907 e 1911, transformados em livro, em 1916, por seus alunos, com o mesmo título dos cursos: Curso de Linguística Geral.

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE [1916], 2006, p.17)

Dessa maneira, Saussure apresenta a língua como a parte social da linguagem, um produto de convenções sociais adotadas para permitir o exercício da linguagem nos indivíduos, que não têm o poder de criá-la ou modificá-la.

Embora a língua exista na consciência de cada indivíduo, na medida em que não

é definida por ele, mas pelo grupo ao qual o indivíduo pertence, a língua, de acordo com Lopes (1977), constitui um sistema supra-individual.

Saussure reconhece o fato social da língua e destaca o que lhe é próprio: o sistema. **A língua é um sistema que existe virtualmente em cada cérebro.** (SAUSSURE [1916] 2006)

Essa posição de Saussure em partir do sistema para explicar a língua, para Normand (2009), significa que o autor evitou partir da comunicação, o que também não é o mesmo que afirmar que a língua é um instrumento de comunicação.

O sistema é apenas um dos elementos do esquema da comunicação no qual muitos outros parâmetros intervêm: o locutor, com suas intenções e seus atos (e não somente o saber linguístico); o interlocutor, com suas reações ao locutor e à mensagem; o canal, com suas particularidades físicas (oral, escrita, direta ou mediada por um instrumento...); o contexto linguístico e extralinguístico. (NORMAND, 2009, p.50)

A palavra sistema, por si só, indica que há uma relação coordenada entre os elementos que o constituem. Mencionar que a língua é um sistema é identificar que nenhum signo linguístico deve ser concebido isoladamente, pois funcionam como estrutura organizada, com potencial infinito para estabelecer relações entre si.

Eis, então, uma definição mais completa da língua de acordo com os pressupostos de Saussure: um sistema de signos articulados em nível fonológico, morfológico, sintático e semântico, que possui uma ordem interna própria, onde o valor de cada um dos signos dá-se na relação de oposição que estabelece com outros signos no discurso. Antes de estabelecer essa relação, os signos são apenas imagem sensorial.

Sobre o valor do signo linguístico, Saussure [1916] (2006) revela que o valor de um signo linguístico resulta da presença concomitante de outros signos, em decorrência da existência de uma relação de semelhança e diferença entre eles. Ou seja, um signo pode ser trocado por outro signo (relação de semelhança) ou por uma ideia (relação de dessemelhança).

Lopes (1977) simplifica a noção de valor saussureano afirmando que um elemento é tudo aquilo que os demais elementos do seu sistema não são. Não importa, por exemplo, a estrutura acústica ou gráfica do signo linguístico, mas é o lugar de diferença e oposição em relação aos outros signos ocupada no funcionamento da língua que o define e o identifica como determinado fonema, grafema ou morfema.

O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces indissociáveis: o conceito (significado) e a imagem acústica (significante), unidas por um vínculo de associação.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, [1916], 2006, p. 80)

Assim definido, os signos linguísticos se caracterizam de maneira solidária pela mutabilidade e imutabilidade regidas pelos princípios da arbitrariedade do signo e pela linearidade do significante. Essas noções são atribuídas à língua como sendo suas qualidades.

Ser “mutável” permite ao signo alterar-se com o tempo. Porém toda alteração conserva um pouco do que a precedeu, essa é a face “imutável” do signo. Ambas concedem a continuidade da língua.

Entretanto, Saussure [1916] (2006) não conseguiu definir os fatores que provocam as alterações, porque estão relacionados à arbitrariedade do signo. Limitou-se a informar que: “sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre o significado e o significante*.” (SAUSSURE, [1916] (2006), p. 89) E nos traz um exemplo:

O latim *necāre*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a

imagem acústica como o conceito mudaram; é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar *in globo* que o vínculo entre ideia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento em sua relação. (idem, p.89)

Contrariamente, Saussure encontra e explica que os fatores históricos são os responsáveis pela imutabilidade dos signos, porque “de fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal.” (SAUSSURE, [1916] (2006), p.86)

Mas apenas falar de fatores históricos não responde as razões da conservação dos signos. Então, Saussure segue seu raciocínio informando que o que também contribui com a imutabilidade dos signos é o seu caráter arbitrário, a infinidade de signos linguísticos necessários e possíveis para constituir qualquer língua, o caráter complexo do sistema da língua e a resistência da coletividade a toda grande renovação linguística.

Em nota, os editores do CLG esclarecem que, apesar de contraditórias, a noção de mutabilidade e de imutabilidade indica que a língua se transforma sem a interferência dos indivíduos, não sendo inalterável. Esse destaque dos editores envolve o princípio da arbitrariedade do signo e da linearidade do significante porque reforçam dizer que não há qualquer regra que possa ser usada pelo sujeito que indique, una ou prenda um significante a um significado (o signo linguístico é arbitrário), e é intrínseco ao signo linguístico o arranjo sucessivo dos significantes no tempo ou no espaço (os signos linguísticos desenvolvem-se de forma linear).

Antes de prosseguirmos com as explicações saussureanas sobre os aspetos envolvidos no estudo da língua, faz-se necessário revisarmos algumas das considerações discutidas:

- a) A língua é um sistema de signos linguísticos baseado em uma relação de

valor;

- b) O valor de cada signo resulta da relação de oposição que estabelece com outros signos no discurso;
- c) Os signos linguísticos se constituem de modo indissociável na associação entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito);
- d) São características do signo a mutabilidade e a imutabilidade;
- e) A mutabilidade e a imutabilidade do signo linguístico são regidas pelos princípios da arbitrariedade e da linearidade;
- f) A arbitrariedade do signo indica que não há razão natural para que um significante se una a um significado e o sujeito não exerce poder sobre eles;
- g) A linearidade do significante refere-se à disposição sucessiva dos significantes no tempo ou no espaço.

É importante aos fonoaudiólogos ter entendimento desses conceitos, porque o encontro com a linguagem que se desvia pode ter suas explicações ou justificativas baseadas em uma propriedade ou característica da língua. Refletir sobre o sistema linguístico é tentar compreender o objeto de estudo que é próprio à fonoaudiologia: a linguagem. Tendo em vista as palavras de Saussure [1916] (2006): “A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação [a linguagem].” (idem, p.17) [acréscimo nosso]

Para Saussure o conceito de língua baseado em um sistema de valor, implica na organização da língua em dois eixos indissociáveis: sintagmático e associativo.

Em um discurso os termos existem *in praesentia* e se sucedem na cadeia da **fala** de maneira linear, excluindo a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo

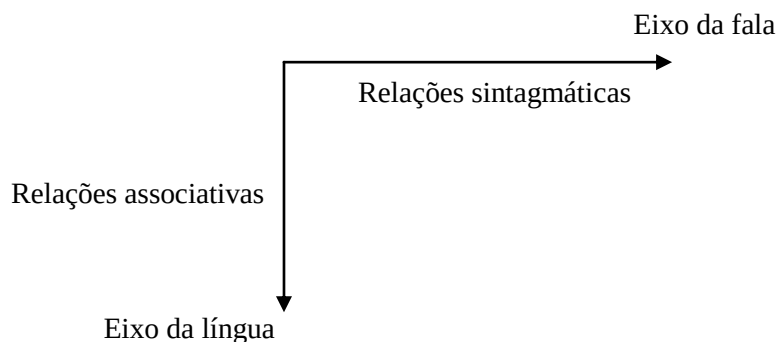
tempo, isso equivale às **relações sintagmáticas**. Segundo Normand (2009), as relações sintagmáticas são uma relação de presença porque estão no discurso.

Ao reconhecer que cada elemento ocupa uma posição determinada no discurso e se sucedem de maneira linear, Saussure encontra uma organização em cadeia no sistema linguístico, em que um elemento estabelece uma relação de dependência com o outro que o antecede ou sucede.

O discurso sintagmático dispõe-se sobre um *eixo cujo suporte segmental é a extensão linear dos significantes* e cuja propriedade básica é a construir-se através da *combinação de unidades contrastantes*. Esse contraste se dá entre *elementos do mesmo nível*: fonema contrasta com fonemas, morfema contrasta com morfemas etc., instaurando *relações distribucionais*. (LOPES, 1977, p.89)

As **relações associativas** ocorrem *in absentia*, ou seja, fora do discurso, e correspondem à associação **mental** das palavras em grupos, fazendo surgir inconscientemente uma porção de outras palavras. As relações associativas são relações de ausência, pois os termos não precisam estar presentes para elas se estabelecerem. (SAUSSURE, [1916], 2006) Já nos dizia Saussure: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (SAUSSURE, [1916], 2006, p.146), não há uma ordem ou limite para as associações.

Uma relação associativa estabelece tantos quantos termos forem possíveis de serem utilizados para referir-se a um termo em um discurso. Por exemplo, ao falar a palavra “trabalho” deixamos de falar as palavras labuta, emprego, ofício, escritório, escola e tantas outras que estabeleceriam uma relação de semelhança com a idéia inicial, sendo o sujeito capacitado para fazer suas associações linguísticas. Assim como ao falar “trabalho” lembramos de trabalhador, trabalhoso, trabalhista e assim sucessivamente.



(Figura 4)

Dessas relações estabelecidas pelos elementos entre o eixo sintagmático e o eixo associativo surge a noção de valor linguístico, isto é, as regras que determinam a razão de ser de cada signo linguístico.

Observando atentamente esse fato, essas relações parecem aludir aos princípios da arbitrariedade do signo e da linearidade do significante, tratados por Saussure [1916] (2006) no capítulo intitulado “Natureza do signo linguístico”, no instante em que ocorrem à revelia do sujeito.

Na cadeia da fala, onde são estabelecidas as relações sintagmáticas e associativas, não há o domínio do sujeito sobre a capacidade do signo linguístico surgir em referência a algo e se organizar sucessivamente no discurso, obedecendo aos princípios da arbitrariedade e da linearidade do signo linguístico.

Não há uma explicação natural para que cada sujeito apresente uma sequência de associações e de sintagmas diferente uma das outras, da mesma forma que não há razão para a união entre um significante e um significado e sua disposição linear no espaço.

Observando a figura anterior, percebemos que as relações internas da língua compõem a linguagem, no instante em que se referem aos eixos da língua e da fala. Sabendo disso, é permitido ao fonoaudiólogo conhecer a dinâmica da linguagem e identificar a ocorrência de desvios baseados nas interferências internas e na possível relação distorcida do sujeito com um dos eixos.

Não cabe ao profissional que lida com a linguagem tentar construir e aplicar

regras fundamentadas apenas em uma definição: “a língua é um sistema de signos.” É necessário entender os motivos que levam a língua ser um sistema e por que é um sistema de signos, para não cair no vazio teórico e no risco de desconhecer o que se faz e por que se faz, por não compreender ou saber o que se diz.

2.3 Fala: uma instância “secundária”?

Saussure [1916] (2006) não se detém profundamente no estudo da fala (*parole*) e a apresenta como uma parte psico-física, secundária e individual da linguagem. A fala parece ser relegada ao não científico.

O autor sugere não haver outro papel para a fala senão representar a língua, por meio oral ou escrito, posto que, segundo Normand (2009), Saussure não faz diferença ao designar como fala essas duas possibilidades de manifestações. “O objeto linguístico [a língua] não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto.” (SAUSSURE [1916], 2006, p.34) [acréscimo nosso]

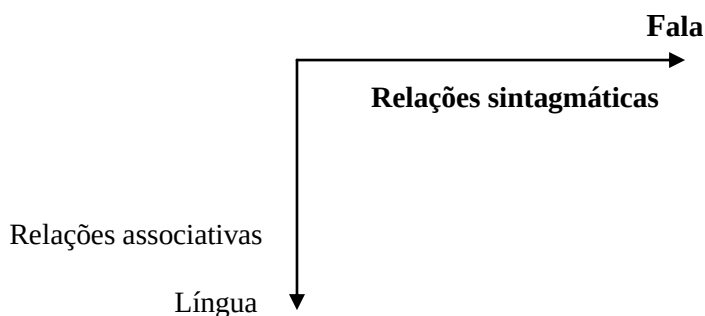
Em seu texto “Lugar da língua nos fatos da linguagem” encontrado no capítulo “Objeto da linguística” do CLG, Saussure [1916] (2006) menciona a fala também como um ato de inteligência no qual se distingue “1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (idem, p.22)

Acreditamos que as distinções encontradas na fala por Saussure acabam por apresentá-la sob o arcabouço de dois conceitos tratados pelo autor: o de **sintagma** (combinações sucessivas de signos linguísticos) e o de **fonação** (mecanismo psico-físico).

Ao mencionar que a fala são combinações efetuadas para a realização da língua, Saussure a coloca no alicerce das relações sintagmáticas, tendo em vista que, conforme mencionamos, essas relações se caracterizam pela ordenação dos elementos linguísticos em uma sequência linear e sucessiva.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. **Estes se alinham um após outro na cadeia da fala.** Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. (SAUSSURE [1916], 2006, p.142) [grifos nossos]

Enquanto sintagma, a fala representa o ato de combinar a língua em uma cadeia linear na qual é possível manter organizado e expressar o pensamento. Está presente em um dos eixos do sistema linguístico, tratado por nós anteriormente.



(Figura 5)

Enquanto fonação, a fala é a ação psico-fisiológica que possibilita ao sujeito exteriorizar a língua, justificada pelos seguintes trechos:

Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, **ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala; a fonação duma palavra**, por pequena que seja, **representa uma infinidade de movimentos musculares extremamente difíceis de distinguir e representar.** (SAUSSURE [1916], 2006, p.23). [grifos nossos]

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, **a fala, inclusive a fonação e é psico-física.** (SAUSSURE [1916]

2006, p. 27) [grifo nosso]

Esses trechos somados a afirmação de que a fonação faz parte juntamente com a audição do chamado **circuito da fala**, coloca a fala no plano da fonação.

Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstruir o circuito da fala. Este ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo. (SAUSSURE [1916], 2006, p. 19)

Saussure (idem) menciona a existência desse circuito como um ato individual, composto de partes físicas (ondas sonoras), de fenômenos psíquicos (imagens verbais e conceitos) e processos fisiológicos (fonação e audição) que supõe no mínimo a participação de dois indivíduos.

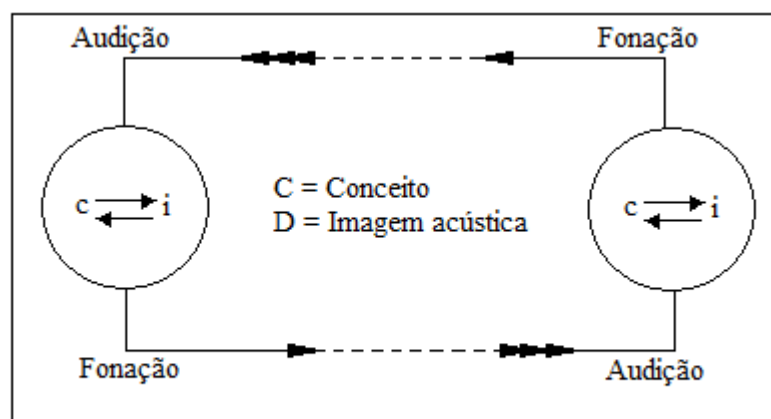


Figura 6: Esquema do circuito da fala idealizado por Saussure [1916] (2006), p.20

Esta análise não pretende ser completa; poder-se-iam distinguir ainda: a sensação acústica pura, a identificação desta sensação com a imagem acústica latente, a imagem muscular da fonação etc. Não levamos em conta senão os elementos julgados essenciais; mas nossa figura permite distinguir sem dificuldade as partes físicas (ondas sonoras) das fisiológicas (fonação e audição) e psíquicas (imagens verbais e conceitos). De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe é associado. (SAUSSURE, [1916], 2006, p.20)

De acordo com Saussure, o circuito da fala funciona da seguinte maneira:

Os conceitos e as representações dos signos linguísticos que se encontram no cérebro do indivíduo A são transmitidos por um impulso aos órgãos da fonação (fenômeno psíquico). Em seguida as ondas sonoras se propagam da boca de A até o

ouvido do indivíduo B (processo físico). Ao chegar ao ouvido do indivíduo B os impulsos são transmitidos ao cérebro (processo fisiológico) para em seguida ocorrer a associação da imagem acústica com o conceito (fenômeno psíquico).

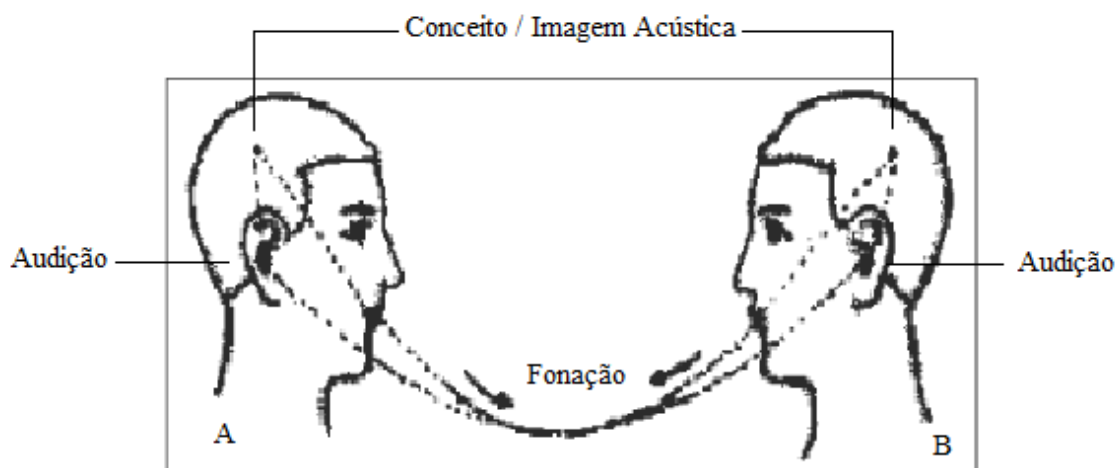


Figura 7: Adaptação do circuito da fala de Saussure [1916] (2006), p.19

Poderíamos nos satisfazer com as explicações de Saussure sobre o mecanismo da fala e seguir em direções às considerações sobre a linguagem, objeto de maior interesse desta tese e próximo item a ser discutido neste capítulo.

Todavia, colocar a fala apenas no plano de um circuito e defini-la como “uma parte psico-física, secundária e individual da linguagem” não atende às nossas necessidades em compreender a relação linguagem e autismo, porque a deixa como um simples ato mecânico.

Encontramos em Benveniste [1965] (2006) a fala unida ao conceito de tempo linguístico como uma característica que o diferencia dos demais tempos.¹⁴ “O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso.” (idem, p.74)

Para Benveniste [1965] (2006), o centro do tempo linguístico está no presente da instância da fala, que é quando o sujeito se enuncia. Em outras palavras, é o tempo que

¹⁴ Benveniste se refere ao *tempo físico* do mundo (de duração variável medido pelo grau das emoções e pelo ritmo de vida) e o *tempo crônico* dos acontecimentos, da convenção social (marcado pelo calendário, por um acontecimento histórico).

ocorre no aqui e no agora. Relacionar o tempo linguístico à fala dá a essa uma maior importância na linguagem, tornando-a não apenas um meio de representação da língua, mas, oferecendo-lhe o *status* de meio de enunciação de um sujeito.

Em nossa proposta de tecer considerações a respeito da relação autista e linguagem, conhecer esse fato é de grande valia, porque acreditamos que o tempo presente é o mesmo tempo do autismo: o tempo em que um sujeito em meio a estereotípias se estabelece. O autista usa os recortes linguísticos passados em referência a algo do presente e dessa maneira pode se enunciar na fala.

Essa nossa concepção é corroborada pela afirmação de Benveniste:

(...) este ato de discurso que enuncia *eu* aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas **para aquele que enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes**, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos. (BENVENISTE, [1965](2006), p.68) [grifo nosso]

Para esclarecer a declaração de Benveniste, utilizamos os argumentos encontrados nos trabalhos de Flores (2006) fundamentados na teoria da enunciação de Benveniste, que trazem a linguagem sob o prisma da irrepetibilidade.

A enunciação é sempre única e irrepetível, porque a cada vez que a língua é enunciada têm-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares. (...) É da ordem do repetível apenas a organização do sistema da língua. (idem, p.71)

Sendo assim, a fala ecológica do autista mesmo que conserve a organização sintagmática, cada vez que é repetida se insere em um novo contexto de tempo, espaço e pessoas, e pode trazer consigo as marcas da enunciação do sujeito, que efetuou um corte no discurso de outrem e o reproduz sistematicamente.

Mas o ato de fala é necessariamente individual; a instância específica de que resulta o presente é cada vez nova. Em consequência disso, a temporalidade linguística deveria se realizar no universo intrapessoal do locutor como uma experiência irremediavelmente subjetiva e impossível de ser transmitida. (BENVENISTE, [1965]2006, p.77)

A fala, objetivamente, é um ato mecânico para o ser falante, porém não é um elemento secundário para o sujeito. É um elemento fundamental para sua constituição, posto que no instante em que fala, ou seja, no tempo em que usa a língua, o sujeito se enuncia. E é o lugar do observador sobre o fenômeno que define a posição da fala.

2.4 A linguagem no escopo de Émile Benveniste

A linguagem como instrumento de comunicação, concepção originária do estruturalismo americano, é justificada, em princípio, por Benveniste [1958] (2005), por duas razões: o homem não encontrou meio mais eficaz para se comunicar, e a linguagem possui elementos que a tornam apta a servir de instrumento capaz de transmitir uma ideia.

Entretanto, essas justificativas de Benveniste nada mais são que munição para suas críticas.

Será realmente da linguagem que se fala aqui? Não estamos confundindo com o discurso?(...) Quanto ao papel de transmissão desempenhado pela linguagem, não podemos deixar de observar, de um lado, que esse papel pode caber a meios não linguísticos – gestos, mímica – e, de outro lado, que nós nos deixamos enganar, falando aqui de um “instrumento”, por certos processos de transmissão que nas sociedades humanas são, sem exceção, posteriores à linguagem e lhe imitam o funcionamento. Todos os sistemas de sinais, rudimentares ou complexos, se encontram nesse caso. (idem, p.284)

Entendemos a linguagem como um índice do humano, ao lado das atividades sociais e cognitivas, que diferenciam os homens dos animais, compostas de signos linguísticos e não-linguísticos. A linguagem não é algo exterior ao homem.

Pensar na linguagem como condição de humanidade difere a posição de Benveniste da posição de Saussure, que assume a linguagem como fator problemático para os estudos linguísticos, uma vez que a complexidade da linguagem dificulta seu entendimento como um objeto facilmente passível de análise.

Esclarecemos, no entanto, que Saussure não exclui a linguagem dos estudos linguísticos. Todavia, o autor destaca que a condição heterogênea desse objeto dificulta sua compreensão. Sendo assim, Saussure explica que não caberia à linguística a responsabilidade do entendimento da linguagem, mas a uma nova ciência que estaria por vir: a Semiologia.

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sēmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 24)

Benveniste também parece perceber a dificuldade em ter a linguagem como objeto de estudo ao afirmar que “as manifestações de *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*.” (BENVENISTE [1966] (2006), p.221) De outra maneira, descrever e caracterizar os aspectos da língua, por exemplo, é bem mais fácil que encontrar o sentido na linguagem.

Entretanto, as dificuldades inerentes ao estudo da linguagem não impedem que Benveniste não apenas a confirme como objeto possível aos estudos linguístico como ainda a coloque ao lado do sujeito, elemento não enfatizado por Saussure.

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, [1958] (2005), p.285)

Diante dessa afirmação de Benveniste, acreditamos que há uma responsabilidade dos estudiosos do autismo em assumir e definir de que lugares partem seus comentários sobre a linguagem, de quais conceitos fazem uso, uma vez que ao definir linguagem,

corre-se o risco de inferir no conceito do que é ser humano, posto que o homem somente é assim reconhecido porque tem linguagem. “(...) Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve pra *viver*.” (BENVENISTE, [1966], 2006, p.222).

Por isso, apoiamo-nos na postura de Benveniste ao considerarmos que a linguagem ocupa uma posição fundante, posto que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.” (BENVENISTE, [1958], 2005, p.286)

Assim definida, a linguagem é condição de subjetividade, campo de constituição do sujeito.

Benveniste insiste no argumento da subjetividade da linguagem porque entende que ao se propor como sujeito, remetendo a si mesmo como eu no seu discurso, em oposição a um tu, o locutor toma consciência de si, torna a linguagem possível e cria a categoria de pessoa. “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*.” (idem, p.288).

A pessoa em Benveniste difere-se daquelas encontradas na categoria gramatical que conhecemos como pronome, constituída de seis pessoas (eu, tu, ele, nós, vós, eles). A pessoa em Benveniste é aquela própria do par eu/tu; está relacionada à condição de sujeito. “(...) *Eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*’.” (BENVENISTE, [1956] (2005), p.278)

Partimos da concepção trazida por Benveniste de que o problema dos pronomes “(...) é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (idem, p. 277), tendo em vista que alguns pronomes caracterizam a atualização da

língua pelo locutor, marcando, em nossa percepção, os movimentos de um sujeito no discurso.

No texto intitulado “A natureza dos pronomes” de 1956, Benveniste (2005) afirma que “é identificando-se como pessoa única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’” (idem, p.280), em oposição a um *tu*. Os pronomes, enquanto signos linguísticos, estão unidos na atividade da linguagem declarando os sujeitos, no instante em que um *eu* se impõe a um *tu* no discurso, em um constante exercício de tomada de posição.

Esse autor também destaca que não há necessidade da presença real e do lugar objetivo no espaço ou no tempo dos pronomes, para que ocorram os movimentos intersubjetivos. Contudo, é preciso que os locutores se apresentem como *eu* ou como *tu* no discurso.

A referência à categoria dos pronomes no autismo já é bem discutida em termos da inversão pronominal: uso do *tu* ou *ele* em substituição ao *eu*. “Esta manifestação pode ser considerada sinal da falha no reconhecimento da relatividade do uso de pronome, assim como o sujeito autista é inábil em outras situações de alternância e relativismo como: aqui/lá; ir/vir; dar/receber.” (PERISSINOTO, 2003, p. 42)

Todavia, nos preocupamos em trazer as discussões sobre o uso dos pronomes no autismo para o terreno da oposição do par *eu/tu* no discurso de que trata Benveniste, porque percebemos nesse lugar uma relação singular do autista com a linguagem.

Nosso desafio está em aceitar as marcas pronominais na linguagem do autista como índice de identificação e constituição do sujeito, e, por conseguinte, um posicionamento particular diante da língua e da linguagem, e não mais como um simples erro no uso dos pronomes.

Entretanto, em uma situação discursiva, não nos preocupamos com as trocas de turno entre os interlocutores ou as marcas enunciativas dos sujeitos. No dizer de Benveniste (2005), “o hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre linguagem como sistema de signos [língua] e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo [fala].” (BENVENISTE [1956] (2005), p. 281) [acréscimo nosso]

A importância da afirmação de Benveniste de que o sujeito está na alternância entre os pronomes *eu/tu* no discurso está na alteração de sentido no uso dos pronomes na instância de pessoa do verbo, que destaca o sujeito como ser falante, senhor absoluto da língua, para a instância de **sujeito na linguagem**, espaço de constituição e enunciação do sujeito. No dizer de Benveniste: “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem.” (BENVENISTE, [1958] 2005, p.288)

Segundo Flores (2009), Benveniste, no decorrer de sua obra, apresenta outros sentidos para a linguagem que não somente o de condição de subjetividade, estando de acordo com o contexto de ocorrência e com os termos a que se une. Dessa forma, a linguagem adquire sentidos específicos quando Benveniste adjetiva o termo, alterna o termo com língua e com línguas.¹⁵

De outro modo, o sentido na linguagem é explorado pelo autor em seu texto datado de 1966, “A forma e o sentido na linguagem” encontrado na obra Problemas de Linguística Geral, volume dois, unido ao problema da significação.

Nele Benveniste afirma que o caráter primordial da linguagem é significar. E significar é ter um sentido. Para esse autor “o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente

¹⁵ Cf. FLORES (2009), p. 152

compreendidos por um conjunto de locutores,” (BENVENISTE [1966] (2006), p.222) que carrega consigo o problema da significação na linguagem.

Que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada. (BENVENISTE, [1966] 2006, p.223)

O critério para determinar se algo significa ou não é estabelecido pelos sujeitos.

“E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais.” (BENVENISTE, [1966] 2006, p. 227)

Dirigimos nossas discussões para o sentido na linguagem, pois acreditamos que toda relação traz consigo um sentido. De acordo com nossas observações anteriores, a linguagem no autismo pode ter um sentido de não-linguagem ou de linguagem sintomática de acordo com as discussões estabelecidas entre os envolvidos com o tema.

Entretanto, o homem não para a fim de refletir sobre qual o sentido da linguagem em sua própria existência, acreditamos que seria o mesmo que buscar o sentido da vida, uma discussão filosófica. Porém, é-nos importante perceber qual o sentido na linguagem do autista, para a condição de existência desse sujeito, uma vez que há uma relação entre sujeito e linguagem.

Benveniste ([1966] 2006) informa que a noção de sentido na linguagem encontra-se relacionada de maneira indissociável à noção de forma, ambas responsáveis pela significação. Sentido e forma podem ser encontrados no domínio semiótico e no domínio semântico, modalidades fundamentais da função linguística: significar para a semiótica e comunicar para a semântica. “A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação.” (idem, p.230)

A unidade semiótica é o signo. Esse é dotado de significação para os usuários de uma língua, que determinam a existência do signo.

Tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralinguístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo ser significativo é a mesma coisa. (BENVENISTE, [1966] 2006, p.227)

Flores (2009) esclarece que a noção benvenistiana de sentido no nível semiótico está atrelada a essa rede de convivência: “diz respeito às relações de oposições com os outros signos da língua” (FLORES, 2009, p.207); está na condição de um fonema ser reconhecido como “b”, em oposição a um fonema “a”, por exemplo. O domínio do sentido no semiótico está no signo, enquanto a forma no semiótico refere-se ao significante¹⁶.

O sentido semântico liga-se à frase (unidade semântica), refere-se ao contexto do discurso e a reação do locutor. Deteremo-nos nesse último.

O sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “aqui e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor. (idem, p.230)

O sentido semântico está na ideia que a frase detém para um grupo de sujeitos, enquanto a forma semântica está na organização da palavra (sintagma), na maneira distribucional que uma palavra se distingue de outra trazendo um sentido a frase. “O sentido a transmitir, ou se quiser, a mensagem é definida, delimitada, organizada por meio das palavras”. (BENVENISTE [1966], 2006, p.232)

Isso determina que mesmo que se compreenda o sentido de cada palavra individualmente, pode-se fora da circunstância de uso não se compreender o sentido resultante da união das palavras em uma frase. Para nós que nos preocupamos com a

¹⁶ O conceito de significante usado por Benveniste é o herdado de Saussure: uma imagem acústica que unida a um conceito (significado) constitui o signo.

linguagem no autismo, essa condição de sentido semântico responde aos questionamentos do senso comum sobre não haver um sentido na linguagem do autista, uma vez que as produções ecológicas não estão claramente atreladas ao contexto em que surgem.

Eis a linguagem atrelada ao sentido que lhe é dado pelos locutores: significar algo para alguém.

No entanto, a nós que nos preocupamos com o lugar do autista na linguagem, interessa a linguagem cujo sentido é o de instituição do sujeito. “A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas.” (BENVENISTE [1958], (2005), p. 289)

Segundo Benveniste (idem), a linguagem é o lugar de constituição do sujeito, porque fundamenta o conceito de ego. Dessa maneira, a linguagem peculiar ao autista também é campo de sua constituição, apesar da dificuldade característica do autista de colocar-se na alternância entre o “eu” e o “tu”.

A subjetividade na linguagem fundamenta-se na pessoa do “eu” em contraste com o “tu”. O “eu” é o indicador do sujeito na instância da enunciação. Não há relação constitutiva de subjetividade com o “ele”, chamado de não-pessoa por Benveniste, porque a terceira pessoa/ele se refere a um objeto exterior à locução, é alguém de quem se fala. “A forma *ele*... tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por “eu”. (ibidem, p.292)

No entanto, acreditamos que a enunciação no autista ocorre de maneira um pouco diferente. Benveniste talvez tenha percebido a possibilidade de seus argumentos possibilitarem outras leituras e afirmou:

Muitas noções na linguística, e talvez mesmo a psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecemos no quadro do discurso,

que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística. (BENVENISTE, [1958], (2005), p. 293)

Sabemos que a enunciação não é o discurso em si mesmo. Porém, é sob o quadro da língua assumida por um homem que fala, e que pode ser na e pela linguagem, que passaremos ao capítulo a seguir, para as discussões sobre o lugar do autista na língua, na fala e na linguagem.

CAPÍTULO 3

O LUGAR DO AUTISTA NA FALA, NA LÍNGUA E NA LINGUAGEM

Em qualquer literatura referente ao autismo há uma unanimidade em atestar que é na linguagem que se encontram as alterações mais significativas. São relatadas desatenções à fala e à voz humana e atenção a ruídos repetitivos e mecânicos, mutismo, raros sinais de comunicação interpessoal como o sorriso e a troca de olhares, ausência dos gestos de apontar, dar *tchau*, da imitação e participação em brincadeiras de esconde-esconde, ausência de pedidos de conforto ou ajuda, solicitação de objetos ou ações por meio da condução da mão do adulto ou pelo grito, presença de ecolalia. (PERISSINOTO, 2003)

A linguagem do sujeito com autismo pode ser discutida considerando-se diferentes dimensões como: inabilidades no código que permeia o uso da linguagem, nos processos que permitem a aquisição dos códigos e seus significados, na dinâmica relacional entre os interlocutores e o contexto que estimula e sustenta a comunicação. (idem, 2003, p. 41)

Percebemos que ao se tratar o tema linguagem no autismo destacam-se as características da língua e da fala não **o sentido da linguagem no autismo**, baseada na relação do sujeito com sua linguagem, questão que ambicionamos aprofundar neste capítulo da tese, juntamente com considerações sobre a língua e a fala.

Neste percurso foi preciso expor a teoria estruturalista lugar original da maioria das concepções a respeito da linguagem em fonoaudiologia, e discorrer sobre a língua, a fala e a linguagem para ambientar o leitor no universo da linguagem. Tendo conhecimento do cenário em que propomos alicerçar esta tese, é chegado o momento de, neste capítulo, entendermos que há uma lógica e uma maneira particular de se relacionar com a linguagem comum ao autismo.

Recordemos que, de acordo com as considerações de Ferdinand de Saussure, a língua e a fala são partes constituintes da linguagem. Se nos propomos a discutir sobre a linguagem no autismo, faz-se necessário considerar a posição do autista nessas instâncias.

Sendo assim, o leitor encontrará neste capítulo referências aos desvios de linguagem encontrados no autismo (ecolalia, balbucios, neologismos) vinculados às explicações sobre as categorias língua, fala e linguagem desenvolvidas por Saussure e Benveniste, respectivamente.

3.1 O intenso relacionamento entre o autista e sua fala

Poderíamos iniciar informando que é comum ao autista usar a língua por meio de uma fala ecológica, mas isso não iria além do que os estudiosos já mencionaram. É preciso conhecer como se dá essa relação.

A fala do autista não difere do conceito de Saussure ([1916] 2006): uma parte psico-física e individual da linguagem, que está alicerçada no eixo sintagmático. E que constitui o circuito da fala.

Os conceitos e as representações dos signos linguísticos que se encontram no cérebro do autista são transmitidos por um impulso aos órgãos da fonação. Em seguida as ondas sonoras se propagam da boca do autista até o ouvido do seu interlocutor. Ao chegar ao ouvido do interlocutor os impulsos são transmitidos ao cérebro para em seguida ocorrer a associação da imagem acústica com o conceito.

Entretanto, acreditamos que durante a interlocução com o autista há uma incompletude no circuito da fala, no tocante à figura do interlocutor, visto que há uma dificuldade na associação da imagem acústica com um conceito.

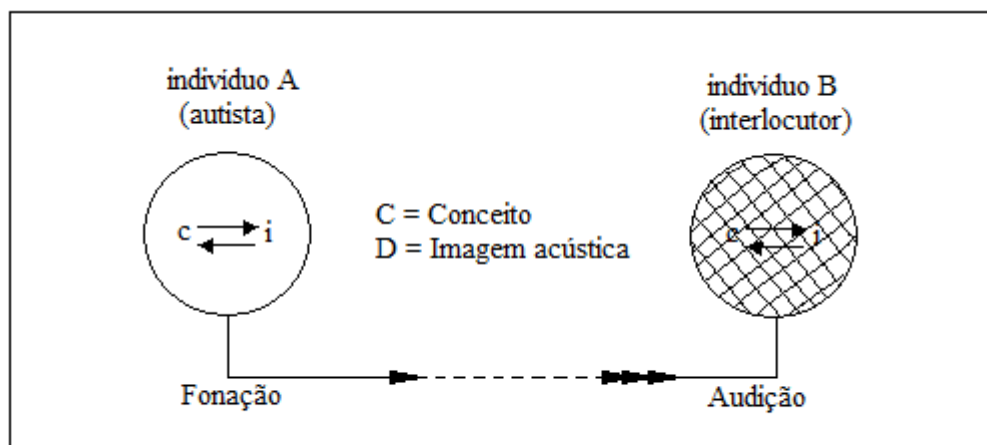


Figura 8: Circuito da fala em desequilíbrio entre o autista e seu interlocutor.

A possível justificativa para esse fato está na fixidez da linguagem do autista no eixo sintagmático ou eixo da fala, lembremos que, de acordo com os preceitos saussureanos, língua e fala são entidades indissociáveis.

Podemos mencionar que o autista está inserido no sistema linguístico, todavia, estabelece uma relação mais intensa com a fala, em decorrência da objetividade das relações sintagmáticas fruto da apropriação e exposição pelo autista de um discurso já dito por outrem, não havendo a necessidade da ação do sujeito encarregado de estabelecer associações linguísticas.

Essa relação do autista com a língua, que trataremos mais adiante, se caracteriza pelos neologismos, sons aleatórios e pela rigidez no eixo da fala (sintagmático) o que resulta em uma fala insistentemente repetitiva.

O modo individual da fala, caracterizado pelos sons aleatórios, pela ecolalia, pelos truncamentos ou pela criação de neologismos, exclui o interlocutor do autista no momento em que esse não compreende o que se diz. Logo, não há o fechamento do circuito da fala com o retorno ao autista de sua produção linguística.

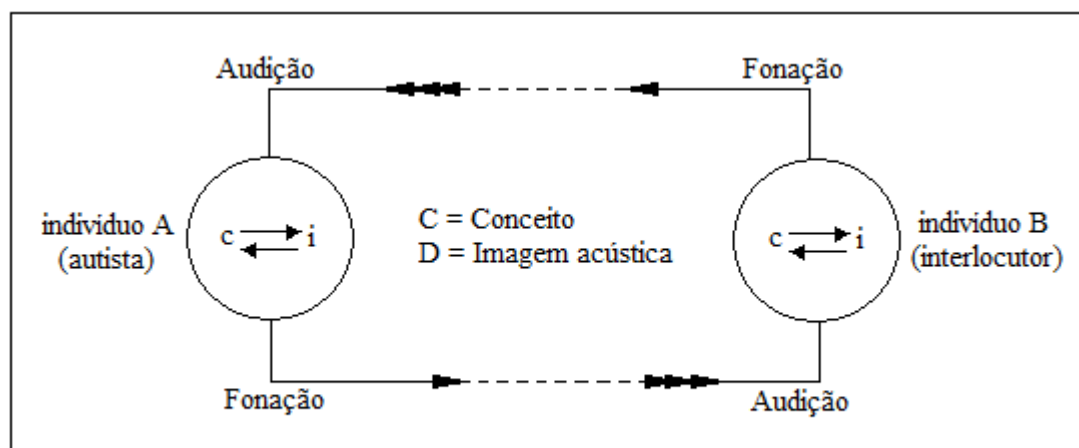


Figura 9: Adaptação do circuito da fala (SAUSSURE, [1916] 2006)

Acreditamos que no autismo esse modo individual da fala se justifica, inicialmente, pela necessidade da fala surgir como um objeto para auto-estimulação. Expliquemos.

Entendendo a fala segundo o circuito apresentado por Saussure, acreditamos que ao falar, o autista exercita seu aparelho fonador e auditivo em uma repetição incessante de uma sequência de sons originária em seu cérebro, que são transmitidas aos órgãos da fonação e ao seu ouvido promovendo uma auto-escuta. Não há a necessidade do indivíduo B, interlocutor do autista, que completaria o circuito porque o sentido da fala está na posição inicial de objeto que essa instância assume no autismo.

Pensamos em uma atitude assumida pelo autista de se apropriar e utilizar os sons da fala como um objeto ou campo seguro e controlável para auto-estimulação sensorial, assim como faz com seu corpo através dos movimentos estereotipados, e que caracteriza a presença do autista no mundo.

Através de uma emissão sonora constante e da fala ecológica o autista conseguiria manter sob controle o ambiente, pois não há ingresso de novos sons ou palavras em uma sequência pré-estabelecida, elas seguem o mesmo padrão entoacional e ordem de aparição, não havendo surpresas.

Nossa concepção é corroborada pela afirmativa de Ratey e Johnson (1997) que

“(...) muitas crianças com autismo passam horas entoando a mesma palavra, expressão ou frase repetidas vezes. Considera-se isso uma forma de auto-estímulo verbal”. (RATEY e JOHNSON, 1997, p.261)

Dentro de uma perspectiva psicanalítica, Schuler citado por Fernandes (1995) sugere que a linguagem ecológica da criança autista representaria um desejo de dominar o ambiente, levando-a a ser considerada como um objeto autístico.

De acordo com Tustin (1990), objetos autísticos são objetos eleitos como fonte de segurança para o autista, como parte de corpos que transmitem sensações tranquilizantes. Caracterizam-se por serem utilizados de maneira idiossincrática para cada pessoa, em desacordo com a função para qual foram planejados. Não carregam em si aspectos do imaginário infantil, mas são usados de maneira repetitiva, descartados e substituídos por outros sem um apego específico por um determinado objeto. Esses objetos ajudam a impedir a percepção e o choque da separação física.

Acreditamos que para o autista o primeiro sentido na linguagem na instância da fala não é essa ser veículo para a comunicação. A fala tem como sentido inicial servir como um objeto de auto-estimulação com a função de acalantar ou manter o tempo físico presente em um estado latente de tranquilidade, uma vez que não há alterações na sequência linguística utilizada.

Os sons da fala seriam manipulados conservando um padrão permanente de produção linguística que auxiliariam o autista a se preservar das investidas do mundo exterior, uma vez que, enquanto mantêm-se em um movimento de fala constante, os autistas parecem isolar-se e se encontrar em um lugar ou tempo já definidos.

A fala sem alterações em sua forma parece manter a permanência do tempo físico, sem reportar-se ao futuro ou ao passado: o que importa é a certeza do presente.

O tempo físico “é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade.

Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.” (BENVENISTE, [1965] 2006, p.71).

Esse é o tempo que marca a duração de algo como efêmero ou longo do ponto de vista individual. Na fala, pensamos que as repetições, o automatismo e as resistências provocariam no autista um prolongamento no tempo das emoções e das sensações prazerosas vivenciadas.

Porém, quando relacionamos o autismo com a questão do tempo em Benveniste, devemos considerar, ao lado do tempo físico, sobretudo, o tempo linguístico. Esse que tem seu centro no presente em que se fala. “Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido”. (idem, p.75) Em cada instante que o autista fala, mesmo que de modo ecológico, há a possibilidade da presença de um enunciado, posto que sempre surge em um contexto diferente daquele imediatamente anterior e posterior.

Acreditamos desse modo, ter encontrado um novo sentido para a fala do autista que não apenas a segurança representada por um recorte de uma fala passada, mas que não se refere ao passado. Mencionamos a possibilidade de considerar a fala ecológica e carregada de neologismos associada ao tempo linguístico, de que trata Benveniste, como uma fala que, apesar dos desvios, ocorre em um contexto específico, no aqui e agora, e traz como sentido uma forma possível de enunciação.

A fala ecológica é uma ação psico-física individual que retrata a maneira como o autista utiliza a língua, no presente, cada vez que profere as repetições em situações distintas. Em cada momento da fala há um sujeito que expõe a seu modo a apropriação do sistema linguístico.

Desse modo, ao associarmos a questão do tempo à fala do autista, identificamos

duas maneiras do autista relacionar-se com a linguagem na instância da fala. A primeira, baseada no tempo físico, é uma relação do tipo sujeito-objeto em que a fala ocupa o lugar de instrumento de auto-estimulação e de segurança. Essa parece ser mais evidente no autismo e a primeira a ser estabelecida. Os sons da língua são usados na fala de maneira não convencional, ou seja, não são dirigidos de forma comunicativa a outro sujeito, mas são usados como um exercício individual que caracteriza a manutenção de um comportamento de repetição perseverante na linguagem.

A segunda maneira é mais subjetiva. Refere-se a uma relação do tipo sujeito-linguagem quando consideramos a fala como caminho para a enunciação de um sujeito, e está relacionada ao tempo linguístico. A fala estereotipada é a forma encontrada pelo autista para se estabelecer no presente e participar do patrimônio humano da linguagem.

Para ilustrar o que afirmamos acima, trazemos um recorte da fala de Estênio, uma das crianças que terá trechos de sua linguagem retratados nesta tese.

Era comum na fala da criança encontrar as repetições “cadê vovô?”, “cadê Ana?” (mãe), “cadê Beto?” (pai), “cadê Felipe?” (irmão), “cadê Lícia?” (irmã), sem que os interlocutores de Estênio fossem capazes de encontrar quaisquer relações naquela fala repetitiva, que possibilitasse compartilhar da mesma experiência linguística com a criança.

Após as entrevistas realizadas com familiares de Estênio para construir a história da sua linguagem, soubemos que era comum à família as frases “cadê vovô?”, “cadê Ana?” (mãe), “cadê Beto?” (pai), “cadê Felipe?” (irmão), “cadê Lícia (irmã)?” em uma espécie de jogo de linguagem, em que os sujeitos se escondem do campo visual infantil e após o questionamento surgem. Somada a isso, costumeiramente, a mãe da criança durante os afazeres domésticos questionava sobre a localização de Estênio e de seus

irmãos quando esses estavam fora de seu campo visual, como meio de informação sobre a situação de segurança que as crianças ocupavam dentro do domicílio.

Após as entrevistas e início do tratamento fonoaudiológico, cogitou-se a possibilidade da ecolalia “cadê vovô?” estar relacionada a um pedido para escapar de uma situação desconfortável e retornar ou manter-se em uma posição de segurança.

Percebida dessa maneira, a condição de confiança e segurança configurou à fala de Estênio uma perspectiva de objeto para auto-estimulação ou acalanto, na medida em que a ecolalia “cadê vovô” era usada sem um compromisso aparente de dirigir-se ao interlocutor.

O avô era quem geralmente se encarregava do transporte de Estênio à escola e seu retorno para casa. Cada vez que a criança emitia a ecolalia “cadê vovô?” e suas variações, lembrávamos do jogo de presença e ausência infantil comum nas famílias brasileiras, no qual o adulto se esconde e pergunta pela criança nomeando-a. Por exemplo: Cadê Maria? E, em seguida, o adulto surge e ele mesmo responde: aqui ou achou, retirando a criança de um lugar desconfortável de solidão.

	Estênio	Isabela	Cena
1)	Hoje. (o bem ju). Cadê teu pai?		Estênio está sentado, mas balanceia o corpo em movimento giratório.
2)		Cadê o seu pai? O meu está em casa e o seu? Cadê seu pai, hein, Estênio?	
3)	iiiiiiiIIIII.		
4)		O meu está em casa. O meu pai está em casa. E seu pai está onde? Hein? O seu pai está onde? (2s)	Estênio esconde seu rosto entre os braços.
		Cadê Estênio? Cadê Estênio?	A criança tira o braço do rosto.
		Achou!	

Participar de alguma forma desse jogo juntamente com a criança foi a maneira encontrada para que a fala ecológica de Estênio participasse por completo do circuito da fala mencionado por Saussure, a partir da posição que assumimos enquanto fonoaudióloga, como o indivíduo B, interlocutor da criança. Descaracterizando, assim, a relação sujeito-objeto estabelecida entre o autista e a ecolalia, quando essa se encontra em uma aparente descontextualização remetendo a ideia de um campo seguro e de auto-estimulação auditiva e vocal.

Ao assumir a posição de interlocutor, consideramos o tempo linguístico da emissão estereotipada, o presente, aquele unido a pessoa que enuncia (BENVENISTE, [1965] 2006), permitindo que observássemos a relação sujeito-linguagem baseada na ecolalia compreendida como uma enunciação.

No texto “O aparelho formal da enunciação” escrito em 1970, Benveniste (2006) afirma: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (idem, p.82) E prossegue com um alerta:

É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: **é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado**, que é nosso objeto. **Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta.** A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação. (BENVENISTE, [1970] 2006, p.82) [grifos nossos]

A ecolalia é uma maneira peculiar de um sujeito usar a língua. Não desconsideramos os desvios que se encontram na linguagem estereotipada, mas se, para Benveniste, enunciar é se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento individualmente, sendo isso uma realização do sujeito, o qual se constitui na e pela linguagem, no instante em que, no discurso, um “eu” em oposição a um “tu” se apropria da língua e se enuncia (BENVENISTE, [1958] 2005), podemos acreditar ser a ecolalia uma forma de enunciação.

Benveniste ([1970] 2006) encontra três sentidos para a enunciação e neles encontramos argumentos suficientes para considerar a ecolalia como uma possibilidade enunciativa.

- a) “A enunciação é a realização vocal da língua.” (BENVENISTE, [1970] 2006, p.82) Segundo Benveniste, os sons emitidos e percebidos resultam de atos individuais que, para cada sujeito, jamais serão iguais porque, mesmo reproduzidos fielmente, a enunciação produzida estará em outras situações.

A ecolalia é uma realização vocal da língua que, a cada nova emissão, encontra-se em uma relação tempo e espaço diferente da imediatamente anterior e posterior. Essa condição permite que essa emissão estereotipada encontre uma razão para o seu surgimento em um contexto específico.

- b) “A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.” (idem, p.83) Flores (2009), juntamente com sua equipe, em seus estudos sobre a obra benvenistiana, indica que “as formas da língua, ao serem assumidas por um sujeito, passam a constituir o *discurso*.” (FLORES, 2009, p.84)

Dessa forma, a ecolalia se apresenta como um discurso estereotipado a partir da apropriação do sistema linguístico pelo sujeito autista.

- c) A enunciação é colocar em prática a língua de modo individual “no quadro formal de sua realização” (BENVENISTE, [1970] 2006, p.83). Na enunciação são considerados o próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização.

Na fala ecolálica há um sujeito que, pelo meio vocal, faz uso da língua de maneira particular em um contexto específico.

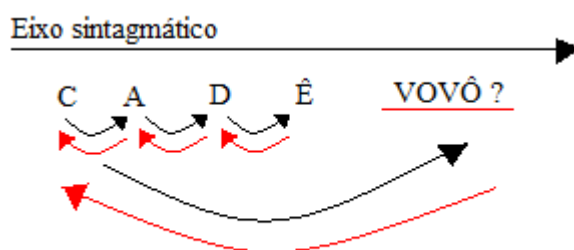
A linguagem enquanto fala encontra sentido para o sujeito autista que recorre a ela para se acalantar e para se enunciar. É uma relação singular e necessária encontrada

por um sujeito para estar no mundo humano. “Se a fala está na língua, a fala sintomática também está. Se o sujeito está na fala, o sujeito que apresenta uma fala sintomática também está”. (SURREAUX, 2006b, p.159)

3.2 A relação autista e linguagem na instância da língua

Saussure nos informa que a língua se organiza por meio de uma relação entre os eixos sintagmático e associativo. A noção de língua implicada em dois eixos é fundamental para compreender que a dificuldade na linguagem do autista, caracterizada pela reprodução da expressão linguística de outrem e a dificuldade em expandir sua cadeia de fala acrescentando elementos linguísticos novos ao discurso, encontra-se vinculada a uma rigidez no eixo sintagmático, porque, em verdade, há uma única seleção de signos linguísticos que obedece a um recorte realizado da linguagem apresentada por um locutor externo.

O eixo sintagmático corresponde ao plano da fala, no qual os termos da língua ocupam uma posição determinada no discurso e se sucedem de maneira linear, relacionando-se com o elemento que o antecede e que o sucede.



(Figura 10)

No nível sintagmático, há uma relação sequenciada e objetiva entre os elementos, no sentido de que exige, necessariamente, a obediência a uma ordem de aparição e ocorre à vista dos locutores e em presença no plano de expressão.

A ecolalia comum a linguagem do autista é caracterizada pela repetição de um discurso ouvido anteriormente. Há uma reprodução de uma fala sem que se insiram novos elementos linguísticos ou altere sua melodia, por isso é comum a ecolalia ser comparada a um discurso robotizado.

Esse comportamento do autista de rigidez no eixo sintagmático se justifica, em nossa concepção, por acreditarmos na dificuldade do autista em lidar com as relações associativas suplantadas em uma base subjetiva: os sujeitos têm a possibilidade de estabelecer inconscientemente as associações que lhes convêm.

É evidente que é o sujeito falante quem faz as associações, forma os grupos *dentro dos quais imperam relações muito diversas*. Por outro lado, por não serem lineares, as relações associativas não se apresentam como algo limitado. O número de associações possíveis em uma língua é infinito e depende, na maioria das vezes, do sujeito falante. (NÓBREGA, 2008, p.07)

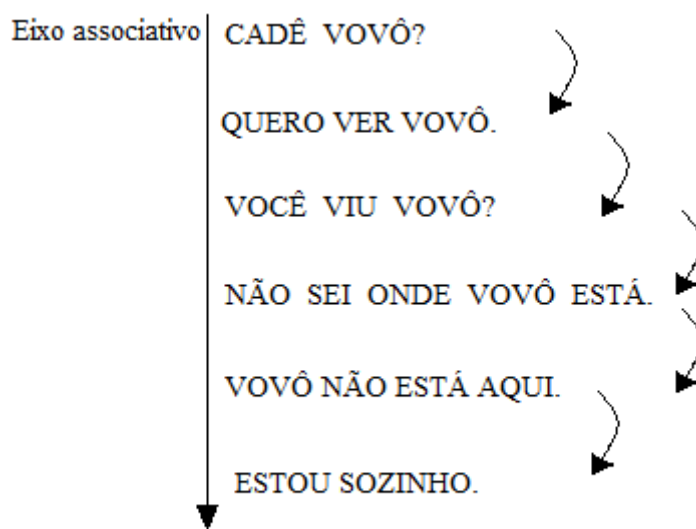
O eixo associativo corresponde às relações entre os elementos linguísticos estabelecidas na mente dos sujeitos falantes, fora do discurso. Não há necessidade da presença concreta ou observável dos termos para que ocorram as associações. Em outras palavras, o fato das associações ocorrerem na mente as tornam imprevisíveis, gerando certo grau de desconforto e insegurança para o autista, porque não se consegue pressupor ou antecipar as reações ou ações dos sujeitos na linguagem. As situações desconhecidas, os múltiplos sentidos ou significados das palavras empregadas de acordo com o contexto são evitados, permanecendo o autista no plano já conhecido do eixo sintagmático.

Há no sujeito autista uma dificuldade em expandir as associações inserindo elementos linguísticos novos que facilitem o entendimento do discurso para um locutor, caracterizando, assim, sua linguagem como descontextualizada, rígida, e perseverante.

No exemplo anterior “cadê vovô?”, Estênio tem grande dificuldade em mudar o sintagma aproximando-o ao contexto, de maneira que facilite o entendimento do seu

discurso entre os locutores. Ao alterar o sintagma, necessariamente, Estênio estaria circulando no eixo associativo que o remeteria ao terreno imprevisível das múltiplas possibilidades de arranjos da língua.

As associações linguísticas, expostas no exemplo abaixo, são fruto do que imaginamos que poderia ocorrer no discurso de Estênio se esse não estivesse preso ao eixo sintagmático.



(Figura 11)

Essa inabilidade em lidar com as infinitas possibilidades de agrupamento linguístico observada na relação associativa, em nossa concepção, é uma projeção na linguagem do comportamento social do autista de resistir às mudanças de rotina e do ambiente: o conhecimento anterior das situações e posição espacial dos objetos é valorizado pelos autistas por lhes dar segurança.

Na língua, esse comportamento de resistência do autista está na forma como o sujeito prende-se a uma ordem de aparição sintagmática, que teve sua realização no plano concreto ou observável já definida por outrem, e opõe-se a sua alteração. Evita com essa atitude arriscar-se em novas seleções que requereriam um movimento do sujeito em impor limites originais às associações e o tiraria de um lugar de segurança na linguagem resultante do conhecimento prévio dos elementos linguísticos utilizados.

Esse aspecto indomável presente na relação associativa é que representa a dificuldade do autista na linguagem em sua instância língua, uma vez que é impossível prever e controlar o surgimento das associações mnemônicas entre os sujeitos. Parece que para o autista o que não existe concretamente, o que não foi presenciado, ou melhor, o que não foi dito por outrem não existe, não há outras associações linguísticas possíveis.

Apresentamos, a seguir, para ilustrar o que defendemos acima, um recorte de uma das primeiras sessões fonoaudiológicas com Estênio, durante a qual se tentava intervir no uso de objetos de maneira não convencional pela criança, no caso uma caixa que era dobrada e enrolada, desdobrada e desenrolada repetidas vezes.

	Estênio	Isabela	Cena
1)		O que é que você quer? O que é que você quer? Essa caixa?	Pego a pequena caixa de lápis de cor vazia que está com Estênio e lhe mostro, fazendo a pergunta.
2)	Essa caixa.		
3)		Ou aquele outro jogo?	Pego o jogo “o pequeno construtor” e mostro a Estênio.
4)	(incompreensível)		
5)		Qual você quer? A caixa ou o jogo?	
6)	Caixa ou o jogo?		
7)		Quer qual?	
8)	Quer qual?		
9)		Qual você quer Estênio, diga. A caixa ou o jogo?	
10)	O jogo.		
11)		O jogo? Certo. Vamos pegar o jogo, tá?	
12)	Posso guardar? (10s)		

13)		Tome o jogo.	Retiro do campo visual da criança a caixa e coloco o jogo.
-----	--	--------------	--

Percebemos nas linhas 2, 6, 8 e 10 que o discurso de Estênio se caracteriza por repetições do último trecho imediatamente anterior proferido pela fonoaudióloga. Essa ação comum ao autismo representa a ecolalia: linguagem descontextualizada, rígida e com repetições aleatórias.

Em defesa de uma relação com a linguagem própria ao autismo, aqui retratada na instância da língua, atribuímos ao caráter repetitivo do discurso de Estênio uma inabilidade em expandir o sistema linguístico, que parece reforçar o lugar de isolamento que o autista se impõe em referência ao mundo exterior. Isso porque, aparentemente, não possibilita a presença de sua subjetividade¹⁷ e o mantém no campo seguro do conhecimento prévio da sequência sintagmática.

Destacamos uma aparente dificuldade em relação a subjetividade, pois, conforme já defendemos quando nos referimos à fala, a sequência sintagmática que caracteriza a ecolalia é uma forma encontrada pelo autista para se enunciar. No autismo, estamos diante de uma relação em que há necessidade da linguagem ser fonte ou terreno de segurança para um sujeito.

No campo da ordem sintagmática o autista se protege da instabilidade provocada pelas incertezas associativas decorrentes das infinitas possibilidades de arranjos entre os signos linguísticos.

As relações sintagmáticas e as relações associativas são dois campos distintos que “correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua.” (SAUSSURE, [1916] 2006, p.142) Elas não estão ausentes no autismo, estão distorcidas em virtude da ação de um sujeito.

¹⁷ A subjetividade que tratamos refere-se à passagem de locutor a sujeito. (BENVENISTE [1958], 2005)

“O que fica assim representado sobre os dois eixos [sintagmático e associativo] é a atividade do sujeito falante, escolhendo e combinando as unidades, em uma mistura de consciência e inconsciência do mecanismo que ele aciona.” (NORMAND, 2009, p. 165) [acréscimo nosso]

Acreditamos que no autismo estamos diante de uma inesperada relação em que um sujeito “prefere” escolher as unidades que farão parte do seu estado de língua no universo inconsciente ou consciente de outrem, para em seguida usá-las igualmente ou parcialmente em contextos distintos. Na verdade, é uma inadvertida situação em que inconscientemente o autista se apropria total ou parcialmente do discurso do outro, tornando-o seu. O autista repete aquilo que foi falado mesmo que não tenha sido dirigido a ele.

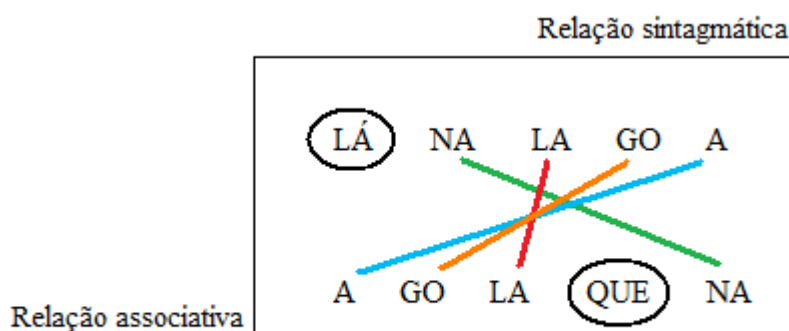
Entretanto, a escolha e seleção de recortes específicos na linguagem de seus pares sem que observemos a íntegra do discurso proferido anteriormente ou as pequenas variações prosódicas nas repetições já sugerem a ação de um sujeito na apropriação da língua como tentativa de saída de uma prisão ao eixo sintagmático e alteração na cadeia associativa. Utilizaremos o exemplo a seguir, para mostrar que a relação do autista com sua língua é um estado que pode ser modificado e não uma condição única de existência.

Ao final de uma sessão fonoaudiológica, é solicitada a ajuda de Estênio para guardar os materiais usados em terapia.

	Estênio	Isabela	Cena
1)		Vamos guardar esse assim, dentro da caixa. (5s) Me ajuda.	Fonoaudióloga e criança estão encerrando as atividades de mais uma sessão.
2)	ÊÊÊ.		Estênio entrega a terapeuta uma peça do jogo “o pequeno construtor”.

3)		Obrigada. Me dá outro. Não. Me ajuda primeiro a guardar. Me ajuda a guardar. Obrigada. Junta pra mim os animais.	Estênio interrompe e depois retorna a atividade.
4)	ÊÊÊÊ. O sapo não lava o pé não lava porque		A criança canta acompanhada de batidas ritmadas na mesa com uma peça do jogo. Destacamos que entre os animais que a criança recolhe não há sapo. São cavalo, vaca, galinha e pato.
5)		não quer ele mora lá na lagoa não lava o pé porque não quer.	
6)	EEEEEE a gola que na		
7)		Ah! Traz pra mim os animais agora.	

Chamamos atenção para o neologismo “a gola que na” presente na linha 6. A expressão “lá na lagoa” da canção sofre uma discreta modificação, circulando entre os eixos sintagmáticos e associativo sem se distanciar muito de sua estrutura original. Há, apenas, um rearranjo na posição dos fonemas.



(Figura 12)

Acreditamos que nesse instante podemos marcar uma mudança de estado entre uma relação presa ao eixo sintagmático para uma relação dinâmica com a língua, na qual há saída de produções “impessoais”, para produções próprias ainda que distorcidas, posto que há a realização de uma nova associação mnemônica exposta no sintagma.

Há uma apropriação da língua que é despercebida pelo interlocutor da criança (linha 7), pelo fato do deslize no eixo associativo ocorrer inconscientemente sem o domínio dos sujeitos, tendo como consequência uma nova relação de valor entre os signos linguísticos que não é reconhecida, resultando na criação do neologismo “agola que na”.

Os neologismos encontrados na língua do autista se confundem com a incompreensão da sequência fonêmica utilizada. A “livre” evocação mental dos termos, característica das relações associativas, individualiza a língua no autista provocando no interlocutor tentativas para encontrar sentidos que aproximem o discurso ao contexto.

Deixamos o termo livre entre aspas porque há na língua uma liberdade relativa.

Ela não chega a permitir, na maioria dos casos, que se mude a ordem dos elementos em uma combinação. (...) No lugar dessa liberdade ilusória, que supõe a consciência, reconhecemos a atividade de criação e restauração de formas que vimos na operação da analogia bem como em toda atualização da gramática e reencontramos o outro tipo de relações, as associações, cujo jogo é inseparável daquele dos sintagmas. (NORMAND, 2009, p.164)

Os neologismos do autista são uma prova de que há uma falsa liberdade na língua, porque ao criar infinitos arranjos cada vez mais particulares, onde há o império das associações ou do eixo da língua, o autista provoca a incompreensão de sua fala e a possibilidade do não reconhecimento da sequência fonêmica utilizada como fazendo parte do sistema linguístico da comunidade. Isso, conseqüentemente, dificulta a comunicação entre os seus pares.

Desta forma, ao sair de uma rigidez no eixo sintagmático e encontrar o universo do eixo associativo, parece que o autista não tem controle para limitar suas associações, resultando na criação dos neologismos. Talvez, na impossibilidade de regular seu trânsito no eixo associativo, porque o número de associações possíveis depende de um sujeito falante, é comum ao autista prender-se ao eixo sintagmático.

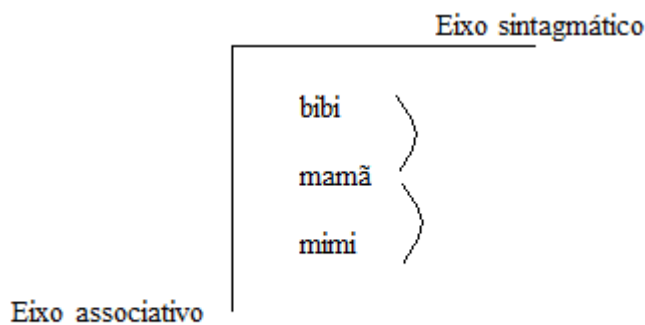
Encontramos, na verdade, um desequilíbrio na língua do autista caracterizado pela conquista de posições extremas: preso ao eixo sintagmático por meio de uma fala marcada pela ecolalia ou, mais dificilmente, solto no eixo associativo por meio de uma língua caracterizada por neologismos.

Pelo fato do “estar solto” remeter a uma sensação de insegurança, os mergulhos do autista no eixo associativo ocorrem, em princípio, nas aparições discretas de neologismos em meio às ecolalias.

Outro exemplo que trazemos para discussão sobre a dificuldade em compreender o uso da língua pelo autista, que resulta da criação de neologismos, é retirado de Luciano, a outra criança que tem trechos de sua linguagem retratados nesta tese.

Em consulta fonoaudiológica, a mãe de Luciano, revela que a criança passou a falar constantemente e aleatoriamente a palavra “bibí”. Ela mesma encontra o sentido de mãe nesse termo, pois é pelo nome “bibí” que seus familiares a reconhecem. Posteriormente, sob orientação, a família passou a relacionar o nome bibi à figura materna e ao nome mamãe, passando a criança a usar a palavra “mamã”.

Alguns meses seguintes, a mãe mostra-se frustrada porque a criança deixa de usar a palavra mamã e fala “mimi”. A mãe não percebeu, no entanto, que a criança realizou uma nova combinação de signos linguísticos caracterizada pela junção das palavras bibi e mamã, saindo de uma posição estática na língua caracterizada por repetições aleatórias de palavras, para efetuar uma circulação entre os eixos sintagmático e associativo.



(Figura 13)

A forma de aglutinação de palavras que ocorreu na linguagem de Luciano (bibi + mamã = mimi) resultou na criação de um neologismo e representou a saída da criança autista de uma posição de fixidez no eixo sintagmático.

(...) A noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras).

Não basta considerar a relação que une entre si as diversas partes de um sintagma (por exemplo, *contra* e *todos* em *contra todos*, *contra* e *mestre* em *contramestre*); cumpre também levar em conta a que liga o todo com as diversas partes (por exemplo: *contra todos* oposto, de um lado, a *contra*, e de outro a *todos*, ou *contramestre* oposto, de um lado, a *contra* e de outro a *mestre*). (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 143)

Saussure faz referência, na afirmação acima, ao processo linguístico de formação de palavras que resultam da composição, conhecido por justaposição: palavras que permanecem íntegras na associação com outras palavras, por exemplo: superposição (a palavra super associada à palavra posição) e pé de moleque.

No entanto, sendo também um exercício de formação de palavras por composição, a aglutinação, caracterizada pela fusão de palavras em uma só palavra em que há perdas de elementos linguísticos (por exemplo: planalto = plano + alto), é trazida por nós como uma das noções de sintagma.

Assim, quando Luciano deixa de pronunciar os sintagmas “bibi” e “mamã” para produzir “mimi”, realiza a criação de um neologismo por aglutinação e se enuncia na linguagem através de um novo sintagma.

Reafirmamos nossa crença de que a linguagem no autismo é dinâmica, representada, entre outros fatores, por discretas modificações entre os eixos da língua, sintagmático e associativo. Todavia, por ser uma linguagem marcada por incompletudes no que tange ao contexto em que surge e na rigidez de fragmentos que apresenta, são comuns as alterações na língua não serem percebidas no autismo.

Continuemos a discutir sobre a postura do autista na língua no exemplo a seguir.

	Estênio	Isabela	Cena
1)		O que é que estás fazendo, Estênio?	A criança recolhe os livros de uma coleção infantil, ajeita-os nas mãos e bate sobre a mesa que tem a sua frente repetidas vezes.
2)	êês iiiiii.		
3)		O que é que estás fazendo?	
4)	eio. A-í, o-í. (3s)		
5)		Olha! No livro! Olha!	A fonoaudióloga aponta uma figura do livro.
6)	Abegui du livu.		
7)		É, estou veendo. (2s) A menina do livro? (5s)	
8)	espia pa-pau (incompreensível) a du a du veeeendu.		Estênio bate os livros na mesa.

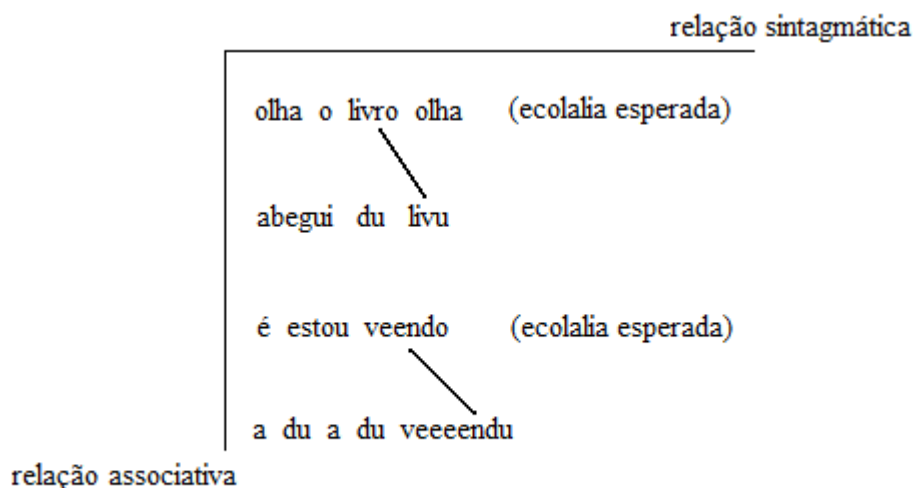
Na linha 6 do trecho anterior, as relações sintagmática e associativa que se estabelecem entre os termos utilizados por Estênio se encontram de maneira tão particular que nos provoca a necessidade de procurar um sentido (linha 7). Isso porque os sujeitos em uma situação de interlocução não estão interessados em identificar o que ocorre na língua, mas em encontrar sentidos para a linguagem. Recordemos Benveniste, em um trecho já retratado nesta tese: “o hábito nos torna facilmente insensíveis a essa

diferença profunda entre linguagem como sistema de signos [língua] e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo [fala].” (BENVENISTE [1956] (2005), p. 281) [acréscimo nosso]

Nessa perspectiva, em função da particularidade dos signos linguísticos utilizados, configurados pelos neologismos e ecolalias, acreditamos que para os autistas, em princípio, o sentido na linguagem no plano da língua está em um exercício de exploração e reconhecimento dos sons da língua, semelhante a um jogo vocálico.

Entretanto, ao fazer uso da língua de maneira individual, o autista se enuncia. O que antes seria uma experiência vocal e auditiva tem, na verdade, como sentido o uso individual da língua por um sujeito.

Essa relação singular com a língua não indica que os autistas estão alheios a essa instância da linguagem ou que não podem ocorrer alterações nos eixos da língua de um autista. Presenciamos posturas e combinações linguísticas específicas que, apesar de manter o padrão ecolálico, sugerem a enunciação do sujeito na linguagem.



(Figura14)

Há uma realização vocal e conversão individual da língua em um discurso, que definem a enunciação em Benveniste ([1970] 2006), porém de uma maneira especialmente única.

É comum à escuta realizada da língua de um autista, tentar aproximar os arranjos efetuados pelo sujeito às convenções linguísticas, porque há uma necessidade do interlocutor reconhecer os signos como fazendo parte da herança da língua. Porém, não se tem a garantia de que o que se ouve é o que é dito de fato pelo autista. Isso se explica pelo fato de que o interlocutor tem a necessidade de encontrar no discurso do outro sons que indiquem a configuração de palavras reconhecidas pela comunidade linguística, de maneira que, dentro de um contexto, o grupo social aceite e estabeleça valores aos signos que os tornem compreensíveis dentro do grupo. Considera-se a ideia que o signo representa, em relação a sua posição frente a outros signos no discurso.

Uma das dificuldades do autista está em compartilhar os valores dos signos linguísticos, o que provoca o possível estabelecimento de novos valores aos signos que repercutirão, conseqüentemente, nos níveis morfológico, sintático e semântico da língua. No exemplo anterior, o trecho “espia pa-pau (incompreensível) a du a du” não é reconhecido e o que está designado como incompreensível pode ser resultado de uma relação de valor singular no nível fonológico; assim como o trecho “abegui du livu” força o interlocutor a buscar uma aproximação com o costume da comunidade linguística.

Assim, se o que está em jogo é a subversão da linguagem, essa subversão estará sempre respaldada pela teoria do valor. E como o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia, também na fala sintomática são distintos os efeitos de sentido que carregam os termos em cada situação. (SURREAUX, 2006a, p.129)

A linguagem dos autistas talvez represente o melhor exemplo da impossibilidade de existência biunívoca entre significado e significante, entre um termo e seu conceito, uma vez que as associações efetuadas perpassam pelas impressões psíquicas que experiências particulares deixam nos autistas. A representação que os signos estabelecem é pessoal e intransferível. É pura sensação de sons e imagens mentais.

O sujeito autista está na linguagem, porém, ironicamente, tem dificuldades em fazer uso social dela. Isto é, está imerso profundamente no particular, na *parole*, e não no social, na *langue*. Nossa afirmação não contradiz que defendemos a ocupação de um lugar pelo autista na fala e na língua, apenas o coloca em níveis distintos de relação perante essas instâncias.

Na fala o autista estabelece uma relação mais confortável porque ela parece ser percebida como mais um objeto para sua auto-estimulação. Os sons produzidos estimulam os sentidos do autista sem que, necessariamente, necessitem sofrer alterações em sua sequência fonêmica pela ação do sujeito falante.

Com o reconhecimento da posição de um *eu* em oposição a um *tu* no discurso, a fala assume a característica de meio para a enunciação do autista, porém ainda pode manter-se estereotipada, porque essa é a maneira singular encontrada por esse sujeito para se enunciar.

Afirmamos que, com a língua, o autista se relaciona de modo mais hesitante, configurando uma falsa impressão de superficialidade, porque há um destaque para sua presença rígida no eixo sintagmático sem uma desenvoltura no eixo associativo (paradigmático) da língua. Esse comportamento representa a singularidade da relação do autista na instância da língua: um estado de desequilíbrio entre o sintagma e o paradigma.

Entender o sistema linguístico saussureano procurando relacioná-lo ao funcionamento do autista na língua, favorece o distanciamento do olhar para a dificuldade na linguagem do autista como um simples problema de comunicação. Há uma dificuldade na comunicação porque há um modo particular de relacionar-se com a língua. É necessário ao fonoaudiólogo ter clareza sobre o assunto.

O leitor, neste instante, não encontrando referências à linguagem no autismo poderá questionar sua ausência em meio às discussões deste capítulo. Entretanto, esclarecemos que até aqui, guiamos nossos argumentos pelo cajado de Ferdinand de Saussure, que deteve seus estudos no universo da língua e da fala.

Saussure, no entanto, não se eximiu da responsabilidade de se referir à linguagem, apenas apontou para uma ciência que estaria por vir encarregada de elucidar esse tema: a Semiologia. Do ponto de vista saussureano, caberia à linguística da época tentar esgotar o tema língua, como uma das formas de manifestações da linguagem: “a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos.” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 24)

Foi Émile Benveniste quem colocou a linguagem ao lado do homem, como condição de sua subjetividade, algo não pensado por Saussure. Esse destaque dado à linguagem por Benveniste, que insistiu no argumento de que, ao se propor como sujeito na linguagem, o locutor toma consciência de si, levou-nos a pedir-lhe de empréstimo sua teoria reconhecida nos termos na enunciação para abordar o encontro de um lugar na linguagem para o autista. Fato que tentaremos, então, desenvolver e discutir, a seguir, sob o arcabouço da teoria enunciativa de Émile Benveniste.

3.2 Linguagem e autismo: uma relação peculiar

A literatura científica e não-científica sempre deu um maior destaque as impossibilidades da linguagem como fator preponderante no autismo, caracterizando um discurso marcado pela partícula “não”.

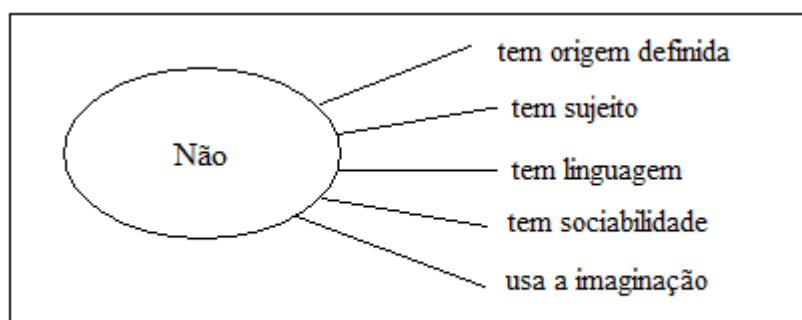


Figura 15: Discursos de cunho negativo que circunscrevem o autismo.

Sucintamente, a linguagem do autista é marcada por duas dificuldades: empregar um registro de significados compartilhados com outras pessoas e em situar-se como sujeito de seu discurso. (FERRARI, 2007)

Esses fatores resumem a dificuldade na comunicação característica do autismo, porém não definem a linguagem ou lugar desse objeto para o autista.

Desde a gestação, os autistas fazem parte do universo da linguagem quando são falados por outrem e assim postos na linguagem. Reagem aos sons da língua ou ao movimento de aproximação do outro com gritos, sons, ecolalia, isolamento ou movimentos estereotipados. Estão na língua e pela fala se fazem presentes, mesmo que essa fala seja marcada por alterações.

Entretanto, esses fatos são desconsiderados quando estamos diante das produções languageiras de um sujeito autista. Nos interlocutores há uma ansiedade natural e uma tendência inicial em assumir uma postura que os obriga a atribuir significações ao que o autista fala ou traz como linguagem. Esse comportamento faz com que encontremos na literatura científica declarações que enaltecem o problema da significação:

As frases que formam são combinações de palavras que repetem como um papagaio; algumas vezes voltam a dizê-las em seguida, e

outras vezes as armazenam para mais tarde. Se poderia falar aqui de uma ecolalia retardada.¹⁸ (KANNER, 1960, p.721) (grifos nossos)

A afirmação de Kanner de que “as frases que formam são combinações de palavras que repetem como um papagaio” coloca o discurso do autista como uma produção aleatória, sem propósito e sem quaisquer significados.

Não discordamos de Benveniste [1966] (2006) que afirma que o caráter original da linguagem é significar algo, de outro modo, ser compreendida e ter um sentido para um conjunto de locutores. Porém, acreditamos que diante das produções languageiras de um autista pensar apenas no problema da significação enquanto atribuição de uma intenção comunicativa, não representa a única perspectiva de análise da linguagem.

De outro modo, acreditamos que atribuir uma intenção ao discurso do autista, atrelando um significante a um significado, a partir de um suposto entendimento sobre “o que se quis dizer” não deve ser visto como a única forma de pensar sobre a linguagem no autismo. É preciso entender o lugar ocupado pelo autista na linguagem, que, de certo, tem como em toda relação um sentido.

Em nossa proposta, defendemos que na relação entre o sujeito autista e sua linguagem há produção de um lugar para o autista unido à condição de existência do sujeito.

Acreditamos que as diversidades que caracterizam a linguagem do autista – a ecolalia, os neologismos, a inversão pronominal, a dificuldade no acesso à partícula *sim* e os movimentos estereotipados – são meios encontrados para o sujeito se fazer presente. Tomamos por exemplo a fixidez no eixo sintagmático da língua discutida anteriormente e os recortes efetuados da linguagem de outrem, nos quais é possível

¹⁸ Do original: “las frases que formam son combinaciones de palabras que repiten como um loro; unas veces las vuelven a decir em seguida, y otras veces las almacenan para más adelante. Se podría hablar aquí de una ecolalia retardada.”

perceber variações entoacionais e combinações sintáticas que indicam uma apropriação parcial da língua pelo autista.

Por não seguirem uma maneira convencional de se enunciarem, os autistas não são percebidos ou identificados como sujeitos pelo senso comum, permanecendo em uma aparente situação de marginalização da linguagem.

Essa concepção é reforçada pelo comportamento negativo de reclusão ou rejeição ao contato físico e pelo olhar vago dirigido ao ambiente, que a literatura especializada menciona como característico do autista, mas que entendemos como modos encontrados por um sujeito de estar na linguagem.

Desta maneira, consideramos como linguagem os gestos, os silêncios, as ações, os balbucios estereotipados, os neologismos e as ecolalias dos autistas e encontramos dois modos do autista estar na linguagem: por meio do **corpo** representado pelos gestos significativos e pelos movimentos de retração ou agressividade, e através da **língua e da fala**.

Apesar de autores como Levin (1995) afirmarem que o corpo, as posturas, o tônus muscular, os movimentos e o silêncio no autismo estão numa posição de exclusão à linguagem, acreditamos que o movimento corporal de repulsa ao contato físico com pessoas ou com as ações do ambiente apontam para uma resposta defensiva às ações que possam retirar o autista da posição segura em que se encontram.

Dessa maneira, o que para muitos representa um obstáculo aos investimentos externos, no instante em que os estímulos dirigidos aos autistas parecem encontrar uma “crosta” que impede a emergência de respostas convencionais, frustrando as expectativas do interlocutor, em nossa concepção representa um modo peculiar de estar na linguagem.

Diferentemente das teorias que mencionam as ações do autista apenas como um comportamento indicativo de isolamento social ou, como aponta Levin, uma exclusão à linguagem, acreditamos que a agressividade demonstrada por meio de uma repulsa, por nós nomeada, nessa tese, como **um não corporal**, representa no autismo uma das possibilidades encontradas pelo sujeito para incluir-se e afirmar-se na linguagem. Nessa perspectiva, esse comportamento parte de um julgamento de valor: o interlocutor interrompe e incomoda o campo de segurança estabelecido no autismo.

O “não”, sob forma de gesto e de palavra, constitui a expressão semântica da negação e do julgamento; é ao mesmo tempo a primeira abstração da criança, seu primeiro conceito abstrato no sentido do pensamento adulto. O conceito é adquirido com a ajuda de um deslocamento do investimento agressivo e eu estimo que esse deslocamento é característico de toda abstração. (SPITZ, 2007, p.143)¹⁹

O não corporal representa uma resposta de recusa ao contato, o que indica que algo caiu no campo da percepção, posto que só evitamos ou negamos aquilo de que tomamos conhecimento.

Ilustramos nos exemplos a seguir, outra forma encontrada pelo autista de estar na linguagem através do corpo: os gestos significativos.

Luciano encontra-se deitado em decúbito dorsal no pequeno sofá de dois lugares do consultório fonoaudiológico. Insistimos em lhe falar, mas a criança não nos olha e mantém seu olhar fixo em algum ponto no teto da sala. Depois de algumas tentativas para chamar a atenção de Luciano, colocamos-nos em frente à criança de modo que entramos no seu campo visual. Luciano fecha os olhos apertando-os. Abre-os e torna a fechá-los do mesmo modo.

Em outro momento, Luciano, ao final de uma sessão fonoaudiológica, anda pelo ambiente de atendimento enquanto sua mãe conversa com a fonoaudióloga. Por diversas

¹⁹ Texto original: “Le “non”, sous forme de geste et de mot, constitue l’expression sémantique de la négation et du jugement; c’est en même temps la première abstraction de l’enfant, son premier concept abstrait au sens de la pensée adulte. Le concept est acquis avec l’aide d’un déplacement d’investissement agressif et j’estime que ce déplacement est caractéristique de toute abstraction.”

vezes, vem ao encontro materno e lhe puxa as mãos em direção a porta de saída. Em todas as ocasiões a mãe permanece sentada e responde: “espera, filho, que a mamãe está conversando”.

A conversa gira em torno do comportamento de Luciano na nova escola e a relação dele com os colegas e com a professora, até que a mãe lembra e comenta que a criança está falando, com a sua ajuda, o nome da professora da escola anterior.

Nesse momento, Luciano coloca-se de frente para sua mãe, põe o dedo em riste e faz o gesto de negação. Foi a primeira vez que a criança apresentou esse comportamento, apesar de, esporadicamente, já ter apresentado o meneio negativo de cabeça.

Os gestos de Luciano nas cenas apresentadas acima foram o modo encontrado pela criança de estar e de colocar a linguagem em funcionamento, confirmando o caráter primordial da linguagem que é significar. No dizer de Benveniste [1966] (2006), seriam recursos de comunicação sublinguísticos utilizados pela criança, ao lado das expressões corporais, fugas do olhar e sons aleatórios, que encontram, em nossa concepção, interlocutores dispostos a colocar os gestos infantis em seus discursos e que acreditam compreender o que a criança quer informar.

Para o autista que, de acordo com as descrições científicas, tem uma dificuldade em fazer uso da imaginação, sair do plano de atividades concretas para realizar um julgamento de valor no plano abstrato, ainda que por meio do corpo, representa um significativo indício da constituição de um sujeito na e pela linguagem.

Benveniste [1958] (2005) defende a posição fundante da linguagem como condição de subjetividade, lugar de constituição o sujeito. A subjetividade é definida

não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade

das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. (BENVENISTE, [1958] (2005), p.286)

Para esse autor, a consciência de si mesmo apenas é possível ao homem em uma relação recíproca de contraste constitutiva da pessoa: um “eu” que se dirige a um “tu” e que retorna a posição de “eu” no discurso.

Fundamentados na afirmativa de Benveniste de que na linguagem e pela linguagem o homem se constitui como sujeito sendo reconhecido pelos seus pares, acreditamos que o fonoaudiólogo pode: reconhecer os desvios na linguagem do autista como possibilidades de linguagem criadas por um sujeito para se estruturar; assumir como sua a posição de interlocutor do autista, colocando-se no discurso como o “tu” em alternância com o “eu” do autista. Afinal, é no par eu/tu no discurso que o homem se propõe como sujeito. (BENVENISTE, [1956] 2005)

Esse exercício de tomada de posição diante da linguagem provoca uma mudança de concepção sobre a linguagem no autismo, no instante em que deixa de ser percebida como uma não linguagem ou simples objeto de auto-estimulação e passa a ser vista como uma possibilidade enunciativa.

Não desconsideramos que a dificuldade inerente ao autista de perceber o outro provoca neste uma reação de objeção em se oferecer como interlocutor. No entanto, esse fato traz duas consequências para o lugar ocupado pelo autista na linguagem.

A primeira consequência dessa inexistência de alguém que se encontre na posição de interlocução e que se coloque como “tu” em oposição a um “eu”, é a **insistência nas constantes ecolalias**, pois julgamos que, sem um corte na pessoa do discurso, o autista apresenta-se como eco de si mesmo.

Prestemos atenção ao que Benveniste [1958] (2005) afirma a seguir:

(...) A linguagem só é possível porque **cada locutor se apresenta como sujeito**, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, ***eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.** A

polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. (BENVENISTE [1958] (2005), p. 286) [grifo nosso]

O “eu” da linguagem que se opõe ao “tu” marca a enunciação, o estar no mundo pela linguagem, na linguagem. É esse “eu” que situa o sujeito no discurso e que, ao longo desta tese, defendemos ocorrer por meio das estereotípias de linguagem comum ao autista. Para Benveniste [1956] (2005), “eu” significa a pessoa que enuncia, que apenas tem seu valor ou pode ser identificado como sujeito na instância do discurso.

No autismo, há o “eu” que fala repetidas vezes à espera de um parceiro “tu” que, exterior ao autista, torne-se seu eco, redefina sua produção languageira e lance de volta ao autista sua própria posição de “tu”, atestando a presença do sujeito. No entanto, o que ocorre é uma dificuldade na posição de alternância entre o “eu” e o “tu” porque, também, não há o outro que reconheça essa possibilidade de movimento. Assim, as repetições prosseguem no discurso do autista que “ecoa suas produções” indefinidamente.

Uma segunda consequência da inexistência de um corte ou do reconhecimento da linguagem, talvez a mais grave, é a manutenção de um comportamento de **indiferenciação entre o “eu” e o “tu” na linguagem**, o que torna comum ao autista não usar o pronome “eu” como identificação de si e a presença de inversões pronominais (uso de você ou tu referindo-se a si mesmo). Nesse aspecto, há um apagamento dos lugares eu/tu e o surgimento do lugar “ele”; há uma referência de si como se fosse algo externo ao autista, criando uma referência de si como sendo ele, alguém de quem se fala.

A falta de formação espontânea de frases e a reprodução ecológica originam um curioso fenômeno gramatical. Os pacientes repetem os pronomes pessoais tal como os escutam, sem ajustá-los a mudança de situação. (...) Conservam a fixação pronominal mais ou menos até os seis anos, idade em que vão aprendendo gradualmente a falar em primeira pessoa e a referir-se ao interlocutor em segunda. No período

de transição às vezes voltam a forma anterior ou **falam de si mesmos em terceira pessoa**.²⁰ (KANNER, 1966, p.721) [grifo nosso]

O surgimento da terceira pessoa no autismo nos remete ao que Benveniste ([1956] 2005) menciona como espaço da terceira pessoa no discurso: “Há enunciados de discurso, que a despeito da **sua natureza individual**, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação ‘objetiva’. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’.” (idem, p. 282) [grifo nosso]

Benveniste refere-se a terceira pessoa como a não-pessoa, o membro não marcado da correlação de pessoa, ou seja, não evidenciado em uma situação de alternância como ocorre na relação eu/tu: existe um “eu” que fala a um “tu” que responde. Na instância da terceira pessoa não existe uma relação que se alterna no discurso entre o eu/ele ou tu/ele.

É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva. (BENVENISTE, [1956] 2005, p.282)

A terceira pessoa é a instância na qual não há referência ao sujeito em si, mas ao objeto. Por ter dificuldade em reconhecer-se como o “eu” do seu discurso, acreditamos que a criança autista não se imponha como “eu” e faça uso do “ele”, de um objeto ele de quem se fala através do nome próprio. A alternância enunciativa se dá através de um “eu” e de um “tu” de uma criança autista que não é a proprietária do nome.

Essa atitude de a criança se referir a um terceiro, sendo esse terceiro ela mesma, pode provocar em seu interlocutor a referência àquele que está lá, e não à criança que está a sua frente.

²⁰ Do original: “La falta de formación espontánea de frases y la reproducción ecológica originan un curioso fenómeno gramatical. Los pacientes repiten los pronombres personales tal como los oyen, sin ajustarlos al cambio de situación. (...) Conservan la fijación pronominal más o menos hasta los seis años, edad en la que van aprendiendo gradualmente a hablar en primera persona y a referirse al interlocutor en segunda. En el período de transición a veces vuelven a la forma anterior o hablan de sí mismos em tercera persona.”

Há uma relação entre um “eu” e um “tu” que se enuncia na referência a si mesmo como alguém exterior.

O que é preciso considerar como distintiva da “terceira pessoa” é a propriedade 1º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui, agora*, etc. (BENVENISTE, 2005, p.283)

O autista, ao referir-se a si mesmo com seu nome próprio estabelece a instância da terceira pessoa porque: 1º não é a si mesmo que o discurso se refere. Não importa o nome utilizado porque o discurso continuaria com o mesmo sentido para um “eu” que fala; 2º não há alternância de posição entre um eu (nome próprio) e um tu. Há alternância entre um “tu” e um “eu” que fala de um ele que possui aquele nome próprio; 3º o nome próprio do discurso pode ser substituído por ele ou por pronomes demonstrativos e, ainda assim, manterá sua condição de terceira pessoa; 4º ao mencionar o nome próprio o que acontece no aqui e agora é a enunciação de um “eu” que faz menção ao nome para um “tu” que se interpõe no discurso.

Esse modo de se enunciar como “ele” representa exatamente o lugar do autista na linguagem. O nome a quem a criança se refere em seu discurso não poderia ser um qualquer, mas apenas um: o “eu” do discurso que, embora não se diga “eu”, funciona no “ele” como o “eu” que se enuncia.

A maneira de dirigir-se a algo exterior ao autista como forma de assumir o lugar enunciativo na linguagem, é melhor esclarecida no discurso de Estênio. No entanto, Estênio não usa seu nome próprio ou inversões pronominais para se enunciar, mas o faz através de uma canção popular infantil.

Durante as sessões fonoaudiológicas, Estênio constantemente apresentava a canção “o sapo não lava o pé” de maneira ecológica. Seus movimentos ritualísticos diante dos objetos da sala eram sempre os mesmos: sentava-se em frente à mesa infantil,

derrubava uma caixa com peças de um jogo de encaixe, enchia as mãos em concha com as peças e as soltava delicadamente como se fora areia que escapa entre os dedos. Em seguida, iniciava a canção “o sapo não lava o pé”. Ao seu término, encadeava a canção “eu vi o sapo” e recomeçava a cantoria repetidas vezes, acompanhada da atividade de juntar as peças do jogo de encaixe.

Dentro do contexto, acreditávamos que a canção era apenas uma canção familiar, a qual poderia ser tomada como meio para estabelecer um vínculo com a criança.

	Estênio	Isabela	Cena
1)	O sapo não lava o pé, não lava		Estênio inicia a canção
2)	Porque não quer ele mora lá na lagoa não lava o pé porque não quer, mas que chulé	Porque não quer ele mora lá na lagoa não lava o pé porque não quer, mas que chulé	A fonoaudióloga acompanha a criança
3)	Eu vi o sapo		A criança faz o encadeamento com outra canção.
4)	Na beira do rio de camisa verde morrendo de frio frio frio. Não era o sapo nem perereca	Na beira do rio de camisa verde morrendo de frio frio frio. Não era o sapo nem perereca	Mais uma vez a fonoaudióloga acompanha.
	era Nando só de cueca eca eca. O sapo não lava o pé não lava porque não quer ele mora lá na lagoa não (3s) porque não quer, mas que chu posso guardar?		

Entretanto, no decorrer dessa sessão em particular, mencionamos para a criança sua possível insatisfação no ambiente terapêutico (linha 5 a seguir) e a canção não prossegue nos demais encontros.

	Estênio	Isabela	Cena
1)		Tu queres guardar de novo? Tu pode falar, tu pode brincar...	Estênio apresenta a ecolalia "posso guardar?"

2)	Posso guardar? (...)		
3)		Pode, você pode fazer o que quiser. Queres fazer uma linha? Faz uma linha.	
4)	O sapo não lava o pé não lava porque não quer		
5)		Hoje tás a fim de fazer linha não, né?	

O SAPO NÃO LAVA O PÉ NÃO LAVA PORQUE NÃO QUER
 | | | | | | | |
 EU NÃO FAÇO ISSO NÃO FAÇO PORQUE NÃO QUERO

Por meio do “ele/sapo” o “eu” de Estênio se enuncia. O sapo não é um simplório personagem de uma canção popular, falado ou cantado por outrem. É no “ele” do sapo, assumido por Estênio, que encontramos o discurso do “eu”, apesar de, em nenhum momento o “eu” ter sido dito pela criança.

Ao longo dos atendimentos, a intensidade de utilização da canção “o sapo não lava o pé” foi sendo gradativamente substituída por Estênio pela expressão “qué não”, se extinguindo, assim, nos contatos terapêuticos:

	Estênio	Isabela	Cena
1)		Vai guardar? Aqui ó	A fonoaudióloga pega uma caixa para que Estênio guarde os brinquedos.
2)	êêêêi Qué não		
3)		Quer não?!	
4)	êêêêê		
5)		Quer esse? Quer esse?	A fonoaudióloga oferece alguns brinquedos.
6)	Não.		
7)		Quer não?	
8)	Qué não, qué não êêêêê		

As referências ao “ele” na canção eram do próprio sujeito e não do sapo. Na medida em que a criança conseguiu dizer “qué não” fazendo uso de uma sequência linguística particular, descartou o objeto sapo, ele – alguém de quem se fala -, para fazer-se “eu” na linguagem.

As alterações ou saída da linguagem de uma posição de fixidez no eixo sintagmático reforçam nossa concepção de que no autismo a forma encontrada pelo sujeito para se enunciar é através da repetição do discurso do outro assumido como seu. Portanto, é no lugar do “ele” que o autista se encontra na linguagem.

Julgamos haver no autismo um sujeito que se torna efeito da linguagem ao fazer uso dela de maneira bem particular, afinal, no dizer de Surreaux (2008), a linguagem comporta irregularidades e peculiaridades para cada sujeito. A ecolalia usada pelo autista é alterada em seu contexto de uso. E, mesmo que se repita em outra situação, ainda assim, conservará seu caráter enunciativo, pois indicará a colocação da língua em funcionamento por um sujeito em um espaço e tempo definidos.

Entretanto, estamos cientes de que a identificação de um comportamento estereotipado como momento de enunciação do sujeito não é facilmente atestada nem deve ser motivo de tensão para quem se coloque na posição de interlocutor do autista.

As dúvidas diante da linguagem do autista sempre existirão no que se refere a um comportamento estereotipado ou a um momento de enunciação de um sujeito. São elas que, a exemplo do que se segue abaixo, intrigam-nos sobre o que seria de natureza subjetiva ou objetiva no autismo, e justificam a posição assumida diante da linguagem de um autista: interlocutores ou expectadores da linguagem.

A presença constante da ecolalia “quero água” no discurso de Estênio durante as sessões fonoaudiológicas sempre gerou dúvidas sobre sua natureza pela relação com um instinto básico e vital do humano: saciar a sede.

Elia (2007) menciona o perigo da confusão em incluir o tempo da necessidade (instintivo e inato), aquele usado pelo bebê para saciar seus instintos, na história da constituição do sujeito. Segue explicando que experimentamos as exigências, proezas e debilidades do nosso organismo por meio “do campo da significação, do sentido, ou seja, pelo fato de que, por sermos falantes, somos marcados pela linguagem, pelo significante.” (Elia, 2007, p.46)

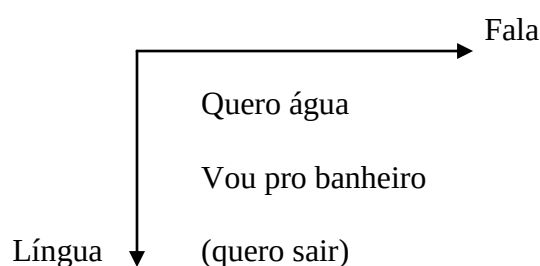
Nessa dúvida entre o que é da ordem do instinto de sobrevivência e o que poderia fazer parte de um processo de subjetivação na linguagem, diante da constância ecológica apresentada por Estênio, optou-se, nesse exemplo, por acreditar que a ecolalia “quero água” seria apenas um comportamento estereotipado, por crer que haveria outros discursos proferidos por Estênio em que estaria mais clara a enunciação do sujeito.

Assim, o clamor da criança pela água durante as sessões fonoaudiológicas não era atendido apesar de sempre permanecer a dúvida sobre a vontade da criança em saciar a sede.

Em uma das sessões posteriores, no entanto, no momento em que a ecolalia “quero água” surgiu, escolhemos dar vez ao que representava um instinto inato de sobrevivência do ser humano, beber água, em privilégio ao que poderia ser um possível aspecto subjetivo na linguagem ou um modo de enunciação do sujeito. Tentamos dirimir, assim, quaisquer dúvidas sobre o sentido dessa ecolalia na linguagem de Estênio (linhas 3 e 4).

	Estênio	Isabela	Cena
1)	Água.		
2)		Ãh?	
3)	Água.		
4)		Você quer água? Vou pegar água pra você, tá? (13s)	Pego o copo e a garrafa d'água que estão sobre a mesa e ofereço água a

		Estênio. A criança para sua ação e volta-se para mim com um olhar de incompreensão.
5)	Você não quer água? É pra beber a água (2s). Você não pediu água? Dessa vez eu trouxe (28s).	Em outras situações em que a ecolalia “quero água” esteve presente, permitiu-se que Estênio saísse do ambiente terapêutico e circulasse pela instituição, uma vez que o bebedouro ficava no refeitório.
6)	Vou pro banheiro.	
7)	Oi?	
8)	Vou pro banheiro.	
9)	Ah! Tu queres ir ao banheiro? Tu queres sair, dessa vez eu trouxe água e a gente não vai poder sair, né? E agora tu tá querendo ir ao banheiro (2s). Eu acho que tu tá querendo é sair, Estênio.	Permito que a criança saia do ambiente terapêutico e se dirija sozinha ao banheiro. No entanto, Estênio permanece no corredor, em frente ao banheiro, não entra, olhando para mim e retorna depois de algum tempo à sala de atendimento fonoaudiológico.



(Figura 16)

Há na linguagem de Estênio uma alteração de significantes nos eixos da língua e da fala, caracterizado pela alteração na cadeia, que passa de uma rigidez ecológica (“quero água”), para a expressão “vou pro banheiro” (linha 6). Nessa desarticulação de signos linguísticos, são feitas novas seleções e substituições que provocam rearranjos na

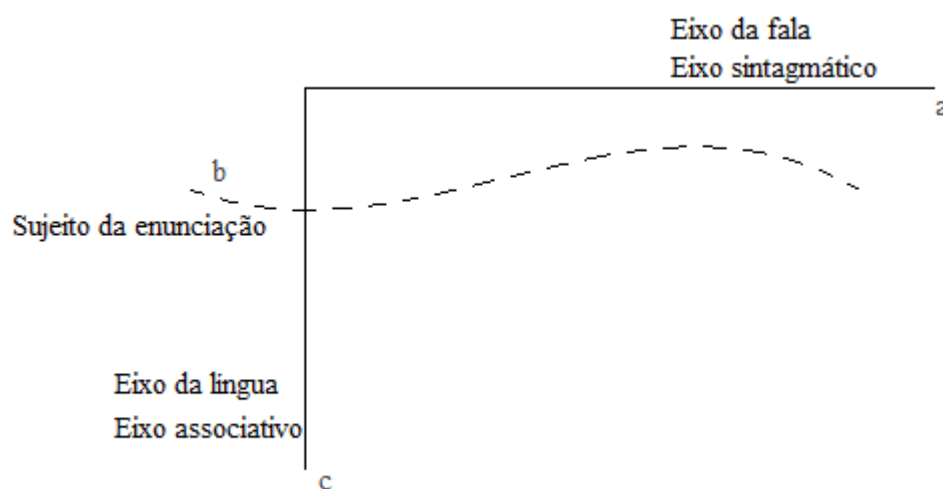
estrutura da língua. Essa saída do discurso ecológico para uma produção própria de Estênio comprova que a ecolalia “quero água” seria usada pela criança como uma forma de enunciação.

Deparamo-nos com um sujeito autista que, ao fazer uso de uma fala ecológica, se enuncia contrariando as asserções que enaltecem o seu distanciamento da linguagem. “Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”. (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 83)

Segundo Benveniste (idem), o ato individual de utilizar a língua introduz a figura do locutor como condição essencial da enunciação, enquanto a realização da língua representa na enunciação a apropriação da língua pelo locutor. Ambos os processos implantam o outro diante do locutor, independentemente do grau de presença que o locutor atribua a este outro.

No autismo, a relação peculiar que o autista estabelece com a linguagem parece dificultar a implantação do outro, e o reconhecimento desse outro na posição de interlocutor. Esse comportamento provoca uma fragmentação no processo enunciativo do sujeito autista e o seu retorno a uma posição de rigidez e segurança na linguagem.

Ilustramos, em nossa figura a seguir, o que afirmamos acima.



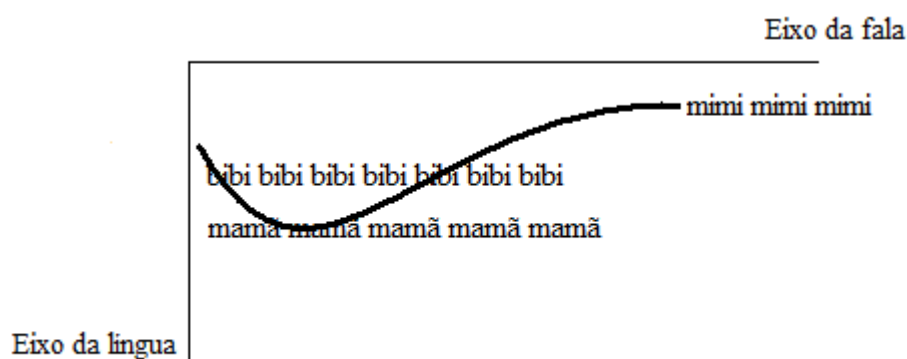
(Figura 17)

Representamos por uma linha tracejada ondulada o autista como o sujeito da enunciação, pois acreditamos em um estado de fixidez no eixo sintagmático (o eixo da fala) baseada na segurança necessária ao autista encontrada na linguagem. Situação já discutida por nós nesta tese no item sobre a relação autismo e linguagem no universo da língua.

Referimo-nos ao autista como um sujeito que está, e não que é, preso à fala, pois acreditamos em uma mudança de posição ou em um tímido deslocamento de signos com acréscimo, decréscimo ou rearranjos dos elementos linguísticos no discurso. Podendo isso ocorrer no encontro da linguagem singular do autista com um interlocutor disposto a compreender as diferentes produções linguísticas.

O autista representado pela linha b sai de uma posição aparentemente fixa em que repete trechos de discursos ouvidos anteriormente e, ao se deparar com um interlocutor, realiza um movimento de aproximação com novos signos que, conseqüentemente, possibilitarão a linguagem assumir posições cada vez mais originais. Porém, há uma resistência do autista na mudança de posição na língua que sempre provocará seu retorno a posição sintagmática inicial.

Em nosso exemplo, a seguir, é como se Luciano (linha b) tivesse saído de uma posição rígida, na qual repetia aleatoriamente o termo “bibí” por tê-lo escutado anteriormente, e realizasse um movimento de vai-e-vem em sua língua, ao se deparar com um interlocutor que associa a palavra “bibí” à figura materna, posto que esse é o codinome da mãe da criança. O que era outrora “bibí”, Luciano passa a substituir pelo sintagma “mamã”, para em seguida, reaver a aproximação com o sintagma original em uma manobra de justaposição, originando “mimi”. Entretanto, por não ter encontrado um interlocutor que identifique sua nova produção, os deslocamentos de signos cessam e a linguagem retorna ao ponto inicial: ausência dos termos bibi, mamã e mimi.



(Figura 18)

Comprendemos que uma das dificuldades em lidar com a linguagem do autista está na própria dificuldade do autista em estabelecer um entendimento sobre a condição daquilo que é intrínseco à linguagem: sua imprevisibilidade. Entretanto, a postura do interlocutor que não concebe nem mesmo a não (re)ação do autista como uma possibilidade de resposta ao ambiente que o cerca, é fundamental para que o autista permaneça sem ter reconhecida suas estereotipas como uma maneira encontrada para se enunciar.

De outro modo, para o autista se faz necessária a relação com um interlocutor que ateste e assuma como sendo próprias ao autismo as peculiares formas de linguagem para a definição do lugar do sujeito autista na linguagem.

O mutismo, os gestos e expressões faciais, os sons aleatórios, os neologismos e as repetições constantes na fala do autista devem pressupor para o fonoaudiólogo uma “concepção de linguagem que dê conta da falha, do heterogêneo e do inusitado” (SURREAUX, 2006b, p.175), porque é no inesperado da linguagem que também se ancora o sujeito autista.

Concordamos com a hipótese de funcionamento de linguagem²¹ trazida por Surreaux (2006b) ao explicar o que é a linguagem dentro de uma clínica que tem como objeto o que está desviante: **uma forma singular de organização do sistema de**

²¹ Essa expressão utilizada por Surreaux refere-se às possibilidades de organização e de funcionamento da linguagem de cada sujeito em um momento em particular.

linguagem que possui uma lógica específica.

Discutir a lógica de funcionamento peculiar ao autismo é admitir que o comportamento verbal característico da pessoa autista, a ecolalia, o mutismo, os neologismos e o comportamento de ação – estereotípias motoras²² também respondem a uma possível via encontrada pelo sujeito para enunciar-se.

A fala sintomática é linguagem e, se é linguagem, concebo-a como linguagem em funcionamento. E linguagem em funcionamento, na perspectiva que se está a propor (ou seja, numa tomada que comporte o funcionamento do não-funcionamento), é sempre da ordem da enunciação. (SURREAUX, 2006b, p.174)

Afirmar que a linguagem do autista também é da ordem da enunciação implica em dizer que é possível efetuar recortes nas manifestações languageiras do autista que indiquem a maneira peculiar do sujeito de organizar-se na linguagem. Trata-se de olhar para a linguagem do autista a partir do que a falta ou o excesso representa na inscrição de cada sujeito em particular.

Dessa maneira, defendemos a linguagem no autismo como uma condição singular encontrada por um sujeito de enunciar-se por meio de uma fala distorcida ou de um corpo falante; ou seja, possibilidade incomum tida pelo sujeito para tornar-se efeito da linguagem.

É uma linguagem definida como sintomática que encontramos no autista. Trois (2006) grafa a palavra *sinthoma* com *th* para expressar a forma de lidar com o desejo inconsciente e para diferenciar do sintoma encontrado na literatura médica referindo-se a um sinal de doença.

(...) O *Sinthoma* é uma provocação, um convite à invenção que é renovado a cada ato de linguagem e que reenlaça e reintegra o sujeito e a linguagem, revitalizando a ambos no exercício constante de (re)criação e de abertura da linguagem.

Assim, podemos dizer que o *Sinthoma* é uma forma de contornar aquilo que faz limite na língua, através da criação de novas formas que

²² Mordedura de suas mãos e braços, balanceio corporal, andar sobre as pontas dos pés, mãos em *fly*, fixação por movimentos rotatórios de objetos, girar sobre o próprio eixo e pulos exacerbados são alguns exemplos de estereotípias motoras.

ampliem as modalidades de expressividade e as condições de enunciação do sujeito na língua. (TROIS, 2006, p.126)

Trata-se de perceber a linguagem no autismo como algo que comporta a história do sujeito. É, acompanhando Surreaux (2006a), considerar o sintoma na linguagem do autista como uma combinação singular efetuada pelo sujeito, que, se tomada como ato criativo²³ e não como simples manifestação de um “erro”, pode dizer algo sobre o funcionamento daquela linguagem em particular.

²³ Termo utilizado por Surreaux (2006a) em referência ao modo de perceber a manifestação do sintoma de linguagem, derivado da concepção de linguagem, trazida pela autora, que comporta o funcionamento do que é irregular e de uma noção de sintoma que considera as manifestações languageiras próprias do sujeito.

REFLEXÕES FINAIS

Olhar para o lugar que o autista ocupa na linguagem, na língua e na fala permitiu que reconhecêssemos os neologismos, a ecolalia, os balbucios, os silêncios e as expressões corporais como características de uma relação peculiar permeada pela segurança entre a linguagem e o sujeito.

As concepções teóricas sobre a linguagem, que influenciaram a fonoaudiologia, fundamentadas em diferentes leituras do estruturalismo europeu e do estruturalismo americano, justificam a orientação dos profissionais que atrelam a linguagem ao sistema de comunicação, procurando discernir sobre os elementos desviantes da linguagem que dificultam o acesso do autista à função comunicativa.

No entanto, as interlocuções que traçamos entre fonoaudiologia e linguística, baseadas nos teóricos Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, possibilitaram perceber a relação singular estabelecida pelo sujeito diagnosticado autista e a linguagem.

O autista está na linguagem de dois modos desconcertantes. O primeiro, é através do corpo representado pelos movimentos estereotipados, rejeição a aproximação de pessoas e olhar vago. Essas são características do comportamento autístico que a literatura especializada indica como fatores de isolamento social e marginalização da linguagem, mas que apontamos como as possibilidades encontradas pelo sujeito de se fazer presente na linguagem.

O segundo modo é na fala e na língua por meio da ecolalia, inversões pronominais, truncamentos, neologismos, sons e balbucios aleatórios.

Essa identificação dos modos de estar na linguagem nos levou, necessariamente, ao lugar ocupado pelo autista nas diferentes instâncias: fala, língua e linguagem, porque é inevitável, após assegurarmos que o autista está na linguagem, questionarmos sobre o lugar que ele ocupa ou como é sua relação com a linguagem.

Percebemos, então, que o lugar do autista preso à fala tida como rígida e estereotipada se destaca, pois é na fala ou no eixo sintagmático da língua que ocorrem as manifestações linguísticas observáveis.

Acreditamos que a rigidez no eixo sintagmático se justifica porque esse é objetivo, já foi realizado no plano observável da fala de outrem, ao contrário do eixo associativo que ocorre à revelia do sujeito, na mente dos indivíduos, sendo mais subjetivo.

Há uma necessidade inicial do autista em se apropriar do sistema linguístico e utilizar a fala como objeto de auto-estimulação, ao exercitar seu aparelho fonador e auditivo em uma sequência repetitiva e incessante de sons e balbucios aleatórios. A fala sem qualquer alteração em sua forma, mantendo uma sequência linguística já conhecida, parece acalantar e manter o tempo físico presente em um estado permanente de certeza e tranquilidade. A relação entre o sujeito e a fala se dá, portanto, enquanto objeto de segurança.

Na língua, não há ausência do autista de um lugar no sistema linguístico saussureano. Parece existir no autismo uma dificuldade em impor limites ao eixo associativo da língua porque isso implicaria na ação do sujeito. Forçaria a saída do autista do lugar de segurança na linguagem resultante do conhecimento prévio dos elementos linguísticos utilizados.

Há, então, um desequilíbrio no sistema linguístico caracterizado pela fixidez no padrão sintagmático da língua ou eixo da fala representado pela ecolalia, em

comparação à fluidez no eixo associativo ou da língua. É como uma projeção na linguagem do comportamento social do autista, a fim de resistir às mudanças de rotina e de ambiente. Afinal, o conhecimento anterior das situações e posição espacial dos sintagmas é valorizado pelos autistas por lhes dar segurança.

A fala caracterizada pelo uso da língua de maneira ecológica, pelos truncamentos, pelos neologismos e pelos sons aleatórios é o meio encontrado pelo autista para se enunciar na linguagem, uma vez que, apesar dos desvios, há o domínio individual e a conversão oral da língua em discurso pelo sujeito autista que fala em um contexto específico, no aqui e no agora.

Cabe ao interlocutor atestar e assegurar que o comportamento peculiar do autista é a maneira encontrada pelo sujeito para se relacionar com a linguagem e a maneira de assumir sua posição singular de sujeito da enunciação. Isso possibilita perceber a relação do autista com a linguagem não apenas como uma relação entre o sujeito e um objeto de segurança, mais que isso, uma relação entre o sujeito e a linguagem no campo da constituição do sujeito, na ordem da enunciação.

A relação estabelecida do autista com a linguagem é de um estar constituindo-se enquanto sujeito da enunciação, presentificando-se e protegendo-se de algo externo que possa ser motivo de sofrimento, uma vez que a linguagem é o principal espaço de contato dos homens entre si e dos homens com o mundo. Nessa relação do autista com a linguagem é fundamental a participação do seu interlocutor.

A enunciação do sujeito autista se dá pelas marcas de uma linguagem sintomática e em constituição. O “eu” e o “tu”, ainda não constituídos, exigem dos seus interlocutores o reconhecimento das aparentes barreiras autísticas como produções linguísticas próprias ao autista.

Entretanto, a ausência desse interlocutor traz duas consequências para o lugar do autista na linguagem. A inicial corresponde à insistência nas constantes ecolalias porque não há um corte da pessoa do discurso. O “eu” fala repetidas vezes à espera de um parceiro “tu” que, em oposição e exterior ao autista, torne-se seu eco, redefinindo e retornando ao autista sua própria posição de “tu”, atestando a presença do sujeito da enunciação.

A consequência seguinte é a indiferenciação entre o “eu” e o “tu” na linguagem que torna comum a existência no discurso do autista de inversões pronominais (uso de você ou tu referindo-se a si mesmo) e a não utilização do pronome “eu” como identificação de si. Há um apagamento dos lugares eu/tu e o surgimento do lugar “ele”, possibilitando ao autista uma referência de si como algo externo a si mesmo, ou seja, uma referência de si como sendo ele, alguém de quem se fala.

Na linguagem acreditamos que o autista ocupa o lugar do “ele”. E é na posição do “ele”, alguém de quem se fala, que o sujeito autista se enuncia.

Inicialmente, não há uma oposição entre o “eu” e o “tu” como constituinte da posição de pessoa da forma como Benveniste assegura. As inversões pronominais características do autismo não configuram apenas uma inabilidade no uso dos pronomes, mas uma distorção na posição de pessoa, encontrada pelo autista para constituir-se enquanto sujeito na e pela linguagem. A oposição na linguagem ocorre com a instalação do terceiro, do “ele” entre o “eu” e o “tu”.

Ter conhecimento das peculiaridades da língua, da fala e da linguagem do autista torna possível ao fonoaudiólogo perceber que a sintomatologia do autismo é, na verdade, a única possibilidade encontrada do sujeito se enunciar, é uma forma de linguagem. É preciso, no entanto, ter disponibilidade para aceitar que as formas

linguísticas dizem algo sobre o sujeito, mas podem ser alteradas em uma intervenção clínica em que auxiliemos os autistas na saída do isolamento auto-imposto.

Identificamos, assim, no autismo uma relação pautada na segurança entre o sujeito e a linguagem que traz como sentido uma maneira própria de se enunciar.

A linguagem do autista funciona como um estado de segurança, uma barra de proteção contra as “hostilidades” do mundo, que se fixa no eixo sintagmático da língua com uma dinâmica particular que a torna única. É uma linguagem que constitui o sujeito autista e que necessita da ajuda de um interlocutor hábil em perceber essa relação entre o sujeito e sua linguagem, para oscilar em direção a uma maior aproximação a um padrão linguístico aceitável para a comunicação.

A linguagem desviante característica do autista tem a possibilidade de ser mais facilmente percebida e modificada quando, na clínica, o fonoaudiólogo passa a conceber a linguagem como algo além da comunicação e a compreende como campo de constituição do sujeito da enunciação, e esse é sempre único com suas singularidades, inclusive na linguagem.

Acreditamos que para a clínica fonoaudiológica de saúde mental, voltada para a assistência ao autista, possuir um entendimento da relação sujeito/autista/linguagem possibilita ao profissional intervir mais incisivamente na construção dos planejamentos terapêuticos, uma vez que, tendo-se conhecimento do terreno em que se está atuando, pode-se prever as possíveis direções dos tratamentos propostos.

Desta feita, o trabalho não se esgota neste momento. Faz-se necessário desenvolver estudos ainda sobre o tema linguagem e autismo, porém com ênfase na clínica fonoaudiológica. Estudos centrados na figura do autista, no que ele já traz como linguagem para a clínica fonoaudiológica, a fim de criar ou destacar as intervenções clínicas que aproximam a linguagem da realidade dos sujeitos. Além de analisar os

modelos clínicos existentes e procurar discorrer sobre o processo de saída do autista, enquanto sujeito falante, para o encontro com um sujeito da enunciação situado na linguagem, a partir da postura de um interlocutor, o fonoaudiólogo.

REFERÊNCIAS

- AIMARD, Paule. **A linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 128 p.
- ARANTES, Lúcia. **O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro**. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Fonoaudiologia: no sentido da linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Impasses na distinção entre produções desviantes sintomáticas e não sintomáticas**. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia (orgs.). Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. 446p.
- BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BERBERIAN, Ana Paula. **Fonoaudiologia e educação: um encontro histórico**. 2ed. São Paulo: Summus, 2000. 151p.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. 195 p.
- CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo: construção e desconstruções**, São Paulo: Casa do psicólogo, 2001. 149 p.
- CORVEZ, Maurice. **Les structuralistes: les linguistes, Michel Foucault, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Louis Althusser, les critiques littéraires**. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.
- CUNHA, Maria Claudia. **Fonoaudiologia e psicanálise: a fronteira como território**. São Paulo: Plexus, 1997. 160p.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. Trad. de Álvaro Cabral. v.1. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- _____. **História do estruturalismo: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**. Trad. de Álvaro Cabral. v. 2. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- _____. **História do estruturalismo**. Trad. de Álvaro Cabral; revisão técnica de Márcia Mansor D'Alessio. 2 v. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 80p.

FERNANDES, Eulalia. **Teorias de aquisição da linguagem**. In: GOLDFELD, Marcia. Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 106 p.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Ecolalia em psicoses infantis**. In: FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; PASTORELLO, Lucila Maria; SCHEUER, Claudia Inês. Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos da infância. São Paulo: Lovise, 1995. 219p.

_____. **Autismo infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico – aspectos funcionais da comunicação**. São Paulo: Lovise, 1996. 96p.

_____. **Distúrbios da linguagem em autismo infantil**. In: LIMONGI, Suelly Cecilia Olivan. Fonoaudiologia informação para formação – linguagem: desenvolvimento normal, alterações e distúrbios. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 163p.

FERRARI, Pierre. **Autismo infantil: o que é e como tratar**. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: Paulinas, 2007.

FINGER, Ingrid. **A abordagem conexionista de aquisição da linguagem**. In: QUADROS, Ronice Müller de. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 304 p.

FLORES, Valdir do Nascimento. Entre o *dizer* e o *mostrar*: a transcrição como modalidade de enunciação. **Organon**. Linguagem e Sintoma. Porto Alegre, v.20, n.40/41, p.61-75, 2006. Semestral.

_____. **Das relações entre a linguística da enunciação e o estudo da fala sintomática**. In: GRAÑA, Carla Guterres. Quando a fala falta: fonoaudiologia, linguística e psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

_____. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos. **Avaliando a linguagem na ausência da oralidade: estudos psicolinguísticos**. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 96p.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 20 ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. 162 p.

KANAVILLIL, Rajagoalan. **O lugar da linguística no estudo da linguagem**. In: PARLATO, Erika Maria; SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. O sujeito entre a língua e a linguagem. São Paulo: Lovise, 1997.

KANNER, Leo. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966. 747p

KANNER, Leo; McKAY JR, Robert J.; MOODY, E.Earl. Problems in child psychiatry. **Pediatrics**. n.4, v.11, abr, 1953, p.393-404.Disponível em:< <http://www.pediatrics.org>>. Acesso em: 13 jul. 2007.

LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 347p.

_____. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

NÓBREGA, Mônica. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível? **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

NORMAND, Claudine. **Os termos da enunciação em Benveniste**. In: OLIVEIRA, Sergio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana. O falar da linguagem. São Paulo: Lovise, 1996b.

_____. **Saussure**. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184p.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. **Encontros e desencontros da fonoaudiologia**. In: PASSOS, Maria Consuelo (org.). Fonoaudiologia: recriando seus sentidos. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002. 152p.

_____. **Desenvolvimento da linguagem**. In: FERREIRA, Leslie P. e col. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Rocca, 2004. 1076p.

PERISSINOTO, Jacy. **Conhecimentos essenciais para atender bem as crianças com autismo**. São José dos Campos: Pulso, 2003. 65 p.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. **Do desmame ao sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

RATEY, John J.; JOHNSON, Catherine. **Síndromes silenciosas: como reconhecer as disfunções psicológicas ocultas que alteram o curso de nossas vidas**. Trad. Heliete Vaitsman. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 392 p.

RÊGO BARROS. Isabela Barbosa do. **Os ecos da fala na clínica fonoaudiológica**. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. [1916] Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A fonoaudiologia como ciência: perspectivas epistemológicas.** In: PASSOS, Maria Consuelo (org.). Fonoaudiologia: recriando seus sentidos. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002. 152p.

SPITZ, René A. **De la naissance à la parole:** la première année de la vie. Traduit par Liliane Flournoy. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2007. 306 p.

SURREAUX, Luiza Milano. **Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem.** Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGL/UFRGS, 2006a.

_____. Hipótese sobre o funcionamento da linguagem. In: **Organon.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Vol 20, n.40/41, 2006b. Semestral p. 157-177

_____. **Sobre o sintoma de linguagem na clínica de linguagem.** In: GRAÑA, Carla Guterres. Quando a fala falta: fonoaudiologia, linguística e psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SYDER, Diana. **Introdução aos distúrbios da comunicação.** Rio de Janeiro: Revinter, 1997. 188p.

TERÇARIOL, Denise. **A clínica fonoaudiológica: da prática à construção de fundamentos teórico-metodológicos.** In: GRAÑA, Carla Guterres. Quando a fala falta: fonoaudiologia, linguística e psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TROIS, João Fernando de Moraes. Por um novo paradigma: o *sinthoma* e a “Clínica de Linguagem. In **Revista Organon**, volume 20, número 40/41, Porto Alegre: UFRGS, 2006, p.123-140.

TUSTIN, Frances. **Barreiras autistas em pacientes neuróticos.** Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 259 p.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 168p.